Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 261 Segunda-feira, 12 de Janeiro de 1987 Preço 40$00

MOÇAMBIQUE

Chissano remodela governo Pág. 23

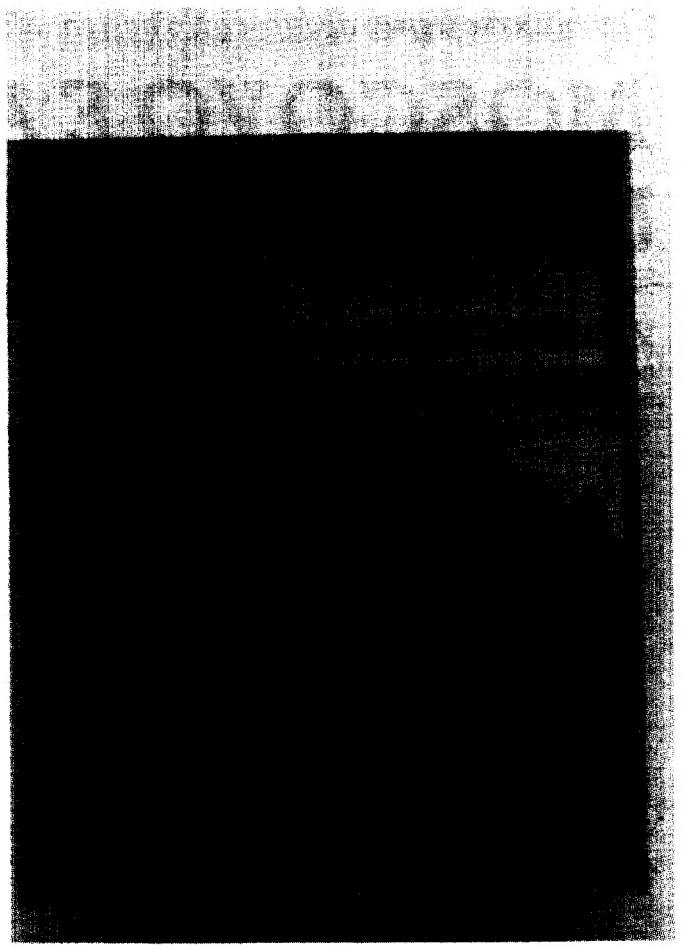
Beleza não esperou pelos deputados

SAÚDE ORIGINA "INDIGESTÃO" PARLAMENTAR

A recente publicação de legislação referente ao sector de saúde, particularmente no que se refere à gestão hospitalar, poderá levar mais uma «indigestão» a S. Bento. De facto, pelo menos três partidos, PS, PRD e PCP, preparam-se para solicitar a ratificação do decreto governamental.

Há alguns meses que a Comissão Parlamentar de Saúde tem entre mãos um projecto-lei sobre a matéria, da autoria do deputado renovador Dias Carvalho, e a ministra da Saúde foi informada do facto.

Pág. 11



HOGAN, PINTOR

O típico é quase sempre só pobreza

Págs. 8 e 9

Guimarães: meia Vitória nas Antas

Espectacularmente o Vitória de Guimarães não tremeu na visita ao «inferninho» das Antas: por duas vezes esteve no comando e acabou por retirar para o Castelo com mais um ponto.

Págs. 16 e 17

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

20 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º – LISBOA

«Militarização da Africa» foi o tema, escolhido pelo Instituto para a Pesquisa da Paz Internacional, de Estocolmo,de uma conferência que reuniu observadores de todo o mundo, especialistas nesta área. Um deles foi o dr. Winrich Kuhne, que, depois de ter visitado a «União Soviética de Gorbatchev», se mostra convencido que existem evidentes inflexões na política externa de Moscovo, designadamente em relação à África do Sul.

MOSCOVO E A ÁFRICA: UMA NOVA POLÍTICA

Gill Dwyer

AS relações das superpotências com a África estão a entrar numa nova era, de acordo com peritos na política soviética e norte-americana para África. Os novos ventos, quesopram da União Soviética, de Gorbachev, estão a começar a sentir-se em África. Em resposta, os partidários da linha dura, em Washington, parecem compelidos a abrandar a sua apressividade.

Face às novas realidades, a União Soviética admite que o «socialismo africano» se desvie da pureza ideológica, e lance pontes para o Ocidente.

Os seus desígnios para a África Austral, e em especial para a África do Sul, são surpreendentemente modestos, de acordo com o dr. Winrich Kuhne, um dos mais reputados especialistas na política africana de Moscovo, que acaba de regressar de uma visita à União Soviética.

Kuhne, de nacionalidade oeste-alemã e membro do «Stiftung Wissenschaft und Politik», ficou impressionado pelo pragmatismo e crescente abertura ao diálogo existente nos institutos de política externa soviética.

Na sua opinião, a África tornou Moscovo cínico. A União Soviética acha que é muito difícil de lidar com a complexidade dos conflitos étnicos, e, ao mesmo tempo, está desapontada com o «socialismo africano». O problema reside no que os soviéticos chamam «condições objectivas».

Kuhne explica: «Desde o tempo de Lenine que tem sido motivo de debate o facto de as condições objectivas — e por estas entende-se a existência de industrialização e de uma verdadeira classe trabalhadora — serem quase inexistentes em África.

«Construíram então a doutrina da **orientação socialista,** com a qual esperavam que, criando uma economia de Estado, organizações de massa e um partido de vanguarda marxista-leninista, fosse possível, com o apoio cada vez maior dos países comunistas, nomeadamente no domínio da cooperação militar, continuar a trabalhar a via do socialismo.»

«Nos finais da década de 50, existia um grande optimismo, acreditando-se que os soviéticos pudessem criar uma 'zona tampão a que chamavam zona paz', em África, a partir da qual fosse possível desestabilizar o mundo capitalista. O primeiro ponto crítico foi o Gana, em 1966, quando os soviéticos se aperceberam que as coisas eram muito mais difíceis do que pensavam.

«Agora até mesmo a concepção de orientação socialista está a desaparecer. Não o afirmam directamente, mas fazem referência a um longo prazo de implementação. Confirmaram-me que, até que o socialismo chegue à África, falta muito, muito tempo. Tudo isto deve ser correlacionado com as mudanças que se efectuam na própria União Soviética, impulsionadas por jovens académicos.»

E continua afirmando: «Encontrei nos soviéticos tendência para admitir que as quintas estatais e a colectivização são, na maioria dos casos, um fracasso em África. Justificam o facto dizendo que muitos dos socialistas africanos são demasiado precipitados. Cada vez são mais os soviéticos que acreditam que o que é necessário reforçar é a iniciativa privada, especialmente entre os camponeses.»

Antes da sua última visita a Moscovo, Kuhne compartilhava o pensamento ocidental de que a África do Sul constituía a maior esperança soviética para a implantação do socialismo em África, devido ao seu grau de industrialização. Mas agora está convencido de que a União Soviética não dispõe de uma política definida para transformar a África do Sul num «satélite».

Recolheu opiniões que levam a crer que, após a queda do «apartheid», a África do Sul permanecerá economicamente ligada ao Ocidente. E acrescentou: «O que eles esperam é uma espécie de orientação socialista, com uma economia mista. Aceitam que os mercados estejam no Ocidente, e que a ideologia não consegue mudar os factores económicos.

«Este ponto de vista não é só partilhado entre os académicos, mas também no departamento internacional do Comité Central e em outros centros de decisão. É visível que desde 1981, os soviéticos têm, na prática, concedido um apoio muito limitado ao Congresso Nacional Africano (ANC).»

Além dos factores económicos, os soviéticos estão sendo prudentes, não colocando grandes esperanças no socialismo na África do Sul, porque sentem que a oposição negra é demasiado espontânea e desorganizada.

Kuhne afirma: «Suspeitam dos 'jovens camaradas' das cidades. Não acreditam que os 'jovens camaradas' compreendam o socialismo. Os soviéticos não compreendem a consciência negra e têm medo que ela seja racista.»

«É claro, na propaganda tudo o que se relacione com brancos é mau. Mas os soviéticos são brancos, e ao nível emocional os negros podem constituir mais um problema para eles. Não é possível saber-se qual destes pontos de vista é que virá à superfície na política oficial. Mas fiquei surpreendido quando descobri a compreensão que manifestam pelos direitos da minoria branca.»

O novo pragmatismo não se estende somente aos brancos. O dr. Kuhne afirma: «Se o Ocidente começar a insistir numa iniciativa de sentar negros e brancos à mesa das negociações, os soviéticos insistirão em que seja dado ao ANC um papel importante. Mas as pessoas com quem falei admitiram que a Inkatha (o principal movimento zulu do chefe Gatsha Buthelezi) também deveria ser incluída.»

Os casos de Angola, da Etiópia e de outros países fizeram-lhes temer os problemas étnicos e sentem por isso que a conciliação nacional é importante desde o início.»

O comportamento soviético nos anos 70 reforçou, no Ocidente, a ideia de que os soviéticos procuravam certas vantagens da instabilidade na África Austral. Acontecimentos posteriores fizeram com que Moscovo queira, neste momento, sobretudo não perder o controlo da situação, não só porque isso enfraqueceria o seu poder negocial face aos Estados Unidos mas também porque mostra que, numa política global, já têm demasiados problemas regionais.

As reticências postas por Moscovo sobre uma política de maior confrontação das provocações com os americanos, aplicam-se a toda a África, apesar de Kuhne salientar que, em Angola e na Etiópia, o prestígio soviético não permitirá que aceitem abertamente uma derrota militar.

Obviamente, de um ponto de vista estratégico, é importante para a União Soviética que a África do Sul negra permaneça, pelo menos, não-alinhada, já que 50 por cento das mercadorias importadas pelo Leste passa pela rota do Cabo.

Mas Kuhne não prevê que tentem obter uma base de operações militares na África do Sul, nem que neguem ao Ocidente a utilização dos minerais sul-africanos, que os soviéticos também produzem.

E acrescenta: «**Os soviéticos não dispõem de capacidade financeira para adquirir e armazenar estes minerais.** Na realidade, para financiar o desenvolvimento, um governo negro aumentaria provavelmente a produção destinada ao mercado ocidental. Em Angola, por exemplo, todo o petróleo se destina ao Ocidente e é explorado por empresas ocidentais, apesar de as instalações serem guardadas por soldados cubanos.

SE OS JOVENS PUDESSEM...

José Manuel Rodrigues
19 anos, estudante (12.º)

"Destruir uma parede à martelada dá-me gozo"

Em que mudanças apostarias neste novo ano?
— Bom, há muitas coisas que eu gostaria de mudar, mas sozinho não posso. E se tu vires bem, são poucos os que o conseguem fazer. Seria necessário que as pessoas se juntassem num grupo grande.
Um grupo grande? Tipo partido, é isso?
— Não, não. Um grupo que existisse fora da política. A política não me interessa.
Que problemas gostarias de ver resolvidos?
— A droga. Olha, um amigo meu meteu-se num desses grupinhos de ganza. Até cortou relacionamento comigo, porque eu não queria entrar na onda dele. «És um parvo», dizia ele. Deixa ser.
Aspirações pessoais para 87, também tens, não?
— Sim. Gostava de ir para a Força Aérea e tentar subir lá dentro. Mas também não ambiciono muito. Vou para lá agora mesmo; apresentar-me como voluntário.
Porque é que queres ser voluntário?
— O meu pai foi tropa em Moçambique, na guerra. E eu andei sete anos nos Pupilos do Exército. Já convivi com o ambiente, sei portanto o que quero.
Aderes ao espírito militar?
— Sim. Claro que há sempre outros a mandarem em nós. Mas por isso mesmo é que eu quero ver se subo para poder mandar nos outros.
Boa. És um durão?
— Acho que não. Tenho algumas regas para mim mesmo, mas isso não exclui que dê umas escapadelas de vez em quando. Bebo mais um bocadinho numa festa, fumo um cigarrinho e fico-me por aí.
Tinha de haver alguma coisa a explicar esse teu físico. És um tipo atinado. Claro que praticas desporto?
— Sim: futebol e ténis. Mas agora estou parado no futebol porque tive uma rotura.
Porquê a Força Aérea?
— Desde pequeno que eu quis ser aviador. Só que não tenho condições físicas para isso.
Por exemplo?
— Coluna direita e dentes em condições.
Dentes?
— Pois. Se tu tens dentes estragados vais lá para cima e começam-te a doer para caraças. Agarras-te à boca e lá vai o avião. Para além do mais, é preciso saber matemática e física, e eu sou preguiçoso a estudar.
Então vais-te propor para que sector?
— Polícia Militar.
Quê?
— Bem, eu sempre gostei muito de armas. E sou um gajo que tem impulsos destes: sei lá, agarrar num martelo e destruir uma parede. Dá-me gozo.
Deus meu. És um tipo violento?
— Não, não sou. Há muitos anos que não dou um murro a ninguém.

Crónica de economia política

AS ECONOMIAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NO SISTEMA MUNDIAL

Mário Murteira

Uma corrente de pensamento importante na análise dos problemas do desenvolvimento e do subdesenvolvimento situa estes no quadro dum sistema capitalista mundial que tem gerado ao longo dos tempos, particularmente nos últimos cem anos, um tecido articulado à escala planetária de zonas de «desenvolvimento» e zonas de «subdesenvolvimento», estas bem mais amplas do que as primeiras.

Para alguns autores desta corrente, o essencial respeita à polarização da economia mundial num «centro» e numa «periferia» e, então, o tão falado desenvolvimento implicará necessariamente a desconexão ou ruptura do sistema mundial que gerou a desigualdade cumulativa entre economias centrais e economias periféricas, ou seja, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento como monstruosos irmãos siameses.

Outros autores, mais matizados nas suas análises, assumem como possível alguma forma de passagem da periferia ao centro — ou seja de «desenvolvimento» — sem necessidade de rupturas, identificando então a categoria de **desenvolvimento associado** ou de **semiperiferia,** como escalão intermédio no sistema mundial. O Japão passou de «periféico» a «central», a Coreira do Sul, Taiwan ou o Brasil, de periféricos a semiperiféricos, etc. Embora difícil, parece então que é possível no sistema mundial a ascensão da periferia ao centro, pelo menos, ao nível intermédio da semiperiferia, sem necessidade de ruptura brusca com aquele sistema.

Como se adivinha, a questão é muito complexa e seria despropositado nesta crónica fazer mais do que uma simples alusão ao assunto.

Em todo o caso, parece-nos interessante partir dela para sugerir (e apenas isso) uma reflexão mundializada e articulada sobre as economias de expressão portuguesa, na América Latina, Europa e Ásia. E isto porque, além do mais, uma estratégia de política (não só económica) externa do Estado português deveria situar-se em tal quadro de reflexão, sem todavia esgotar-se nele.

De que se trata afinal, concretamente?

Em primeiro lugar, registar factos como os seguintes:

As economias em questão integraram o chamado império colonial português, espaço político-económico que teve o seu papel — por vezes decisivo — na própria formação do sistema capitalista mundial. Olhar essa história à luz do tempo actual, ilumina não só o passado como o próprio presente. Se Portugal teve, na realidade, três e sucessivos «impérios» — na Índia, no Brasil e na África — desfez-se deles, literalmente, desfazendo-se de algo de si mesmo, ficando sempre por esclarecer qual era exactamente a **parte sobrante** em cada etapa do processo de liquidação colonial.

As economias autonomizadas desse processo histórico em parte comum, ocupam hoje posições bem distintas no sistema mundial e movem-se segundo lógicas próprias sem elos visíveis de interdependência. Entre a África Austral, a periferia europeia e ibérica ou a América Latina, escassas afinidades político-económicas parecem à primeira vista possíveis. Porém, em termos menos macroscópicos, há óbvias aproximações possíveis entre o Brasil e Angola, Portugal e Cabo Verde, etc., talvez articuláveis entre si.

Em segundo lugar, registados os factos, podem formular-se projectos — ou talvez melhor, identificar alguns que estão ou estiveram em curso, sobretudo desencadeados a partir do Brasil, a componente de longe mais poderosa e pujante do conjunto, em termos económicos, políticos e culturais, como se sabe.

Em terceiro lugar, podem imaginar-se cenários evolutivos do conjunto, mais ou menos normativos ou voluntaristas.

Por exemplo, poderia estruturar-se um cenário evolutivo a partir duma teoria centro-periferia com escalão intermédio, tal como referimos de início.

Aceitemos, sem discussão, que Portugal e Brasil são actualmente semiperiféricos e os cinco países africanos apenas periféricos, sendo três deles, talvez quatro — além disso — países LDC (Least Developed Countries, na classificação da ONU), isto é, integrando a cintura mais pobre da periferia.

Tenderão estes sete elementos do sistema capitalista mundial a manter tais posições relativas ou, nalguns casos, será admissível um claro movimento ascendente eventualmente arrastando — como associados — outros componentes do conjunto? Poderia, por exemplo, supor-se o Brasil elevando-se na semiperiferia arrastando consigo alguns países africanos lusófonos da costa ocidental. Tudo isto é apenas grosseiramente indicativo dum processo analítico praticável numa reflexão geoestratégica do actual «mundo» — bem desintegrado — de expressão portuguesa.

É possível que o leitor apenas recolha destas notas um desconsolado sabor a ficção científica, ainda por cima, de baixo nível imaginativo. E, se isso acontecer, mais do que possível, é provável que tenha razão.

Em todo o caso, o mau aspecto talvez seja mais culpa do alfaiate do que do corpo de quem veste o fato. Da forma de quem escreve mais do que da matéria que lhe fornece o assunto.

Porque em suma, «modernizar» Portugal é para nós expressão vazia de sentido se não se posicionar activamente Portugal no mundo, incluindo nesse mundo aqueles sítios onde (ainda) se fala português, ou algo que (ainda) nos é inteligível. E posicionar Portugal é, além do mais, saber com a clareza e vontade necessárias se projectamos subir (e por qual escada?) no tal sistema mundial bem hierarquizado ou se apenas, e desesperadamente, procuramos retardar a descida.

Um estudo recente de Giovanni Arrighi e Jessica Drangel (1), procurando identificar com precisão a zona intermédia ou semiperiférica da economia mundial, permitiu conclusões interessantes, ainda que discutíveis e frágeis nalguns aspectos. Talvez a mais importante dessas conclusões seja o reconhecimento de que nos últimos quarenta anos a industrialização da periferia e da semiperiferia **não subverteu** mas antes **reproduziu** a hierarquia do sistema mundial. Por outras palavras: é preciso correr muito para não descer de posição, e só correndo muitíssimo e em condições excepcionais parece praticável subir da periferia à semiperiferia ou desta ao primeiro andar (centro).

No actual contexto económico dos países de expressão portuguesa, só o Brasil parece (mesmo assim com grandes interrogações) capaz de não perder posição relativa no sistema mundial.

Não é assim de estranhar que tenda claramente a reforçar posição dominante à escala do conjunto lusófono.

Mas seria também interessante — ficará para outra vez — discutir os conceitos de centro, periferia e semiperiferia não à escala mundial, mas simplesmente numa subregião desse espaço — a Europa da C.E.E.

(1) Publicado em *Sviluppo*, Roma, Abril-Junho 1986, n.º 47.

As teses da "post-social-democracia" e Pierre-Joseph Proudhon

Ricardo Leite Pinto

De entre os vários teóricos que, ao longo da década de 70 a 80, do presente século, se têm debruçado sobre os efeitos nefastos do Estado Providência, tal como actualmente se apresenta aos nossos olhos, nomeadamente sobre a sua fraca eficácia social, é justo salientar, dentro de uma linha de pensamento claramente de Esquerda, o nome de Pierre Rosanvallon, o introdutor no mercado político actual, da tese **post-social democracia.**

O essencial das suas concepções políticas, pode colher-se em dois livros: **L'Age de L'Autogestion** (escrito em colaboração com Patrick Viveret) e, sobretudo, **La Crise de L'État Providence,** que veio a lume, em França, em 1981, e foi recentemente traduzido em português.

Para o propósito das presentes notas, recorremos tão só a esta última obra, a todos os títulos paradigmática do pensamento de Rosanvallon, e a ela nos reportaremos na indicação das passagens citadas.

A alternativa ao Estado Providência, assenta, de acordo com a proposta de Pierre Rosanvallon, no apelidado espaço post-social-democrata. Este espaço caracterizar-se-ia, de acordo com este autor, pela redução do papel do modelo Keynesiano e pela combinação dos modos de regulação autogestionário e intra-social.

Neste sentido haverá que ultrapassar a rígida dicotomia mercado/Estado, ou, por outras palavras, afastar as ideias preconcebidas de que um serviço público=Estado=não-mercado=igualdade e, ao invés, um serviço privado=mercado=lucro=desigualdade.

Socializar, descentralizar e **autonomizar são** pois palavras de ordem de Rosanvallon.

Mas, como o divulgador da pós-social democracia o assinala, a via essencial no seu modelo através de um triplo movimento de redução da procura do Estado, pela reinserção da solidariedade na Sociedade e de produção de maior visibilidade social, é a via da **autonomia.**

Conclui Rosanvallon: «C'est cette voie que peut être la plus neuve et la plus intéressante pour répondre aux difficultés de l'État-providence et faire face aux besoins sociaux de l'avenir» (pág. 112).

Ora, a via da autonomia será sem dúvida, a mais interessante, mas do que, em caso algum, a mesma se pode reivindicar, é de ser **nova**...!

Com efeito parte substancial da tese pós-social-democrata, mais não faz do que apelar às concepções que Pierre-Joseph Proudhon, no seu apostolado doutrinário, sustentou entre as décadas de 40 e 50 do século passado.

Designadamente os contributos pós-sociais-democratas quanto aos apelidados «auto-serviços colectivos» ou «serviços públicos pontuais de iniciativa local», são claramente tributários da estrutura económica, sustentada por Proudhon, a chamada «economia mutualista».

Outrossim, quando Rosanvallon vem erigir como ponto central das suas concepções, **a criação de um direito adequado** à redução da procura do Estado e à produção da sociabilidade, e nos fala de uma **Teoria do Direito Social,** mais não faz do que retomar a concepção de Justiça cara a Proudhon, que assenta precisamente, numa **Teoria do Direito Social.**

Vejamos, sem preocupações de exaustão, um pouco mais desenvolvidamente um e outro dos pontos antes focados.

Na perspectiva de Rosanvallon, um dos factores chaves que são causa da crise do Estado Providência, resulta da extrema rigidez com que as necessidades sociais as mais variadas são supridas. O sistema de satisfação dessas necessidades é **bipolar:** ou o **mercado** ou o **Estado.** Não existem espaços alternativos à satisfação das necessidades.

Impõe-se pois, na tese pós-social-democrata, reduzir a procura do Estado, tornando a sociedade civil mais densa e simultaneamente desenvolver espaços de troca e de solidariedade no seu seio, e não apenas projectados ou exteriorizados sobre os dois únicos pólos existentes, **mercado** ou **Estado.**

Como forma de expressão desta solidariedade colectiva, é possível conceber, adianta Rosanvallon, que certos serviços colectivos (como, por exemplo, os infantários), em regra dirigidos por instituições especializadas, possam ser satisfeitos pela iniciativa dos indivíduos interessados que se agrupam para tais tarefas, e aos quais, o Estado reconhece, sob a forma de dedução fiscal, por exemplo, que a sua iniciativa preenche uma função de natureza pública.

Assim, conclui Rosanvallon:

«La seule façon de reduire de maniére non regressive la demande d'Etat consiste à favoriser la multiplication de ces auto-services collectifs ou services publics ponctuels d'initiative locale» (p. 118).

Ora o apelo pós-social-democrata, que é feito de forma clara e sem tergiversações à regulação intra-social da sociedade civil, e que afasta o «governamentalismo» e a «estatização», navega precisamente nas mesmas águas do modelo mutualista de Proudhon.

Com efeito Proudhon é particularmente claro quanto à necessidade de propor um modelo cuja estrutura social assente em relações «horizontais» igualitárias, entre produtores e grupos de produtores, sem o Estado ou o Governo imponham quaisquer tipos de constrangimentos ou de métodos de homogeneização, típicos do «governamentalismo».

Afirma Proudhon:

«À cette conception gouvernementale vient s'oposer celle des partisans de la liberté individuelle suivant lesquels la societé doit être considerée, non

Continua na pág. 12

Almeida Santos sobre as frequências de rádio:

"NAO HOUVE COMPROMISSO DO ESTADO COM A RENASCENÇA"

Almeida Santos negou a existência de qualquer compromisso do Estado com a Rádio Renascenca relativamente à frequência concedida há um ano à emissora católica e agora posta em causa, com a aprovação pelo Parlamento da lei dos licenciamentos das rádios.

O deputado socialista que, na qualidade de ministro do Governo PS/PSD, esteve ligado ao despacho de concessão, em Outubro de 1985, de duas frequências nacionais de rádio à RDP e à RR, frisou que a autorização, então dada, era para «utilização provisória de uma rede nacional de FM em frequências a determinar pelos competentes serviços de telecomunicações».

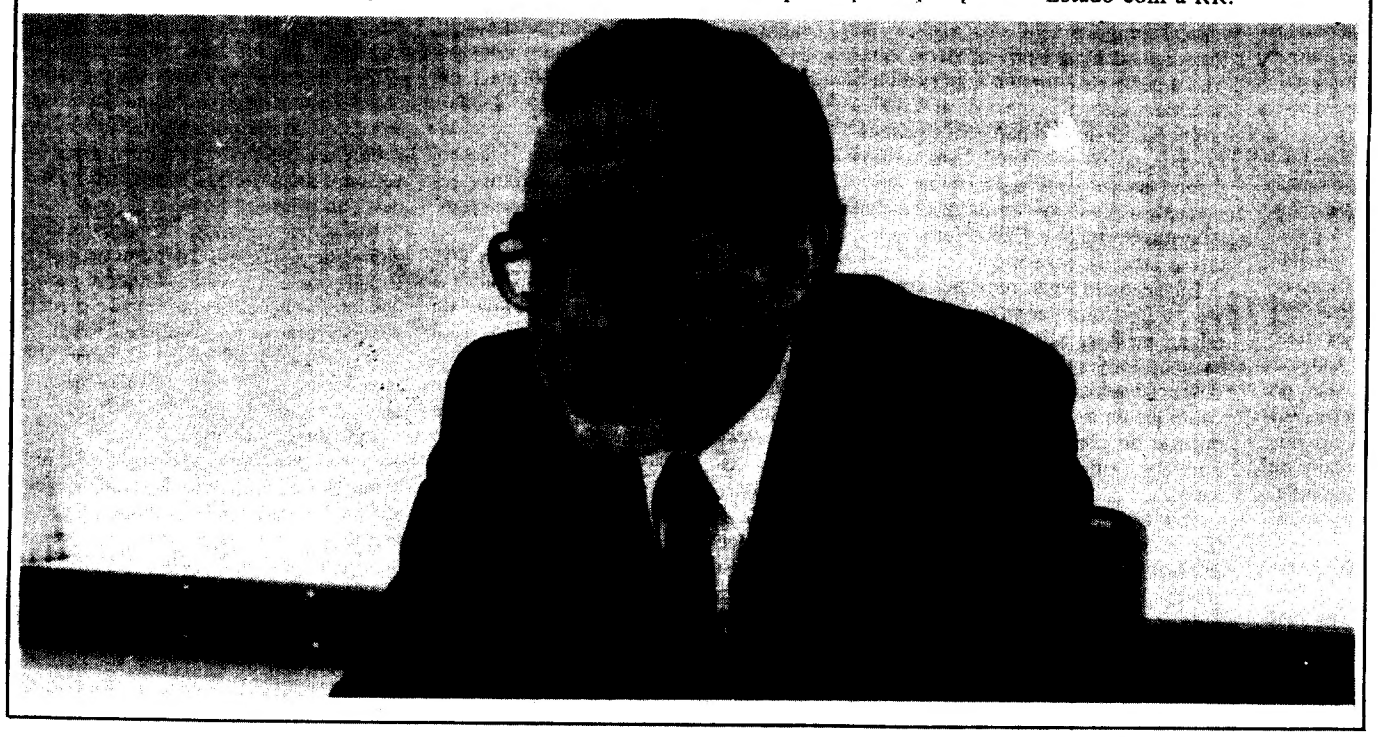
Recorde-se, entretanto, que na sequência da revisão constitucional de 1982, apenas o Tribunal Constitucional, e não o Presidente da República, tem poderes para se sobrepôr nesta questão à vontade da maioria simples dos deputados em funções(126).

Assim, no caso de o diploma ser considerado inconstitucional pelo TC, o Parlamento precisará de reunir uma maioria qualificada de dois terços, em segunda aprovação, para obrigar o Presidente Soares a promulgar a lei.

PRD aguarda posição de Soares?

A partir do momento da recepção do diploma, Mário Soares terá cinco dias para o enviar para apreciação prévia ao TC e de 20 dias, a contar da data da sua recepção ou da recepção do parecer do TC, para o promulgar. O TC tem iguamente 20 dias para se pronunciar e o Parlamento15, no caso de veto do PR.

Registe-se ainda que os partidos manifestaram-se já dispostos a manter, nesta segunda votação, as posições que adoptaram da primeira vez, à excepção do PRD que admitíu rever a sua, caso Mário Soares confirme a existência de um compromisso de Estado com a RR.



Eanes não quer o PRD um partido-charneira

O general Ramalho Eanes disse anteontem em Beja que será presidente do PRD «enquanto este for um partido de projecto», mas que nunca o será de «um partido de charneira». Eanes falava numa conferência de imprensa após ter inaugurado, em Ferreira do Alentejo, uma sede concelhia do PRD, e debatido os problemas de implantação dos renovedores democráticos com as estruturas locais do partido.

O antigo chefe do Estado, que foi acompanhado na sua visita ao Alentejo pelos dirigentes nacionais Hermínio Martinho e Ivo de Pinho, afirmou ainda que «são bem possíveis eleições antecipadas até ao fim do ano» corrente. O lider do PRD considerou também ser «necessário modificar o que se passa na zona de intervenção da Reforma Agrária, que só poderá ser feita através do desenvolvimento agro-social do Baixo Alentejo, e mesmo de todo o Alentejo».

O vice-presidente do partido, Hermínio Martinho abordou por seu turno o mesmo tema para rejeitar críticas endereçadas ao PRD pelo ministro da Agricultura, após a apresentação pelos renovadores, no Parlamento, de um projecto de lei que impede a entrega de reservas na zona da Reforma Agrária. «Não aceitamos as críticas do ministro Álvaro Barreto, porque defendemos a clareza de critérios», concluiu.

Em Évora, a deputada do PRD Ana Gonçalves disse, por seu turno, que o «Governo não governa; limita-se somente a gerir a conjuntura». Ana Gonçalves falava aos correspondentes dos jornais nacionais no final de uma reunião que realizou com as estruturas juvenis do seu partido.

CARTAS MULTADAS

Todas as segundas-feiras neste local

Falar e estar calado, problemas de Estado

ENQUANTO o vasto processo das «FP-25» se aproxima do fim da sua actual fase, um outro de menores dimensões e de sinal contrário, toma forma em torno da prisão, em Portugal, de um francês de 37 anos, Jean-Philippe Labade. Promoção de organização terrorista, posse de armas de guerra, atentados e homicídos realizados ou tentados: os crimes são descritos do mesmo modo pela lei. Só que, enquanto no primeiro caso, se trata de um vasto conjunto de individuos movidos pelo que parece ser uma amálgama de ideias «de esquerda», pela vontade de provocar «a revolução», no segundo trata-se de indivíduos contratados, ao que presumem as autoridades, para matar gente ligada a um grupo comparável ao primeiro sob alguns pontos de vista — militantes da ETA militar e seus familiares, residentes no País Basco francês ou espanhol.

Além do francês, Jean-Philippe Labade, estão presos no Estabelecimento Prisional de Lisboa quatro portugueses — Rogério da Silva, António Ferreira, Mário Cunha e António Macedo. Um quinto português, José Fontes, está preso em França. Labade seria o organizador de uma rede conhecida pelo nome de GAL (Grupos Antiterroristas de Libertação), que funcionaria um pouco como essas organizações apoiadas por membros de polícias nacionais — conhecem-se exemplos relativamente recentes no Brasil dos «Esquadrões da Morte», na Espanha dos «Guerrilheiros do Cristo-Rei» e em França.

As autoridades presumem que Rogério da Silva e José Fontes são, com António Ferreira, os autores de atentados em Bayonne e em Saint Jean de Luz, em Fevereiro de 1985.

Armas apreendidas a alguns dos presos portugueses foram identificadas como pertencendo à Gendarmerie francesa, ou equivalentes às utilizadas por comandos da própria ETA militar — e casos anteriores demonstram que não é inédito o uso, contra membros de organizações terroristas, e por parte de gente tida como de algum modo associada a autoridades policiais, de armas apreendidas a essas organizações.

Segundo informações recolhidas pelo jornalista Celestino Amaral e publicadas no semanário «Expresso» de sábado passado, dois destes portugueses trabalhariam nos serviços de segurança da Embaixada dos E.U.A em Lisboa, por conta de uma empresa do ramo, e um terceiro declarou trabalhar para a DINFO, a Direcção de Informação da Segunda Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O que parecia poder ser uma mini-rede de «pagos para matar», eventualmente associada ao «Batalhão Basco Espanhol», que reivindicou em Novembro de 1983 o assassínio de Ramón Oñaederra, suposto dirigente da ETA, ameaça assim tornar-se, devido às declarações de um dos detidos, num caso em que são citados membros das Forças Armadas portuguesas e uma repartição de informaçõ dependente do Estado-Maior-General.

Labade terá sido preso em Agosto a pedido da Interpol, ou na sequência de informações prestadas à Judiciária portuguesa por essa polícia internacional. Agora, as autoridades francesas reclamam a sua extradição, no momento em que a instrução do processo, embora ainda não encerrada pelo juiz, parece estar praticamente concluída, e pronta a ser entregue ao tribunal que o julgará.

Naturalmente que o tribunal é o lugar próprio para estabelecer a verdade ou a falsidade de informações prestadas por um réu durante a fase de instrução. Em tribunal, portanto, se espera ver esclarecido se o réu que declarou agir às ordens, ou com conhecimento, de responsáveis por um serviço de informações militares, mentiu ou reportou factos reais.- Mas os serviços das Forças-Armadas portuguesas fazem parte do Estado — e, quando se acusa um deles de apoiar uma organização terrorista e de promover, directamente ou indirectamente, atentados no estrangeiro, é o Estado português que disso é acusado.

É verdade que o Estado português não tem de defender-se, a cada passo, de acusações eventualmente infundadas e que possam ser feitas irresponsavelmente ou não, por quaisquer cidadãos a braços com um problema de Justiça.

Mas quando o caso está nas mãos da opinião pública, quando a instrução do processo em apreço acumulou um tão grande número de dados, quando o assunto diz respeito a uma zona tão sensível como a «guerra suja» movida contra organizações terroristas, o cidadão comum espera do Estado que ele manifeste a sua posição. Não se trata de quebrar o segredo de Justiça, visto que não é o Estado que torna público o assunto, mas sim de esclarecer a opinião sobre matéria tornada pública e que põe em causa a sua invevitável personalidade de «pessoa de bem».

Há dois provérbios portugueses que, como sempre, anulam a moral um do outro em casos como este. Um diz que o silêncio é de oiro, outro que quem cala consente. O Estado português tem uma predilecção pelo primeiro. Mas o segundo não vale menos do que aquele que o Estado prefere.

PS PRETENDE UM CONSENSO AMPLO E INTERPARTIDÁRIO SOBRE REGIONALIZAÇÃO

— afirma António Guterres

O PS promete que não utilizará o tema da regionalização administrativa como «instrumento de luta política» porque pretende, acima de tudo, «um consenso interpartidário tão amplo quanto possível». Em declarações à imprensa, o dirigente socialista António Guterres afirmou que a discussão da criação das regiões administrativas «não deve cair na querela interpartidária ou interparlamentar».

Guterres falava no intervalo da reunião da Comissão Nacional do seu partido, durante a qual foi analisada a questão da regionalização. Recorde-se, entretanto, que o PS apresentará até à próxima quinta-feira na Mesa da Assembleia da República, o seu projecto de lei da Regionalização, a lei quadro de desconcentração e a lei da delimitação das regiões.

De acordo com o mesmo dirigente, o PS pretende que seja, em primeiro lugar, aprovada a lei de bases da regionalização administratriva, e só depois a lei de criação das regiões administrativas. Quanto a esta última iniciativa legislativa, o Partido Socialista define alguns critérios que, em seu entender, devem ser acautelados, desigadamente os que dizem respeito aos distritos. Por isso, o PS defende que as regiões administrativas se organizem em agrupamentos distritais.

António Guterres lembrou que o PS defende um modelo de divisão regional que permita «um amplo consenso político, ausculte a opinião e seja alicerçado em critérios socio-económicos e culturais». Para o mesmo dirigente partidário, a regionalização deverá ocorrer só na fase da revisão constitucional e a sua alteração, pois, em pontos fundamentais para a lei da regionalização, isso «facilitaria a criação de regiões administrativas». Na próxima quinta-feira, o PS proporá à Assembleia da República a constituição de uma comissão especializada para tratar da questão da regionalização.

No final da reunião, o gabinete de imprensa distribuiu um comunicado da Comissão Nacional do partido através do qual manifesta a sua aprovação aos documentos elaborados no grupo parlamentar sobre a matéria. Os pontoss nele focados foram entretanto sintetizados por Guterres nas suas declarações à imprensa.

CDS prevê eleições antecipadas e pisca o olho ao PSD

O presidente do CDS, Adriano Moreira, disse anteontem am Faro que «existe uma possibilidade séria de eleições antecipadas em 1987». Em declarações à nova agência de notícias, o lider centrista sublinhou que, entre outras razões, está a circunstância de a Assembleia da República ter poderes constituintes em Setembro próximo».

«Se a Assembleia assumir poderes constituintes, não pode ser dissolvida antes de 1990», recordou o lider do CDS, acrescentando que isto «equivaleria a uma legislatura completa do actual Governo». Interrogado sobre que ideia faz do comportamento do Governo, Adriano Moreira disse que «o aspecto a destacar é que não faz nenhuma das reformas estruturais em que baseou a sua propaganda eleitoral».

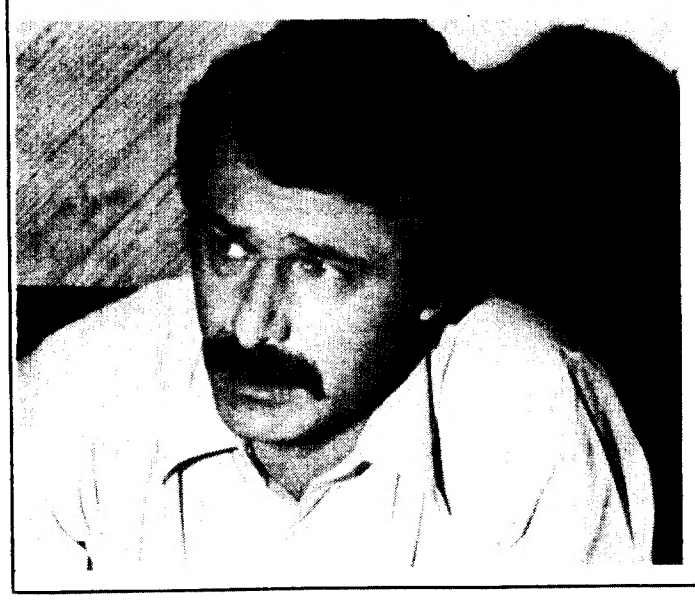
«O Governo poode invocar as dificuldades resultantes do sistema em que vivemos, mas quando assumiu o poder, minoritariamente, já sabia o que tinha», concluiu o dirigente democrata-cristão. Neste quadro, sublinhou, «o Governo ou não fazia as promessas que não podia cumprir ou tem que adoptar outro método de relacionamento com a Assembleia, que não seja a do conflito institucional». Adriano Moreira foi lembrando, entretanto, que o seu partido «está aberto à negociação e à concertação com base numa política de diálogo».

Cumprimento especial para Montalvão Machado?

Regionalização é viável e necessária em 1987

— defende João Amaral (PCP)

João Amaral, deputado do PCP e presidente da comissão parlamentar de Administração Interna e Poder Local, afirmou em Aveiro que 1987 será o «ano da regionalização». Amaral, que estava acompanhado de Zita Seabra, numa conferência de Imprensa de apresentação da lei quadro das Regiões do PCP, considerou a regionalização «possível, necessária e viável a curto prazo».



O deputado comunista referíu, por outro lado, não ser possível a regionalização sem a reforma da administração pública e frisou que o projecto dos comunistas tem por base o princípio da autonomia, quer administrativa, quer financeira, devendo cada região ter os seus recursos definidos legalmente «e não ter que andar a pedinchar recursos sem saber se os vai receber ou não».

Zita Seabra alertou, por sua vez, para a divisão «aleatória» a que Aveiro tem estado sujeita, com a dependência de duas regiões de coordenação: Norte e Centro. Referíu, como exemplos disso, a escola de cerâmica, que foi parar a Coimbra, a dependência da região do rio Vouga da hidráulica do Mondego e a despromoção do hospital de Aveiro em detrimento do de Coimbra, não rentável e «grande demais para a população que serve».

A deputada comunista salientou ainda a atribuição de competências às novas regiões previstas no projecto do PCP e sublinhou que a regionalização deve coincidir com os distritos.

«A regionalização deve partir da unidade do distrito que foi construíndo ao lomgo dos tempo uma inegável homogeneidade, quer económica quer social».

PCP do Alentejo saúda derrota de Barreto

A Organização Regional do Alentejo do PCP considerou «derrota das forças reaccionárias» a aprovação pelo Parlamento de projectos-lei que retiram poderes ao ministro da Agricultura para atribuição de reservas.

Os dois projectos aprovados, do PS e do PRD, transferem para os tribunais administrativos a competência para atribuir reservas na zona da Reforma Agrária.

A organização alentejana do PCP lamenta, entretanto, o carácter «limitado» dos projectos aprovado por não colocarem, tal como o projecto rejeitado do PCP, « a suspensão total» das decisões do ministro Alvaro Barreto.

Conselho Nacional solidário com Montalvão

PSD quer regionalização por fases

O Conselho Nacional do PSD, reunido durante o fim de semana para debate da regionalização, defendeu um processo por fases com a definição, à partida, das funções a atribuir às futuras regiões. O mesmo orgão dirigente do partido governamental aprovou, durante a reunião, moções de crítica à Oposição de esquerda pela votação da Lei da Rádio e do diploma sobre a Reforma Agrária e de solidariedade para com o presidente do congresso do PSD, Montalvão Machado, alegadamente envolvido em casos de corrupção com elementos da Polícia Judiciária.

Sobre a regionalização, a moção aprovada considera que «as regiões devem ter uma dimensão suficientemente ampla» para evitar a acentuação das dicotomias entre o litoral e o interior e entre as áreas desenvolvidas e as deprimidas do país e para valorização dos recursos nacionais e maior eficácia da administração.

«As funções que vierem a ser atribuídas às regiões devem ser na totalidade resultantes da transferência de responsabilidades da administração central, sem esvaziamento das competências dos municípios», lê-se ainda na mesma moção.

Quanto à lei da Rádio, entende o PSD que a Oposição quiz abrir em Portugal uma «questão religiosa» e desprezou o «compromisso de Estado assumido pelo anterior Governo».

Sobre a entrega das reservas diz o PSD que o diploma vem trazer «instabilidade à Reforma Agrária».

Finalmente, a moção sobre Montalvão Machado repudia as «afirmações caluniosas que a seu respeito certa Imprensa tem publicado».

COMEMORAR DEZ ANOS DE AUTONOMIA COM UM MILITAR E DOIS ALGARVIOS...

Nuno Ribeiro

O décimo ano da autonomia foi iniciado, nos Açores, sob o signo da expectativa: a necessidade de adequar o Estatuto PolíticoAdministrativo da Região Autónoma à revisão constitucional, e a indicação de um novo Ministro da República eram temas quentes, com os olhos postos na revisão da Constituição da República. No entanto, depois de um Verão alimentado politicamente pela «guerra das bandeiras», com o ressurgimento noticioso dos independentistas, os Açores vão comemorar dez anos de autonomia com um militar e dois algarvios...

«Foi um ano difícil», desabafou Mota Amaral perante os jornalistas do Continente durante um breve encontro no Palácio de Sant'Ana, residência oficial do presidente do executivo açoriano. Numa sala ampla, sentado a uma secretária, colocada milimétricamente à distância de duas janelas que dão para os jardins, Mota Amaral cumpriu o objectivo primeiro do convite endereçado aos orgãos de comunicação de expressão nacional: agitar a bandeira branca, encerrar contenciosos, ganhar espaço para uma futura arrancada.

Se nos problemas relacionados com a revisão do artigo sexto do Estatuto, que passaram para a história como a «guerra das bandeiras», Mota Amaral procurou compensar o desgaste da sua posição pelo envio de uma delegação constituída por todos os partidos representados na Assembleia Regional, a nomeação de Rocha Vieira deixou-o sem interlocutores em Lisboa, facto a que não foi estranho a revelação do «segredo de Polichinelo», como o próprio classificou o seu «cruzamento» com a FLA em 1975.

«Pedimos um civil açoriano, foram-nos desencantar um militar algarvio», assim sintetizou o líder regional a designação, pelo também algarvio Cavaco Silva, e a homologação por Mário Soares, do novo Ministro da República, Rocha Vieira. E, se as desinteligências com o Primeiro-Ministro têm história antiga e episódios curiosos —como a ausência de cartazes com a figura de Cavaco Silva durante a última campanha eleitoral na região, à semelhança, aliás, do que ser passou com Mota Pinto—, o veto presidencial ao Estatuto foi uma «bomba». Para além de criticar a forma, comunicação ao País, Mota Amaral foi mais longe:«essas coisas doem muito porque não se passaram com desconhecidos, mas com pessoas que já trabalharam juntas».

«Recuar não é feio...»

Tentanto justificar a posição do Primeiro-Ministro e Presidente do PSD, Mota Amaral bateu na única tecla possível, alinhando com os argumentos que, no Continente, têm norteado as justificações do Executivo: «o Governo de Cavaco Silva é um Governo minoritário, onde os problemas de equilibrio politico e social são melindrosos», considerou, justificando que a nomeação de um Ministro da República civil viria a contrariar uma tradição de dez anos, sem no entanto deixar de afirmar que, em Macau, se optou pela solução por ele preconizada para os Açores. As relações com Cavaco Silva irão melhorar, garante, na sequência da tomada de um «compromisso recíproco de reforço do diálogo» com a vinda regular dos presidentes dos Governos Regionais às reuniões da Comiossão Politica Nacional do PSD.

Pelo caminho ficam episódios como o da recepção de Mário Soares, Mota Amaral de óculos escuros e gravata preta, o que, «foi uma concessão, porque o Presidente da República correu o risco de aqui chegar e encontrar a porta fechada».

Se a nível regional, «tive que empenhar o meu prestígio para que isso não acontecesse», a nível nacional o Presidente do Governo Regional ficou com a marca da derrota, sem a glória de uma acção contestatária que alguns dos seus «fiéis» no seio do PSD açoriano preconizavam.

«Assumo as derrotas que tenho, e este ano tive algumas que considero injustas», afirmou, declarando que «Mário Soares teve azar com quem o aconselhou».

O homem que aceita ter sido derrotado em Belém e S. Bento, aposta agora no reforço do diálogo com as forças politicas representadas na Assembleia Regional, que ultrapasse as vicissitudes de um «PSD que aqui é um partido muito vivo, com um diálogo interno muito intenso».

À partida, «vivíamos em paz e sossego, tinhamos o estatuto para rever, motivámos as forças políticas democráticas, discutiu-se, e com isso tinhamos aspectos importantes para reforçar a autonomia, olhando para a revisão constitucional, mas o facto dessas questões terem ficado bloqueadas gera-nos uma certa frustração».

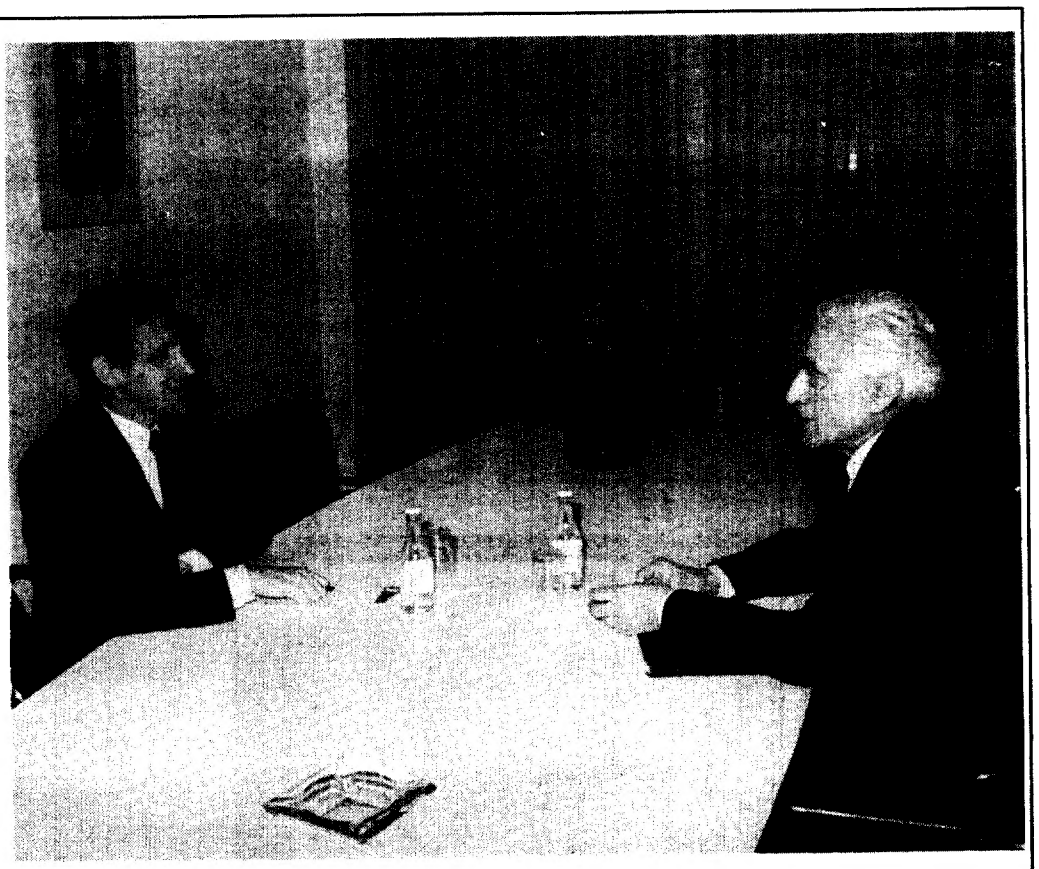
As possibilidades de consenso entre todas os partidos com assento na Assembleia Regional dependem, lógicamente, das propostas e do conceito de «autonomia progressiva». Mas, como titulava em comentário à situação politica o «Jornal da Praia», se «recuar não é feio...» essa é a verdade que Mota Amaral terá que demonstrar.

«Ele queria José Enes ou Reis Leite»

Para além da nomeação de Rocha Vieira e do facto de ele estar a ser mantido numa espécie de «apartheid político» regional, o PSD açoriano e os membros do Governo seguem com particular atenção a acção do Ministro da República, agitando-se com a canalização das verbas do Orçamento de Estado através do seu gabinete.

Na contestação que fazem, alinham motivos técnicos e políticos, da demora que a intervenção de mais um elemento poderá introduzir no processo, ao sentido marca-

Mota Amaral recebe Mário Soares na comemoração de 10 anos de autonomia: «o Presidente da República correu o risco de aqui chegar e encontrar a porta fechada»



Encontro com Cunhal: «recuar não é feio...»

damente político da opção de Rocha Vieira. No entanto, a desculpabilização de Cavaco Silva atinge aqui o paradoxo máximo, com Mota Amaral a sublinhar que a alteração introduzida «não envolve qualquer responsabilidade do Primeiro-Ministro», e o influente seceretário regional das Finanças a pôr em dúvida que Cavaco Silva estivesse ao corrente da proposta que, diz, partiu de Rocha Vieira e foi aceite por Miguel Cadilhe... Alvaro Dâmaso foi mais longe referindo que «o Ministro da República já bloqueou os contactos entre o Governo Regional e os Ministérios do Governo da República».

Mas, de acordo com a oposição, foi o sentido politico da tomada de posição de Rochas Vieira que desagradou ao Governo regional. Na sequência da contestação que acompanhou a sua nomeação para o cargo, Rocha Vieira marcou uma posição de força.

«Este Ministro da República veio para os Açores nomeado por Cavaco Silva e teve o respeito do PS e do PCP, o apoio do CDS, e a oposição brutal, por vezes até selvática do PSD», recordou o dirigente socialista Carlos César. Para o PS, esta contestação tem, na origem, o facto do PSD Açores «defender a extinção, na próxima revisão constitucional, do cargo do Ministro da República». No respeito que nutrem por Rocha Vieira, os socialistas sublinham que a sua presença «não deve ser uma nota de dissenções políticas entre a região e o País, no seu conjunto, e deve ter a prudência e a economia verbal que foi usada pelo seu antecessor».

Carlos César foi, também, um dos principais protagonistas da crise da «guerra das bandeiras», pois partiu do PS a redacção do artigo sexto do Estatuto, que tanta polémica levantou: «escrevi o artigo sexto, do Estatuto com o receio de que só hasteassem a bandeira da região».

Para Roberto Amaral, ex-deputado regional pelo PS e actual deputado à Assembleia da República eleito pelo PRD, «Mota Amaral controla politicamente tudo, e nesse sentido é natural que quisesse meter o Ministro da República debaixo da asa, e instalar aqui um poder absoluto na sua pessoa».«Se o objectivo era querer subalternizar o cargo para, numa futura revisão constitucional, fazê-lo desaparecer por desnecessário, a actuação politica de Mota Amaral foi contraproducente: desde as exigências absurdas—de um civil e açoriano— à própria forma como se comportou com o Presidente da República, até a declarações recentes, ele vem contrariar esse objectivo, e a Assembleia da República não virá aprovar a extinção do cargo do Ministro da República».

No sentido do reforço do poder do PSD e da posição politica de Mota Amaral pronuncia-se também o deputado regional comunista Decq Mota: «Mota Amaral tinha feito (antes das eleições presidenciais) um acordo com Freitas do Amaral e Cavaco Silva para a nomeação não de um qualquer civil e açoriano como Ministro da República, mas sim de José Enes ou de Reis Leite», respectivamente reitor da Universidade dos Açores e Presidente da Assembleia Regional.

«Autonomia progressiva»

Ao perder a «guerra» da nomeação de Rocha Vieira Mota Amaral «agarrou-se» ao conflito dos símbolos. «É uma guerra absurda e falsa», salientou Roberto Amaral. «Os problemas quanto ao Estatuto da Autonomia não se resumem às bandeiras: existem outras matérias que vêem de 1980, como o facto do Orçamento Regional não poder ser discutido na região na especialidade, ou o dos círculos eleitorais dos emigrantes no estrangeiro». «Em relação aos símbolos devia ter havido um decreto regulamentador», concluiu.

Posição idêntica sobre este último ponto é a do deputado Decq Mota que assinala que foi o PSD que não avançou por este sistema. Para o futuro, com a revisão constitucional à porta, o deputado comunista na Assembleia Regional considera que «no quadro do Estado Unitário deve ser respeitada a especificidade dos Açores e o papel que os açorianos têem nessa especificidade». Assim, «o sistema consagrado constitucionalmente serve: actuais orgãos, forma como são escolhidos, representação da soberania da região devem ser dados estabilizadores desta realidade política».

Roberto Amaral e Decq Mota recusam a «autonomia progressiva», conceito entretanto avançado por Mota Amaral, que o dirigente socialista Carlos César contesta igualmente. «Há necessidade de pôr cobro a uma noção de autonomia, com uma série de poderes que Mota Amaral vinha defendendo, tipo horizonte que recua à medida que avançamos», sublinhou. «Há necessidade, portanto, de delimitar no tempo o conceito juridico-administrativo dos Açores, e travar o conceito de autonomia progressiva defendido por Mota Amaral, que não o define concretamente, mas que estou convencido que o foi beber às doutrinas do professor Marcelo Caetano em relação a África, só que se colocando do lado da auto-determinação». Para os socialistas, «a batalha da autonomia deve ser ganha na definição dos seus limites e não no combate ao actual Estatuto», posição comum às outras forças da oposição que pugnam pela definição de um «tecto autonómico» que consagre rigorosamente os poderes.

São estes, em síntese, os limites que a oposição coloca à revisão constitucional. O consenso que Mota Amaral diz agora pretender tem este tecto. O futuro dirá se, no recuo do dirigente do PSD açoriano, a «autonomia progressiva» será esquecida ou voltará a estar em questão.

Presidente do INIA alerta em Elvas

É necessário aumentar a área de regadio

Desde 1980, a Espanha avançou numa média equivalente a um Alqueva de dois em dois anos quanto a novos regadios, enquanto Portugal continua a discutir da bondade do avanço de um único projecto.

O esforço do vizinho ibérico tem-se traduzido na implantação de 65 mil hectares de novos regadios por ano, e Madrid pretende avançar no que resta até ao final do século com mais 80 mil hectares de novos regadios por ano.

Estes números foram divulgados pelo presidente do Instituto Nacional de Investigação Agrária, Carlos Portas, que participou em Elvas num encontro sobre agricultura alentejana e perspectivas face à adesão comunitária, organizado pelo IDL — Instituto Amaro da Costa.

Segundo o presidente do INIA, a Espanha está a conseguir num só ano construir regadios equivalentes a metade da área de regadio actualmente existente em todo o Portugal.

«Se me perguntarem se sou a favor ou contra o projecto de regadio do Alqueva, responderei que sou a favor do regadio... qualquer que ele seja», disse Carlos Portas.

Segundo aquele técnico, o crescimento de produção agrícola portuguesa devia depender «da escolha de algumas áreas e culturas específicas onde os nossos escassos recursos humanos e materiais deviam ser concentrados».

«Esta escolha deveria ser feita tendo em conta as nossas importações (alimentares e de bens) e, em simultâneo, a possibilidade do aumento das nossas exportações para comprar o que não podemos produzir internamente», disse.

Mas Carlos Portas sublinhou que o desenvolvimento da agricultura portuguesa «depende do crescimento de duas zonas com problemas específicos»: A do minifúndio, responsável por cerca de dois terços do Produto Agrícola Bruto, nomeadamente a maior parte do leite, carne, cereais, centeio, hortícolas e fruta. Geograficamente concentrada ao Norte e ao Centro é, no entanto, importante no Algarve.

Na outra zona concentram-se as unidades de produção de média e grande dimensão, com a maior parte do trigo, cevada, aveia, cortiça e ovinos. É dominante no Centro-Sul.

Rádio Lagoa critica exigências da Renascença

«O Algarve tem direito a uma estação de rádio de âmbito nacional» esta a opinião do director de programas da Rádio Lagoa.

«Se a Igreja diz que deve ter dois emissores em FM, um em onda média e outro em onda curta, por que é que o Algarve não pode ter uma estação em FM para todo o País? — questiona Eduardo Gonçalves em declarações difundidas pela Rádio Lagoa.

A Rádio Lagoa começou a funcionar em 1975 e, desde então, tem diligenciado junto das entidades oficiais para que lhe seja atribuída uma frequência em FM, mas até à data não viu satisfeito o seu pedido.

Ao criticar os argumentos da Igreja na condenação da Lei da Rádio aprovada na Assembleia da República, Eduardo Gonçalves afirma que «os mesmos são tão mais infelizes quando se verifica que a Rádio Renascença utiliza a nova frequência para abrir uma nova estação e não para melhorar as condições de cobertura do País, nem mesmo para promover as ideias cristãs, que diz serem prejudicadas pela nova lei».

Afirma José Manuel Barroso

Lusa: integração das Redacções até ao fim da semana

A integração das duas redacções que estão a elaborar o serviço da agência Lusa deverá fazer-se até final da semana agora em curso, segundo afirmou um elemento da administração.

«O quadro essencial pensamos que estará pronto nessa data», disse José Manuel Barroso, que acrescentou que todos os directores da agência já estão nomeados e que os responsáveis por áreas da informação estão indigitados e vão ser nomeados ainda hoje.

Barroso pronunciou-se assim após uma audiência que o presidente da Assembleia da República concedeu à administração da nova agência noticiosa.

De acordo com Horta Lobo, presidente da administração da agência, a audiência com Fernando Amaral destinou-se a apresentar cumprimentos ao presidente da AR, bem como à Assembleia, e a revelar as intenções da Lusa.

«Vamos transformar a agência em instrumento de defesa dos interesses públicos e privados e estamos agora a explicar os mecanismos que encontramos para o fazer» — explicitou.

Questionado sobre o sentido que atribui aos pedidos de ratificação, por parte de quatro partidos da oposição parlamentar, do diploma que extingue a Anop, Horta Lobo disse que considera os pedidos normais e que a ratificação tem «também um sentido positivo por permitir a discussão da solução global encontrada.»

'Correio do Minho'

Director é socialista

José Ferreira Salgado foi nomeado director do jornal «Correio do Minho», diário bracarense suspenso desde 16 de Outubro de 1986.

José Salgado sucede no cargo ao jornalista Jorge Cruz.

Destacado militante do Partido Socialista, José Ferreira Salgado, advogado, foi mandatário de Mário Soares na última campanha presidencial e exerceu as funções de presidente da Assembleia Municipal de Braga.

Em Porto Santo

RDP-Madeira inaugura centro emissor das Eiras

A RDP-Madeira inaugura amanhã o Centro Emissor das Eiras, em Porto Santo.

Esta nova infra-estrutura, avaliada em 25 mil contos, está equipada com um emissor de frequência modelada e de onda média, facto que permitirá o reforço da cobertura da emissão da RDP-Madeira na Ilha do Porto Santo e a melhoria da captação em toda a costa norte da Madeira, especialmente entre o concelho do Porto Moniz e a freguesia do Caniçal.

Alberto João Jardim presidirá ao acto, aproveitando a sua estada na Ilha do Porto Santo para proceder à inauguração de novas infra-estruturas rodoviárias avaliadas em 200 mil contos, incluindo o novo acesso ao porto de abrigo local.

Que mais normal que o percurso que o rio tem?! A talho de foice, entre as águas e o leito a união é perfeita. E mesmo para além do seu limite, o que o rodeia (!), de acordo com ele está numa maneira de ser unificada. Mas sabem que antes, muito antes ainda, o rio não tinha o destino de ser rio? Era, assim, a força da água jorrando, correndo solta ao deus-dará. Só depois foi traçando o seu percurso, afeiçoando-se e afeiçoando as margens. Só depois foi aquilo que é. Antes, foi só paisagem, só sem destino de ser rio.

HOGAN: o pintor

Porfírio Alves Pires

O caminhar é lento e seguro na pintura de João Hogan. Entre uma obra e a precedente ou a seguinte, as diferenças são mínimas. É com a distância que o percurso se nota. As paisagens que pinta são a longa procura da sua paisagem e, talvez por isso, são abstracção. Da paisagem enquanto tal, guardam a organização do espaço. Tudo o resto é outra coisa. É dele.

D.L. — Hogan, alguma vez pintou o corpo humano?

J.H. — Fiz umas coisitas neorrealistas. Desancaram-me tanto que desisti. Parece que soava a falso. É muito possível. Não se faz assim qualquer coisa de repente. É necessário uma longa preparação, muito trabalho.

D.L. — Trabalha regularmente, portanto.

J.H. — Cumpro o horário fabril nacional. Oito horas, meio dia; treze horas, dezassete e meia.

D.L. — Horário fabril nacional, como referência.

J.H. — Como hábito; disciplina adquirida.

D.L. — Hábito?! Disciplina?!

J.H. — Durante anos e anos fui marceneiro. Primeiro fazia biscates; depois os biscates eram mais frequentes; depois passei a trabalhar a tempo inteiro, mais as horas extraordinárias (não pagas muitas vezes ou pagas duas em cada três, ou de outra maneira parecida).

Durante anos tive hora certa p'ra pegar e horas mais ou menos certas para sair.

D.L. — Foi um bom operário?

J.H. — Julgo que sim. Sim, sim. Fui. Até, já p'ro fim, convidaram-me para encarregado, mas nessa altura havia a pintura... Não aceitei.

D.L. — Hogan, uma pergunta indiscreta: como tem sido a sua vida sentimental?

J.H. — Normal.

D.L. — Estável?

J.H. — Sim.

D.L. — E a boémia dos círculos artísticos?

J.H. — Não tinha dinheiro para isso. Às vezes lá ía beber um «copo de três».

D.L. — E não foi influenciado pelos «cenáculos» surrealistas, com o consequente desarrumo da vida e das artes que propunham?

J.H. — Sabe (?), não é surrealista quem quer. É necessário uma espécie de propensão. E olhe que há muita coisa falsa na pintura surrealista... É como com as minhas figuras neorrealistas: faltava-lhes qualquer coisa... Claro, alguns pratos meus têm influências surrealistas, lá isso é verdade.

D.L. — Foi pintando e pinta indiferente às correntes artísticas!

J.H. — Não é bem isso; mas acabo por pintar como sei e o que sei. Só assim pode ser verdadeiro o que faço. E é preciso inspiração — já não se diz assim, mas ainda é a melhor maneira: inspiração.

E olhe que é preciso estar preparado para a ter. Durante anos passei sempre por determinado sítio. Passei lá tanta vez e nunca vi e, um dia... olho... e vi o que procurava! Nessa altura já era capaz de ver. Tudo estava ali!

D.L. — Disse: «Quando ia pintar para o campo».

J.H. — Sim. Até aos anos 60, todos os sábados e domingos fui pintar p'ra fora.

D.L. — Aos sábados e domingos?!

J.H. — Pois, nos outros dias trabalhava.

D.L. — João Hogan, pintor dos domingos!

J.H. — É quando podia. Mais tarde já só trabalhava meio dia. O outro meio pintava.

D.L. — Mas frequentou as Belas Artes.

J.H. — Em 1930, com a idade de 16 ou 17 anos; mas abandonei. Tive que procurar trabalho. E foi difícil: não conseguia nada. Então ofereci-me para a tropa.

D.L. — Uma forma de emprego?

J.H. — Também. Até aqui pensei fazer carreira, mas abandonei. Foi então que comecei com os biscatos, e foi por essa altura, também , que encontrei antigos colegas das Belas Artes. Um pouco arrastado por eles comecei a pintar.

D.L. — Foi com eles que aprendeu a pintar?

J.H. — Frequentei cursos nocturnos na Sociedade Nacional de Belas Artes, mas pouco aprendi com os professores. Era uma estopada aquelas coisas académicas: «uma cabeça» a carvão, muito trabalhada, tudo perfeito e depois, zás: o ponto de luz na ponta do nariz! Não era bem isso que queria.

D.L. — E um dia fez a primeira exposição.

J.H. — No salão da SNBA. Um grupo de amigos. Eram o Mário Ferreira, o José de Azevedo, a Maria Helena e o Eduardo Teixeira Coelho.

D.L. — E foi um sucesso!

J.H. — Não. Foi uma exposição para as famílias. Mas vendi um quadro ao José de Azevedo.

Um quadro para um amigo

João Hogan, marceneiro a tempo inteiro, aluno de arte à noite, pintor aos sábados e domingos, vendeu um quadro, a um amigo pintor, a alguém que gostou do seu quadro. Era um começo de carreira. Uma boa maneira de começar.

J.H. — Foi um pequeno começo. Depois, quando se fundou a «Gravura», encomendaram-me um trabalho. Fiz uma xilogravura. Foi aceite e passei a fazer duas ou três por ano. Era pouca coisa. Dava para os materiais.

D.L. — A sua primeira gravura foi uma «xilo». Ainda a madeira! Será que a sua antiga profissão não teve influência na sua pintura?

J.H. — Pois teve! Eu pinto de um modo muito planeado. Começo pela construção geral e só depois vou indo aos detalhes. Uma mobília também se faz assim. Não se vai começar pelo pé da cadeira.

É possível que o rigor que tenho a pintar venha da minha antiga profissão. O trabalho no estirador a desenhar as peças, a marcação dos moldes, tudo isso exige uma grande precisão. Ainda hoje, cada quadro que faço é muito construído. Não sou capaz de pintar com pinceladas espontâneas. Não acho mal quem o faz, só que para mim não dá.

D.L. — E como situa a sua pintura no momento presente, mesmo no futuro?

J.H. — Creio que se ficar alguma coisa é a técnica. E não faço diferente por isso. A gente vai subindo degraus e quando dá conta está-se lá, não noutro sítio; não a fazer doutra maneira; está-se lá e é tudo.

D.L. — E não considera que, para além do momento que se vive, a pintura, uma obra, tem uma certa perenidade?

J.H. — Sim. Lembro-me que, em determinada altura, se voltou a falar muito em El Greco. Agora fala-se menos, mas o seu valor não se alterou. Também os museus ingleses, quando ligados à crítica romântica, compravam tudo o que encontravam de Leonardo, Miguel Ângelo ou Rafael; mas nada de Giotto, por exemplo. Era uma atitude de momento.

Oficial da Ordem de Santiago

João Hogan foi subindo degraus, o que implica esforço e constância. Mas foi subindo com naturalidade, como se isso fosse assim pela simples razão de assim ser. Pela conversa que com ele mantenho, parece-me que não houve a intenção de subir. Houve necessidade de caminhar, necessidade natural para quem não sabe estar parado.

Não expôs muito: pouco mais de uma dezena de mostras individuais. Em contrapartida foi frequentemente solicitado a participar em certames nacionais e internacionais, e foi onze vezes premiado. E um dia foi feito Oficial da Cruz de Santiago. E aceitou!!!

J.H. — Desde a infância que tenho a noção de que essas coisas não se recusam, nem tão pouco se procuram.

D.L. — E considera que foi a sua carreira de pintor que foi galardoada?

J.H. — Sim.

D.L. — Eu digo carreira de pintor globalmente, já que o Hogan tem dois percursos distintos: o de pintor e o de gravador.

J.H. — É quase como os heterónimos de Fernando Pessoa. O que faço em gravura é totalmente diferente da pintura que faço. São outras técnicas, outras maneiras de expressão. Dá para falar de outras coisas.

«O seu próprio, natural caminho»

Entre esta primeira parte da entrevista (entrevista não gravada) e o que a seguir está escrito passaram-se alguns dias.

Submeto o que escrevi à apreciação de Hogan. Ele faz-me notar algumas imprecisões nas frases que lhe atribuo. São corrigidas. Depois, tento uma última abertura.

D.L. — Hogan, algo que deseje dizer e que ainda não disse, aqui ou noutro lado?

***J.H.* — Assim, de repente, não vejo nada.**

Bom, se quiser: numa entrevista, que foi agora publicada num semanário, há algumas imprecisões.

Não fui fundador da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

E também nunca andei «quatro ou cinco domingos à procura de um lugar ao sol». O que fazia era andar quatro ou cinco domingos à espera do sol que me permitisse fixar na tela a luminosidade, o ambiente que procurava. E quando o fazia não era para pintar Lisboa pintando pedras. O que pinto são as paisagens circundantes de Lisboa antes de virem a ser destruídas. O Vitorino de Almeida falou disso, quando quis explicar uns sons, e, de facto, pode-se ser pintor de Lisboa de costas voltadas para Lisboa.

D.L. — Mas não gosta de Lisboa-cidade?

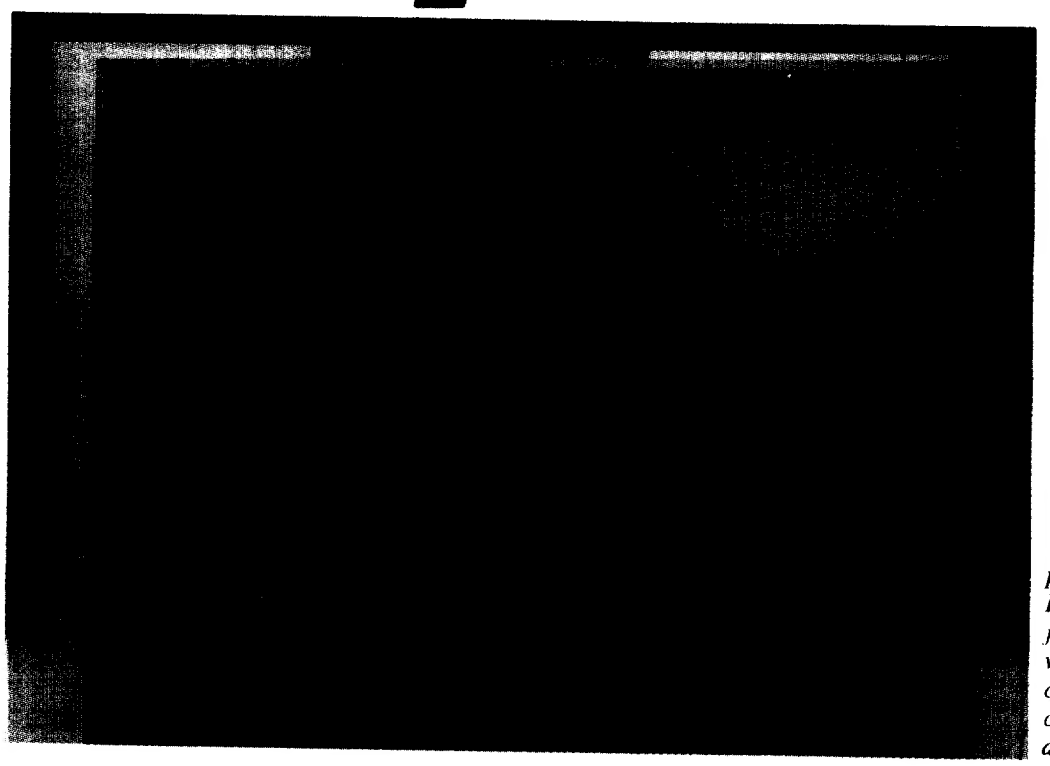
***J.H.* — Não é isso. Não me volto para o típico. Ele é quase sempre só pobreza, disfarçada quando para o turista ver. O típico impinge-se.**

Assim sendo, compreende-se que Hogan se refugie no autêntico.

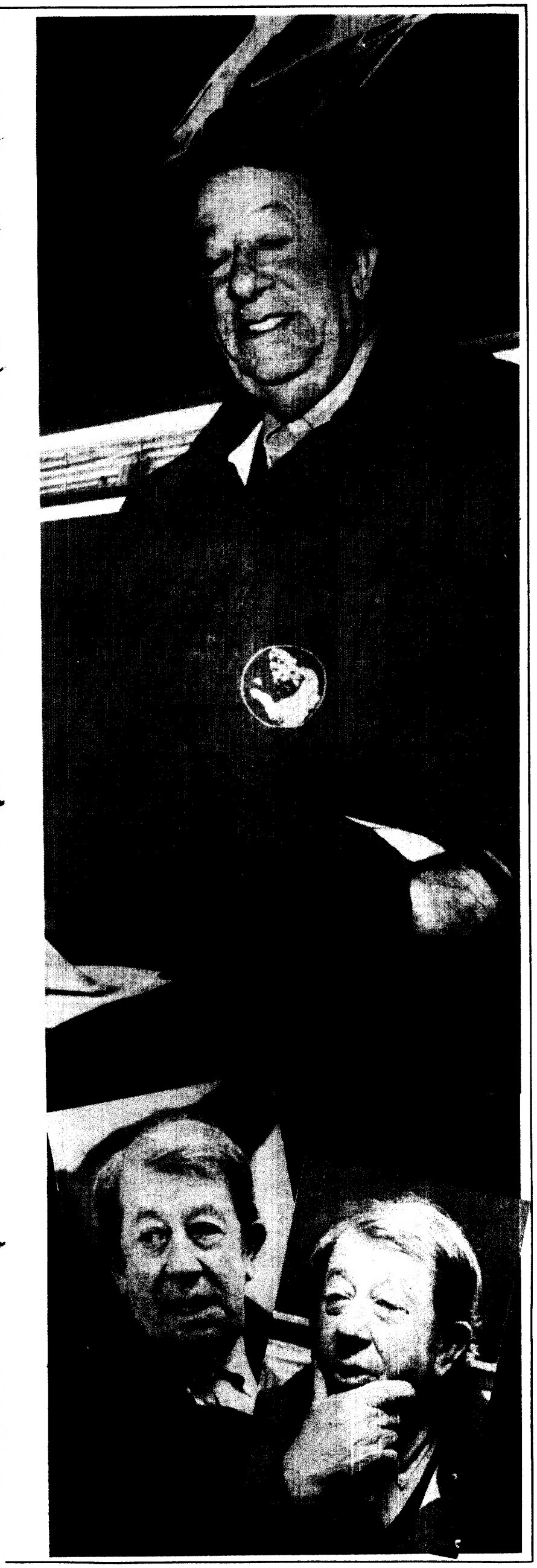
José Augusto França diz, a propósito do artista: «A terra não ilude, nem desengana, porque não cansa. O que ela pode oferecer tem outra realidade que fica nas próprias mãos, nos próprios olhos, por todo o corpo do pintor, não como imagem da criação, mas como matéria dessa criação».

Mas desse outro Hogan, o gravador, diz Fernando de Azevedo: «(...) O artista veio a encontrar-se com os seus fantasmas, e deu-lhes o esgar e o corpo adivinhado. (...) Com que ironia, violência, paixão e talvez incisiva crueldade foram esses fantasmas possuindo existência (...), evolucionando ridículos e trágicos entre negros soberbos e nocturnos, transparências cinzentas e brancos faiscantes de perdidos perfis.»

«Pelo seu próprio, natural caminho, Hogan atinge, duplamente, a raiz da pintura e a raiz do ser». José Saramago tem razão. Então, que esta entrevista se intitule só: **Hogan — o Pintor.**



Uma paisagem de Hogan, num jogo de volumes e cores, característico do pintor



Dado alerta sobre retrocesso da agricultura

JORNADAS DE BRAGANÇA DEFENDERAM DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTADO

Com a proposta para uma reflexão sobre as condições fundamentais para um desenvolvimento auto-sustentado da região, terminaram ontem de madrugada as Primeiras Jornadas de Desenvolvimento Regional de Bragança.

Organizadas pelo Instituto Politécnico de Bragança e com o apoio do Banco de Fomento e da Câmara Municipal, as Jornadas, integradas nas comemorações dos 800 anos da cidade, concluíram que se pretende um desenvolvimento regional harmonioso, global e integrado, com uma efectiva participação das populações.

Porém, os participantes constataram a existência de carências graves em sectores base e o deficiente esclarecimento e fraca consciencialização por parte das populações.

Foi salientada a urgência em dinamizar o sector agrícola, campo onde se verifica estagnação e, em alguns casos, até retrocessos, dinamização essa que terá que passar pela reconversão da propriedade, por um mais fácil acesso ao crédito, e pela formação de técnicos agrícolas em escolas vocacionadas para a região.

Os critérios de desenvolvimento não devem ser meramente do tipo económico, incluindo igualmente os factores sociais, culturais, ecológicos e humanos, dizem as conclusões.

Sobre o aspecto industrial, de diminuta implantação no distrito, foi sugerida a formação de uma bolsa de ideias de investimento, a formação profissional e de jovens empresários e um sistema de incentivos para os emigrantes que regressam, de modo a captar a sua experiência e capital através de sociedades de desenvolvimento regional.

No que diz respeito às infra-estruturas e transportes deve ser dada prioridade às vias de comunicação do Plano Rodoviário Nacional.

Nas Jornadas falaram sobre diversos temas o professor Francisco Cepeda, do Instituto Politécnico de Bragança, Josefa Fernandes Arufa, catedrática de Política Económica da Universidade de Valladolid, Manuel Teles, presidente da Sociedade Estoril-Sol, Amadeu Pires, presidente do IATMEI, e Casimiro Pires, presidente da Comissão de Coordenação e Planeamento da Região de Lisboa.

Na Câmara da Figueira da Foz

Consenso no PS viabiliza aprovação do Orçamento

O Orçamento e Plano de Actividades da Câmara da Figueira da Foz deverão ser aprovados em próxima reunião da Assembleia Municipal porque «já existe consenso no seio do PS sobre a questão», disse o secretário coordenador de Coimbra do PS, Luís Marinho.

Aquele dirigente socialista disse à agência Lusa que a questão foi desbloqueada numa reunião realizada em Penacova (Coimbra), entre o secretário-geral do PS, Vítor Constâncio, o presidente do município figueirense, o presidente da Assembleia Municipal e ele próprio.

O Orçamento e Plano de Actividades do município figueirense foram rejeitados no dia 29 de Dezembro pela Assembleia Municipal por 16 votos contra e 15 a favor, depois de o Executivo também os ter «chumbado».

A ausência de alguns deputados municipais socialistas no momento da votação terá derrotado os documentos, acentuando as divergências entre o presidente da Câmara, Aguiar de Carvalho e a Assembleia Municipal.

Luís Marinho disse que foi dado «um passo importante» no sentido de resolver o conflito, que será objecto de nova reunião a realizar quinta-feira entre o presidente do município e o seu congénere da Assembleia Municipal.

É a maior freguesia de Coimbra

JF dos Olivais contra falta de verbas

A Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais (Coimbra) considerou que as receitas de que dispõe são muito escassas em face das carências da freguesia.

Aquela freguesia, que é a mais populosa de Coimbra, apresenta maiores carências no domínio das infra-estruturas, diz o executivo que salienta ainda as medidas tomadas para adaptar a máquina administrativa da junta às novas exigências organizativas da freguesia, como «sorvedouro» dos recursos financeiros.

Fazendo o balanço da actividade desenvolvida em 1986, o executivo da junta salientou a colaboração que teve de alguns departamentos camarários mas criticou outros, como os sectores de Obras e Fiscalização.

Câmara de Castelo Branco aprovou orçamento

O Orçamento e Plano de Actividades da Câmara Municipal de Castelo Branco, que prevê despesas e receitas de 436 607 contos, foi aprovado na última Assembleia Municipal da edilidade.

Cerca de 25 por cento do orçamento aprovado destina-se a obras a implementar em transportes e comunicações: 141 103 contos.

Para obras de saneamento a câmara dispõe de 65 000 contos, enquanto para urbanização e habitação foi aprovada a verba de 34 700 contos.

No que respeita à educação, vai dispor de 19 800 contos, estando destinados cerca de 20 000 contos para a construção de uma nova sede do município.

SALDOS
NOS GRANDES ARMAZENS ESPANHOIS

MADRID
VIAGEM DOS SALDOS, DE 15 A 17 E 29 A 31 DE JANEIRO – ALOJAMENTO EM HOTEL ★★★★
9900$00

SEVILHA
VIAGEM DOS SALDOS, DE 16 A 18 E 23 A 25 DE JANEIRO – ALOJAMENTO EM HOTEL ★★★
9900$00

BADAJOZ
A VIAGEM DOS SALDOS – 4.as FEIRAS E SÁBADOS
1000$00

FALLAS DE VALÊNCIA
A MAIOR FESTA DE ESPANHA
3 VIAGENS • DE 12 A 21 DE MARÇO
POR ANDORRA E BARCELONA
DE 15 A 21 DE MARÇO, POR MADRID
DE 17 A 21 DE MARÇO
HOTEL EXCELSIOR – INGLÊS
NO CENTRO DA CIDADE

★ INSCRIÇÕES LIMITADAS ★

HOLANDA FLORIDA
FESTA DAS TULIPAS EM FLOR
DE 1 A 16 DE MAIO – VISITANDO: SALAMANCA • VALLADOLID • BURGOS • BORDÉUS • ANGOULLEME • CHARTRES • PARIS • BRUXELAS • HAIA • AMSTERDÃO • ROTERDÃO • COLÓNIA • LUXEMBURGO • BRIVE • ANDORRA • MADRID, etc.
139 900$00

CONCEDEMOS TRATAMENTO VIP A TODOS OS NOSSOS CLIENTES

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N 135 83
MARCAÇÕES E RESERVAS NO SEU AGENTE DE VIAGENS

30 mil quilómetros como há 64 anos

De Sagres a Macau a voar no "rumo da solidariedade"

Os dois aviadores portugueses que sábado largaram de Sagres para Macau no monomotor «Sagres» cobrirão uma distância de 30 mil quilómetros, seguindo uma rota que os transportará pelo sul da Europa, Egipto, Arábia Saudita, emirados Árabes Unidos, Paquistão, Índia, China e Hong Kong.

Os pilotos que se propõem ligar de novo Sagres a Macau

Como meio de transporte é utilizado o monomotor 'Sagres', de 1965, com 10,67 metros de envergadura, 7,6 metros de comprimento e 2,54 metros de altura. A aeronave tem o peso máximo de 1.168 quilos, atinge 301 quilómetros como velocidade máxima de cruzeiro e a sua autonomia de voo é de cerca de 5 horas.

A chegada a Macau está prevista para 18 de Janeiro (domingo) e a partida para Lisboa para três dias depois, aguardando-se a chegada a Tires, arredores da capital, cerca das 15 horas de 1 de Fevereiro.

O promontório de Sagres, símbolo da largada para as viagens marítimas dos descobrimentos, foi cenário escolhido para o início do **raid** aéreo empreendido por três portugueses que pretendem chegar a Macau.

Jorge Cruz, 43 anos, natural de Coimbra, Arnaldo Leal e Álvaro Mendes, ambos de Lisboa, 54 e 40 anos, respectivamente, pretendem, (conforme anunciaram) repetir o feito alcançado em 1924 pelos aviadores Sarmento de Beires e Brito Pais e o mecânico Gouveia e em 1934 por Humberto Cruz e Lobato, no regresso de Timor.

O monomotor levantou da estrada alcatroada que liga a povoação de Sagres ao promontório cerca das 13 horas.

A partida foi presenciada por uma escassa dezena de pessoas entre as quais o presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo, José Deus, que enviou ao seu homólogo da cidade de Macau uma placa com a seguinte mensagem: «De Sagres a Macau, não há já descoberta de novos mundos, mas no rumo da solidariedade, da fraternidade e da paz entre os homens».

Morte de jovem na Linha do Norte cortou comboios

A linha do Norte esteve interrompida, no sábado, no sentido descendente (Norte/Sul) entre as 17 e 30 e as 19 e 30, em consequência de um acidente registado perto de Coimbra e que provocou a morte de um jovem de 14 anos, de apelido Guerra, que se terá precipitado para a linha na tentativa de retirar algumas ovelhas que se encontravam na via.

O desastre deu-se em Ribeira de Frades, entre Taveiro e Coimbra, junto à passagem superior da auto-estrada sobre a linha férrea. O maquinista do comboio que circulava entre Coimbra e a Figueira da Foz terá afirmado que se apercebeu da presença de dois jovens e de algumas ovelhas sobre os carris.

Contudo, depois de algumas buscas efectuadas não foi possível localizar qualquer compenheiro do jovem que acabou por ser trucidado.

Cem mil contos de cheques carecas só em Coimbra

A Polícia Judiciária de Coimbra registou no ano passado 668 queixas de emissão de cheques sem cobertura, correspondentes à existência de 981 cheques nessa situação.

A quantia envolvida atinge um total de cem mil contos e os meses de Fevereiro e de Julho foram os que registaram valores mais elevados.

As maiores quantias por cheques sem cobertura foram, num caso, de 15 mil contos e, noutro, de 13 mil.

Padre Américo nasceu há cem anos

"Hoje continua a haver pobres"

— disse o bispo de Coimbra

Uma sessão solene e um pontifical assinalaram em Coimbra o início das celebrações do centenário do nascimento do padre Américo. O bispo de Coimbra, D. João Alves, que presidiu aos dois actos, salientou em nota pastoral o perfil e obra do padre Américo (fundador da Casa do Gaiato), considerando que a sua vida e actividade pastoral «são tão ricas que seria pena deixarem-se cair no esquecimento».

Salientou que «se o padre Américo se lamentava de ter chegado tão tarde ao sacerdócio, nós podemos dizer que a sua vida sacerdotal foi o bastante, dada a intensidade de fé e solicitude pastoral do seu testemunho».

D. João Alves disse que o padre Américo «não hesitou em escolher os mais pobres como sua herança» e sublinhou que «toda a sua vida sacerdotal foi um serviço constante aos mais desfavorecidos, fosse em Coimbra, Porto, Lisboa, Setúbal, ou em qualquer outra parte do País».

«Hoje continua a haver pobreza e é preciso que muitos façam a opção do padre Américo, que escolham servir os pobres», afirmou.

Aquele prelado evocou a obra do padre Américo salientando o facto da célebre «Obra da Rua» ter começado na diocese de Coimbra, onde o sacerdote fez a sua formação, foi ordenado e empreendeu os primeiros esforços em favor dos pobres.

Lembrou, a propósito, que a primeira Casa do Gaiato foi fundada em Miranda do Corvo, distrito de Coimbra, no ano de 1940, e a sua multiplicação posterior por Porto, Lisboa, Setúbal e Angola.

«Que a diocese de Coimbra, neste centenário, medite sobre a forma como tem colaborado com a «Obra da Rua», que tem aqui dois centros», disse D. João Alves.

Papa baptizou em Roma crianças portuguesas

O Papa João Paulo II baptizou 50 crianças de dez países, incluindo uma de Portugal, para assianlar o Dia Santo em que a Igreja Católica celebra o baptismo de Jesus Cristo.

Entre as crianças baptizadas encontravam-se 41 de itália e nove de Portugal, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Suíça, Polónia, Argentina, Brasil, Colômbia e Nigéria. Todas residem em Roma.

Entre o grupo baptizado havia 30 rapazes e 20 raparigas nascidos entre 30 de Setembro e 26 de Dezembro.

Durante uma missa no Salão das Bênçãos do vaticano, o Papa desejou às crianças baptizadas «uma vida e um futuro cheio de felicidade».

O Pontifície, de origem polaca, que administra pessoalmente todos os anos cada um dos sete sacramentos, iniciou, em 1981, a tradição de celebrar com baptizados o baptismo de Jesus Cristo.

A Santa Sé anunciou que, desde 1980, João Paulo II baptizou 211 crianças no Vaticano ou durante as suas viagens.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Análise
Eu acho que os portugueses têm características positivas.

Conselho Fiscal
Nestes 12 anos após o 25 de Abril, o balanço é negativo.

Então?
O investimento estrangeiro baixou. Prefere a Espanha. Os salários baixos já não é argumento decisivo para atrair o investimento.

Perguntar não ofende
Alguém sabe quanto tempo este governo vai durar? Por quem vai ser substituído?

Bem me parecia!
Ninguém sabe qual é o montante do crédito mal parado. O que se fez, em determinado momento, foi distribuir os recursos financeiros com base em critérios políticos.

Fácil!
Como se resolve o problema das empresas com salários em atraso? Fechando.

... e a propósito
Se as pessoas não recebem e acham que estão a ser vigarizadas, é evidente, que se queixem à Inspecção do Trabalho.

A direita...
Ser da Direita é acreditar no indivíduo, na sua capacidade de contribuir para o progresso da sociedade em que se insere.

... e a Esquerda
A Esquerda tem tendência para tomar conta de toda a gente, organizar todas as pessoas politicamente, sindicalmente.

Sua má!
Tivemos uma revolução em Portugal que tinha por objectivo destruir as empresas.

Estado a que isto chegou
O Estado é o inimigo público número um, eu já disse isso uma vez e estou profundamente convencido.

Uma história que mete feitor
Durante as minhas férias estive no Alentejo, onde tenho uma exploração agrícola, e estava a discutir com o meu feitor a possibilidade de um investimento. E ele dizia-me: «O senhor doutor, veja lá se se mete nisso, depois daqui a algum tempo muda o governo, não se sabe quando é, e pode vir com outra política.»

Pois foi, doutor, pois foi...
A ideia de que as pessoas são todas boas, é uma concepção da Esquerda.

Nota — **Os títulos são meu. Tudo o mais é do dr. Ferraz da Costa, na TV**

Novo confronto à vista no Parlamento

BELEZA LEGISLA SOBRE MATÉRIA NAS MÃOS DA COMISSÃO DE SAÚDE

● *Maioria vai pedir ratificação de diploma de gestão hospitalar*

A maioria parlamentar deverá pedir, a curto prazo, a ratificação do decreto sobre gestão hospitalar publicado, na passada sexta-feira, na folha oficial — soube o «Diário de Lisboa» junto de fontes sindicais. Ao mesmo tempo que cresce a contestação à ministra da Saúde, cada vez mais criticada pelos médicos, desde a própria Ordem aos Sindicatos, reorganizam-se todos os interessados pelo sector, em evitar aquilo que classificam como «colapso total da saúde em Portugal».

O diploma publicado na passada sexta-feira, contra o qual o «DL» já havia alertado por via da tentativa de governamentalização subjacente nas suas linhas gerais deverá passar pela Assembleia da República para ratificação e ser «chumbado». É essa, segundo as nossas fontes, a determinação da maioria parlamentar, que parece não recear mais este «ensaio de confrontação do Governo com a Assembleia da República», acrescentou o mesmo informador.

A Comissão Parlamentar de Saúde e Segurança Social ainda não se manifestou sobre a diligência do Governo para que os seus membros se encontrem com Leonor Beleza na Assembleia da República. É muito provável que rejeite a «oferta», uma vez que tem entre mãos, desde o ano findo, um projecto de decreto-lei de autoria de um dos maiores especialistas na matéria — o deputado do PRD Dias de Carvalho — sobre gestão hospitalar. Para as nossas fontes, esta iniciativa do Governo tem contornos definidos e constituirá uma «verdadeira provocação», conforme nos disseram, uma vez que o Governo e em particular Leonor Beleza estavam ao corrente do problema.

Por isso, a maioria parlamentar, e na circunstância a oposição ao Governo, deverá solicitar a ratificação do diploma do Ministério da Beleza, através do qual esta pretenderia «governamentalizar» os hospitais, colocando à sua frente homens da sua confiança. Há, no entanto, mesmo no PSD, quem se oponha a tal tentativa, por ter a confiança do pessoal hospitalar e recusar nomeações.

Sindicatos exigem demissão de Beleza

A Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos exigiu em Coimbra, a imediata demissão de Leonor Beleza, como «medida terapêutica urgente que evite o colapso total da Saúde em Portugal». Reunida em Coimbra a mais alargada estrutura dos médicos de todo o País, decidiu promover ainda uma «reunião magna do sector, no próximo sábado, visando estudar formas de luta conjuntas para levar Beleza à demissão sem apelo nem agravo», de acordo com uma outra fonte sindical. Nos trabalhos deverão participar enfermeiros, gestores hospitalares e outros elementos da Função Pública ligados à Saúde.

A referida Comissão (que inclui os Sindicatos Médicos do Norte, Centro e Sul) considerou, ainda em Coimbra, que a «manutenção da ministra da Saúde torna-se insustentável, pelo seu comportamento e pelas medidas que vem aplicando».

Em conferência de Imprensa, Fernando Lopes, elemento da Coordenadora Nacional, sublinhou que «é a primeira vez que os Sindicatos dos Médicos assumem, de uma forma pública e conjunta, a exigência da demissão da ministra da Saúde.

A coordenadora nacional dos Sindicatos dos Médicos considerou ainda que o sector da saúde «atravessa hoje a sua mais grave crise dos últimos decénios, tendo atingido em muitos níveis uma situação de rotura aberta».

Para a comissão, o actual Governo, através de Leonor Beleza, «tem aplicado uma política de premeditada desarticulação dos serviços de saúde oficiais com o objectivo de destruir o serviço Nacional de Saúde».

Acrescentou, por outro lado, que o Governo, «numa inequívoca demonstração de cariz totalitário, pretende anular a gestão democrática dos hospitais com a recente publicação de legislação cujo conteúdo, conhecido há alguns meses, vinha sendo alvo de repúdio generalizado».

«O Governo demonstra ainda falta de ética política ao legislar sobre matéria em discussão na Assembleia da República, levando-nos a interrogar se não se tratará mesmo d e um afrontamento a este órgão de soberania» — prosseguiu.

A Coordenadora Nacional afirmou que o recente despedimento de um número superior a 1500 médicos se traduz «em mais uma medida brutal, lesiva dos interesses das populações que continuam a defrontar-se com graves carências neste campo».

Nova «grelha» salarial

O Governo nunca conseguiu apresentar qualquer estudo que demonstrasse não serem estes médicos necessários aos serviços e, pelo contrário, o seu despedimento provocou de imediato a rotura da generalidade dos serviços de urgência», esclareceu.

Das decisões tomadas na reunião destaca-se a exigência de que os médicos agora despidos mantenham o vínculo profissional aos hospitais em que se encontravam até à realização de um novo concurso durante o primeiro semestre deste ano.

Exigiu igualmente a garantia de colocação futura para os internos do complementar em formação, bem como a garantia de emprego e de estabilidade aos clínicos gerais «posta em causa por legislação recente».

Por último, a Coordenadora exigiu que o Governo se disponha a discutir a nova «grelha» salarial dos médicos e apelou aos vários grupos parlamentares para solicitarem a ratificação do Decreto-Lei sobre a gestão hospitalar, de modo a impedir a concretização do que classificou como «grave atentado à vida democrática em Portugal».

Os Sindicatos Médicos anunciaram, por outro lado, que vão tomar medidas para a instauração de um processo-crime por difamação ao Director-Geral dos Hospitais por afirmações que tem produzido sobre os médicos.

O início imediato de reuniões a nível dos hospitais e restantes estruturas da saúde, com o objectivo de preparar um vasto conjunto de acções reivindicativas que apontem para formas de luta mais radicais, inclusive a greve, foi outra das decisões tomadas pela Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos.

Despedimento dos policlínicos

PCP classifica Governo: "inteiramente irresponsável"

A direcção da Organização Regional do Porto, do PCP, considera que o Governo «actuou de forma inteiramente irresponsável» ao despedir os médicos policlínicos, num «completo desprezo pela saúde das populações».

A DORP do PCP refere que estão a ocorrer nos serviços de urgência de vários hospitais do distrito do Porto «sérias anomalias e perturbações que já conduziram, nos casos do Hospital de St. António, ao seu encerramento», refere em comunicado.

«Tal facto, cuja gravidade se torna desnecessário sublinhar, decorre directamente do despedimento dos médicos policlínicos, decretado recentemente pelo Ministério da Saúde», frisa ainda o documento do PCP/Porto, que «exige a adopção de rápidas medidas para que seja reposto o funcionamento normal dos serviços de saúde do distrito do Porto».

«Isso passa — salienta o texto — através da imediata colocação dos jovens médicos despedidos nos hospitais».

Hospitais de Almada e Barreiro

Governo quer enquadrá-los nas urgências da Grande Lisboa

Os hospitais do Barreiro e de Almada deverão ser lançados este ano e apetrechados com pessoal e equipamento de modo a inserirem-se na rede hospitalar anunciada por Leonor Beleza relativamente à área metropolitana de Lisboa. A titular da Saude adiantou há dias o seu esquema, visando em tempo oportuno (que não especificou) dotar a Grande Lisboa de serviços de urgência que permitam desafogar os hospitais de S. José e Santa Maria. Aliás, neste momento, é o caso que em qualquer deles ressalta, por via do despedimento de milhar e meio de policlínicos. Os serviços de urgências não funcionam, praticamente, em qualquer deles.

Leonor Beleza antecipou, portanto, esse quadro, de resto por ela traçado no discurso da escritura pública do Hospital S. Francisco Xavier, no Restelo. Anunciou, entretanto, a criação de dois novos hospitais — o que já havia feito por mais de uma vez — na área metropolitana de Lisboa, zona onde habita um quarto da população portuguesa.

Os novos hospitais serão construídos a cargo da Misericórdia de Lisboa — o Hospital Oriental, com 800 camas (do Estado), o Hospital Ocidental, com 670 camas.

O Hospital Ocidental destina-se a servir as populações dos concelhos de Amadora e Sintra (cerca de 350 000 pessoas), traduzindo-se num novo serviço de urgência fora da capital, com uma capacidade prevista para cem mil urgências/ano.

O Hospital Oriental, que deverá «concentrar especialidades sofisticadas hoje dispersas por diversos estabelecimentos», criará na periferia da cidade um segundo serviço de urgência com capacidade para 120 mil atendimentos anuais, disse aquele membro do Governo. O estabelecimento abrangerá as populações da Zona Oriental de Lisboa e concelho de Loures (também cerca de 350 000).

Os dois novos hospitais, juntamente com os do Restelo, do Barreiro e de Almada — a lançar também este ano, como acima se diz —, irão possibilitar que sejam retiradas 70 por cento das actuais «urgências» nos estabelecimentos de São José e Santa Maria. A seu tempo o veremos...

O Hospital de S. Francisco Xavier, adquirido a uma companhia de seguros, dispõe de sofisticados meios técnicos e destina-se a dar apoio médico às freguesias ocidentais de Lisboa e ao concelho de Oeiras, com cerca de 280 000 habitantes.

Este estabelecimento situado no Bairro do Restelo, tem por enquanto 209 camas, mas será ampliado, com um segundo bloco que alargará a sua capacidade para 450.

ATENÇÃO CACÉM

CONCESSIONÁRIO RENAULT

VESAUTO

AUTOMÓVEIS E REPARAÇÕES, LDA.

INAUGURA NO PRÓXIMO DIA 19/1/87
UM NOVO STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS DE:

• *AUTOMÓVEIS NOVOS*
• *PEÇAS E ACESSÓRIOS*

na

Avenida dos Bons Amigos, 39 — CACÉM — Tels. 924 45 29 e 924 91 09

VISITE-NOS! VEJA A NOSSA GAMA DE NOVOS MODELOS

De acordo com o "Jornal de Notícias"

JUDICIÁRIA LANÇOU 'CAÇA' A REGADAS

A Policia Judiciária lançou uma verdadeira «caça» a Júlio Regadas, o subinspector da PJ do Porto sobre o qual impende um mandado de captura por alegada prática de actos de corrupção, revela na sua edição de hoje o «Jornal de Noticias».

Segundo o matutino portuense, o mandado de captura contra Júlio Regadas mudou de mãos e agora está na posse de um subinspector que tem vários investigadores no caso, com a orientação de não abrandarem o trabalho sem que ele tenha êxito.

Recorda-se que em entrevistas a vários jornais, Júlio Regadas disse que apenas se submeterá à prisão se o mandado de captura for retirado e o Juíz de Instrução Criminal o ouvir livremente. Regadas levantou ainda autênticos reptos acerca de como não foi preso e aflorou questões relacionadas com a existência de práticas de corrupção na Directoria da Policia Judicária do Porto.

No entanto, o magistrado a quem o caso foi distribuído considera fundamental para o processo ouvir o mais rapidamente possível o subinspector da PJ e, uma vez que o «habeas corpus» requerido por Júlio Regadas foi-lhe negado, as diligências policiais no sentido da sua captura foram intensificadas.

Por outro lado, o facto do «habeas corpus» não ter sido concedido a Júlio Regadas terá como consequência imediata o «fechar das portas» aos outros detidos que, segundo o «Jornal de Notícias» poderiam levar a cabo pedidos idênticos.

Montalvão Machado pediu atraso dos processos

O matutino portuense divulga, tambem, que Montalvão Machado, conhecido jurista e politico do Porto, e ex-advogado e amigo de Maria da Graça, está indiciado no processo pela denuncia feita de que teria pedido para que um ou mais processos de cheques ali pendentes contra a sua ex-cliente fossem retardados por alguns dias, na convicção de que Maria da Graça os viria a pagar.

Deste modo, ficam sem fundamento as noticias postas a circular de que Montalvão Machado teria sido ouvido devido à sua relação com a fuga do irmão de Maria da Graça, e que o tivesse escondido numa casa sua.

A data desse acontecimento, refere o «JN», Montalvão Machado encontrava-se ausente no estrangeiro em desempenho de funções politicas, facto que tambem é corroborado pelo advogado de Maria da Graça, Lourenço Pinto, em entrevista hoje publicada no «Primeiro de Janeiro».

Depois de salientar que a sua cliente tem um passado sem mácula, e é uma mulher rica por ter comprado ao falecido consul José Guimarães, por contrato legal, acções da ENEDA no valor de 450 mil contos, Lourenço Pinto aborda algumas questões processuais.

Em sua opinião, a violação do segredo de justiça que ocorreu com a divulgação do caso pelos jornais ofende o interesse público, prejudicou o bom andamento do processo e ofende o interesse da sua cliente, razão pela qual «ela irá reagir pronta e eficazmente, denunciando criminalmente todos aqueles que violaram o seu direito ao bom nome, pedindo para além das sanções penais adequadas, as indemnizações condignas para ressarcimento dos danos materiais causados».

Lourenço Pinto manifestou a sua surpresa pelo renascimento das custas telefónicas que não fazem nenhuma prova em juízo, mas que, se vierem a ser dirigidas contra a sua cliente o levarão a tomar «medidas adequadas quanto à sua legalidade» e a agir «de modo forte contra a ordem da sua execução».

Secretário de Estado propõe revogação de decreto-lei sobre Casa do Douro

O secretário de Estado da Alimentação, Amaro Matos, afirmou no sábado em Peso da Régua que vai propor ao Governo a revogação do decreto-lei que extingue a Casa do Douro.

Amaro de Matos disse que este diploma, com data de 24 de Setembro de 1986, «cai por inutilidade, uma vez que os lavradores da região rejeitam frontalmente a sua entrada em vigor».

O secretário de Estado da Alimentação fez esta afirmação durante uma reunião do Conselho Regional Agrário que se realizou nas instalações da Casa do Douro, em Peso da Régua, com a presença dos seus 60 membros.

Amaro de Matos garantiu aos membros do Conselho que as eleições para os orgãos da Casa do Douro se vão realizar ainda durante o primeiro trimestre de 1987, de acordo com a regulamentação estabelecida no decreto-lei anterior ao que extinguia aquele organismo de lavoura.

«Temos de pensar em termos de futuro na organização da Casa do Douro», frisou Amaro de Matos.

Nesta reunião participou também a União das Adegas Cooperativas da Região Demarcada do Douro, representando 24 adegas cooperativas da região - mais de 60 por cento da produção viticola da região -, que pediu «a revogação imediata do decreto-lei que extingue a Casa do Douro» em documento distribuído.

Os lavradores da região também se queixaram ao secretério de Estado de que a decisão de extinguir a Casa do Douro fora tomada sem qualquer consulta à lavoura da região.

PRD contra extinção

Entretanto, também a comissão política do PRD de Vila Real se pronunciou sobre a publicação do decreto-lei que extingue a Casa do Douro, que considerou «infeliz e misteriosa», advogando a sua revogação, porque lesa «os interesses profundos das mulheres e dos homens, que são o próprio Douro».

A estrutura local dos Renovadores deseja que o decreto-lei 316/86 «morra nas mãos daqueles que, de espírito fechado, tudo centralizam em Lisboa».

O decreto-lei, promulgado em 24 de Setembro, apenas produzirá efeitos, após a criação de uma associação, que represente os produtores de vinho da Região Demarcada do Douro, enquanto comete ao Instituto de Vinho do Porto(IVP), proceder à alteração do modelo e natureza jurídica da Casa do Douro, afirma o PRD.

O PRD refere, a propósito da revogação do decreto-lei que o secretário de Estado da Alimentação vai propor ao Governo, que o Executivo «vem finalmente ao encontro do diálogo» assinalando o facto como «tardia cedência», porque «a democracia se exprime antes de mais e sempre, na capacidade de diálogo oportuno e fecundo».

O texto do PRD salienta ainda que, «só agora, flagelado pelo fogo cruzado dos partidos, sem excluir o PSD, o Governo que se instalou no poder, se oferece ao diálogo, método essencial de cuidar dos negócios do povo».

FENPROF exige mais soluções ao MEC

Reunido no final da semana passada, o secretariado nacional da Federação Nacional dos Professores fez o balanço da actividade desenvolvida durante o primeiro periodo, constatando a incapacidade do Governo e do Ministério da Educação para atacar os problemas estruturais do sector.

«A FENPROF não assiste passivamente a algumas iniciativas recentes do MEC que configuram uma nova investida «publicitária» da equipa ministerial, de que apenas se citam dois exemplos: o anúncio da construção de 25 pavilhões gimno-desportivos de escolas, e a indicação de novos directores-gerais», revela o comunicado divulgado à Imprensa.

De acordo com o texto, o principio que o Ministério da Educação e Cultura está a seguir é o de «mexer nalguma coisa para não alterar nada», e, referindo-se concretamente aos dois casos publicitados pelo MEC, a Federação Nacional dos Professores salienta que «no primeiro caso estamos perante uma clara fuga a compromissos assumidos, pois em Janeiro de 1986 o ministro João de Deus Pinheiro afirmou que seriam construídos 40 pavilhões, e que todas as novas escolas seriam equipadas com essa «peça» fundamental à educação integral dos alunos».

A nota revela, assim, que «aquilo que se anuncia como importante iniciativa é o produto final de uma política que não responde às mais elementares necessidades da escola portuguesa».

As teses da "post-social-democracia" e Pierre-Joseph Proudhon

Continuação da pág. 3

comme une hiérarchie de fonctions et de facultés, mais comme un systeme d'equilibration entre forces libres dans lequel chacune est assurée de jouir des mêmes droits à la condition de remplir les mêmes devoirs, d'obtenir les mêmes avantages en échange des mêmes services, systeme par conséquent essentiellement égalitaire et libéral (**Capacité politique des classes ouvriéres** p. 124).

E é mesmo Proudhon, por oposição às correntes socialistas autoritárias e colectivistas, quem enfatiza a «autonomia». A mesma autonomia que vimos antes ser a pedra de toque do pensamento de Rosanvallon.

Por autonomia da sociedade, Proudhon entende o poder latente e a possibilidade real dessa mesma sociedade se organizar e se governar segundo as suas próprias leis sociológicas, concepção que, como vemos, não é substancialmente diversa daquela com que Rosanvallon perspectiva aos seus «auto-serviços colectivos».

Paralelamente, onde as influências directas do pensamento proudhoniano se detectam sem ambiguidades nos escritos de Rosanvallon, é na apelidada **Teoria do Direito Social.**

Revertamos, neste aspecto, ao que nos descreve o teórico da pós-socialdemocracia.

Uma das condições essenciais, para que seja possível reduzir a procura do Estado e paralelamente dar livre rédea à via da autonomização, é, sustenta Rosanvallon, «produire un droit adequat à lá réalisation de cet objectif» (p. 115).

E esse direito é precisamente o Direito Social, ou seja, um direito que ultrapasse uma situação bipolar que é a que se verifica actualmente na ordem jurídica: **ou o indivíduo ou o Estado.**

No quadro desta dicotomia jurídica individualismo-Estatismo, existem factos sociais que não podem ser apreendidos, somente a partir do indivíduo ou do Estado, e que necessitam transformar-se em factos normativos.

Escreve Rosanvallon:

«La definition d'alternatives positives à l'Etat-providence suppose à la fois que des segments de la societé civile (groupes de voisinage, reseaux d'entraide, structures de prise en charge d'un service colectif, etc.) puissent être reconnus comme des sujets de droit autonome par rapport à la loi d'essence étatique (...).

Aller ver une societé plus flexible moins rigide implique que le droit devienne lui même pluraliste, qu'il existe un droit social au moins partiellement independant du droit étatique» ... (p. 117).

Ora é precisamente neste ponto que a tese pós-social-democrata, mais se torna credora do pensamento de Proudhon.

Na realidade, quer a crítica a uma concepção individualista do Direito, quer a defesa de um «direito social» que promana e regulamenta as diversas corporações e empresas, é um dos mais originais contributos para o pensamento político e jurídico hodierno, introduzidos por Proudhon.

Proudhon afirma a existência de um direito social em íntima associação a um «poder social», sistematicamente usurpado pelo poder político. Este direito social encontra-se indissociavelmente ligado à sua concepção de Justiça.

A Justiça é essencialmente social, afirma Proudhon. «Faire acte de Justice c'est faire acte de Société».

A Proudhon é devida, com efeito, a significativa contribuição de, como afirma um seu comentador «ter enriquecido a realidade social» e «ter insistido no facto de esta compreender não só as forças colectivas, mas igualmente regulamentações sociais procedentes destas forças».

Proudhon, escreve ainda um seu comentador, defende «**o direito social autónomo e espontâneo,** o qual opôs ao direito individualista e ao direito estatal, derivados do direito romano».

Ora, não é diversa como se constata, a teoria do **Direito Social** sufragada por Rosanvallon.

É certo, contudo, que Rosanvallon, na sua exposição doutrinária, refere e cita expressamente os trabalhos do conceituado professor de Sociologia Georges Gurvitch, a propósito da sua dissertação «**L'Ideé du Droit Social**», datada de 1932, assinalando no seu discurso as progenituras de Hauriou, Duguit e do próprio Gurvitch, sobre a teoria do Direito Social.

O que, todavia, Rosanvallon omite, é a verdadeira paternidade do **Direito Social**, pese embora aos escritos de Georges Gurvitch, a assinalem transparentemente, posto que se debruçam de modo expresso sobre o pensamento de Proudhon.

Torna-se assim claro que, caracterizadas por um inegável interesse doutrinário, as teses da post-socialdemocracia, tal como um dos seus mais conceituados paladinos, Pierre Rosanvallon, as apresentam, devendo parte substancial das suas construções ao filósofo de Besanson, não lhe prestam, como deviam, o merecido tributo.

* Advogado

Foi-se um lugre mas não se perdeu tudo...

"CREOULA" TRANSFORMADO EM NAVIO-ESCOLA

PORTUGAL, ao perder o seu último lugre «Creoula», conhecido nos mares do bacalhau como navio da «armada branca», ganhou um navio-escola que já se prepara para partir em novas missões. O «Creoula», cuja transformação foi dada por concluída pelos dois estaleiros portugueses prepara-se para efectuar as provas de estabilidade como navio-escola.

O antigo lugre sob responsabilidade da Direcção-Geral das Pescas tinha gastos anuais de manutenção de cerca de 30 mil contos.

Os trabalhos de reconversão do lugre em navio-escola que decorreram em dois estaleiros portugueses e o seu apetrechamento em aparelhagem de navegabilidade mais sofisticada está orçado em cerca de 200 mil contos.

Entretanto, está para aprovação do Conselho de Ministros o diploma que definirá o «Creoula» como navio-escola auxiliar.

O decreto-lei prevê que os navios de treino de mar, quando forem navios auxiliares do Estado, poderão ser dotados de guarnição permanente, constituída por oficiais, sargentos e praças da Armada do activo ou da reserva e em regime de comissão de serviço.

O navio-escola poderá ficar ao serviço das Marinhas de Guerra e Mercante, Secretaria de Estado das Pescas e das associações de vela entre outros, quando para isso requisitado, com a assinatura de protocolos e cujos serviços de utilização são suportados pelos mesmos.

Também está prevista a sua utilização em cruzeiros de treino de vela, regatas e de embaixador itinerante da cultura, economia e turismo.

Hoje navio-escola, o velho lugre foi transformado para poder receber a bordo 60 alunos e 7 elementos do corpo docente e 20 elementos da guarnição da Armada.

Considerado «a última jóia da construção naval portuguesa», o antigo bacalhoeiro andou durante 36 anos na faina dos mares gelados do Atlântico Norte.

Construído em 1937 no estaleiro da CUF, a pedido da Parceria Geral das Pescas, foi adquirido pela Secretaria de Estado pelo preço simbólico de 9 mil contos.

Sujeito a várias transformações, na casa de navegação foi instalada a aparelhagem electrónica onde os alunos poderão aprender a navegação mais moderna, dispondo de um computador que dá a localização do navio e qual a distância do porto mais próximo, uma aparelhagem de registo de tempo e a tradicional navegação à vela.

Na zona do porão onde foram transportadas milhares de toneladas de bacalhau estão agora quatro camaratas com 60 beliches, uma enfermaria com camarote e casa de banho, um camarote para quatro professores, amplas instalações sanitárias, uma cantina e um refeitório com «self-service» para 36 pessoas e salão de convívio.

A cobertura de vante foi também modificada com sete camarotes duplos para tripulantes e mestrança, refeitório, casas de banho, paióis e câmaras frigoríficas pra géneros.

A ré mantém a traça original com sete camarotes para oficiais, quartos de banho, escritório e copa.

Todos os alojamentos têm ventilação forçada, que poderá ser aquecida se necessário e como novidade uma estação de tratamento de esgoto.

Os quatro mastros onde as velas brancas vão levar a juventude por esses mares fora, num navio que foi histórico e que pertenceu à «armada branca» dos mares do bacalhau, é auxiliado por um motor de cerca de 500 cavalos e nos seus tanques poderão ser contidos 1500 contos de gasóleo.

Destinado a operar no Atlântico Norte, o navio tem casco de aço, reforçado para a navegação em águas geladas.

Com 70.50 metros de comprimento de fora a fora, e 63.61 metros de comprimento do casco, o «Creoula» tem 9.34 metros de boca na ossada, 676 toneladas de arqueação bruta e 521 toneladas de porte bruto.

Um «Creoula» do Século XV

Entre outras entidades o «Creoula» poderá vir também a ser utilizado pela Associação Portuguesa de Treino de Vela (APORVELA), Escola Náutica, Escola Profissional de Pesca e pela Escola de Mestrança e Marinhagem.

Ao longo das 36 campanhas nos mares gelados da Nova Escócia, Terra Nova, Saint Pierre e Miquelon, o único navio bacalhoeiro à vela vai servir de escola a jovens vocacionados para o mar.

O primeiro «Creoula» participou nas viagens dos marinheiros portugueses para o Atlântico Norte, no final do Século XV, onde foram encontrados mares em que o bacalhau era especialmente abundante.

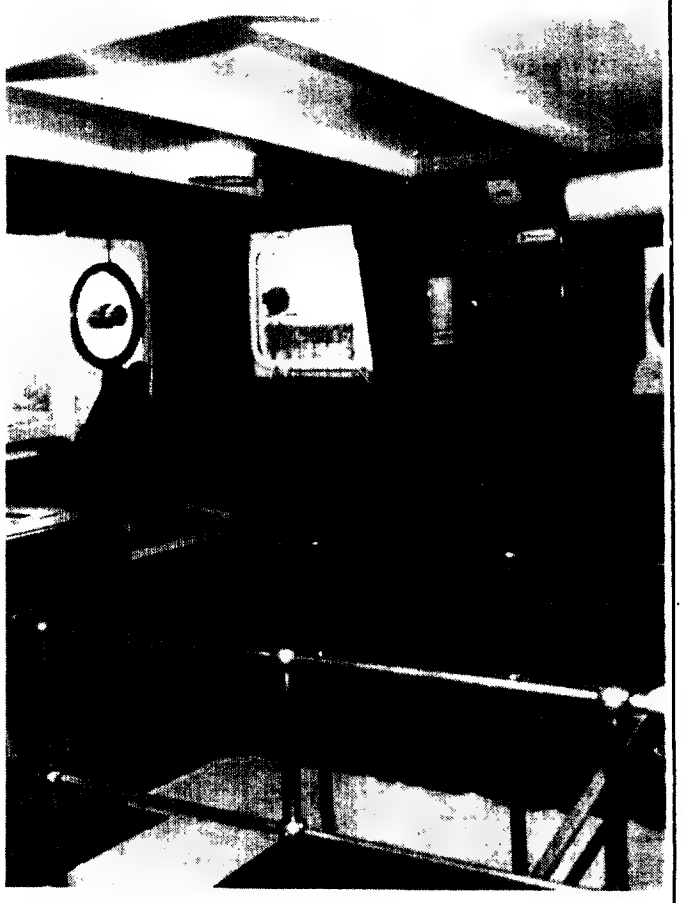
A exploração dessa riqueza foi prontamente iniciada, como se pode depreender da doação, feita em 1520, por D. Manuel I a João Álvares Fagundes, das terras descobertas naquela região onde se estabeleceu a colónia de Cabro Bretão com portugueses de Viana do Castelo e dos Açores.

Desde então o bacalhau fresco e salgado passou a fazer parte da alimentação dos portugueses, e muitos foram os bacalhoeiros à vela que, durante séculos, demandavam aqueles mares, deixando uma tradição única no mundo.

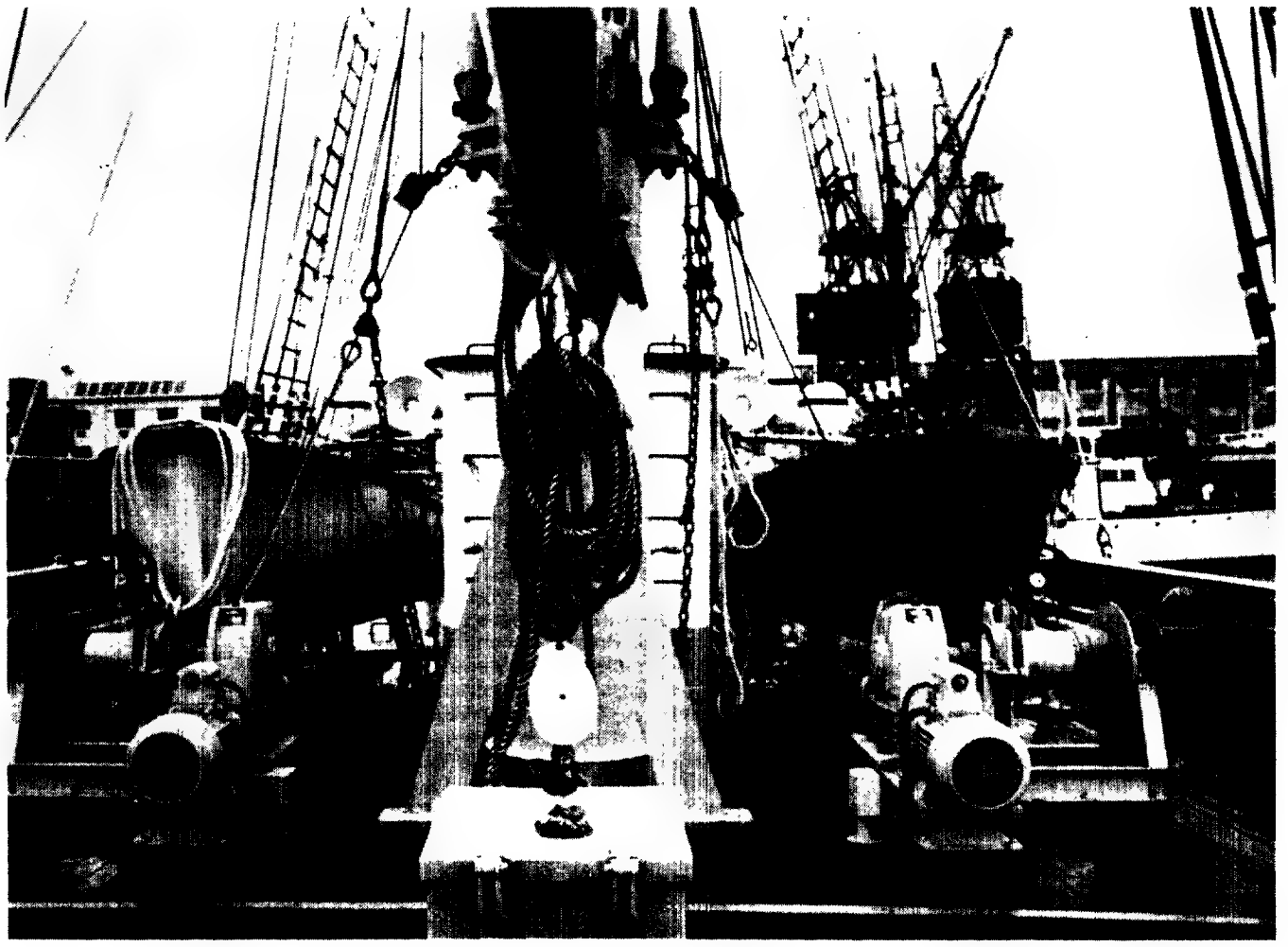
No Canadá por exemplo aqueles navios ficaram conhecidos pelo nome de «frota branca» (white fleet).

O «Creoula», mandado construir pela Parceria Geral das Pescas no estaleiro da CUF, em Lisboa, foi lançado à água em 1937.

Fez durante 36 anos campanhas de pesca ao bacalhau, teve sete capitães até 1973, ano da sua última operação à captura do bacalhau com os comandantes Aníbal da Graça Ramalheira, Adolfo Simão Paião, Franscisco da Silva Paião, João Fernandes Matias, Francisco Correia Marques e António Marques da Silva, o actual comandante.



A sala de comandos do «Creoula», já restaurada



O convés, pronto para a navegação

Durante as suas viagens dirigia-se à Nova Escócia (North Sidney) ou Terra Nova (St. John's) onde reabastecia de isco fresco, mantimentos, combustível e aguada para a Gronelândia, onde chegava todos os anos em meados de Junho, recomeçando a pesca no estreito de Davis (costa oeste) até aos 68 graus de latitude norte.

Se não terminasse o carregamento até princípios de Setembro, data tradicionalmente estabelecida como limite para a pesca com os doris nestas paragens, regressava aos bancos da Terra Nova, onde voltaria a tentar a sorte até meados de Outubro, altura em que regressava a Portugal às instalações dos seus armadores, no Rio Coina, Barreiro.

Em boas condições de tempo alcançava facilmente 12/13 nós de velocidade, cumprindo a distância da Terra Nova a Lisboa em cerca de nove a dez dias.

Num ano de boa pescaria o «Creoula» podia carregar 12 200 quintais de peixe verde (salgado).

Numa viagem normal o «Creoula» navegava com 50 homens, dez moços de convés, dois cozinheiros, três oficiais de máquinas, dois oficiais de ponte e capitão, nove marinheiros e um contramestre que acumulava essas funções com as de pesca.

Na Turquia, em 1960, os chefes do Partido Democrata, Bayar e Menderes, cumprem dez anos de Governo. A sua política favorece o investimento estrangeiro em detrimento do desenvolvimento da industria nacional, impede a revisão dos preços dos produtos agrícolas, favorece a construção de mesquitas e o regresso do ensino religioso às escolas primárias. A política laica e nacionalista de Mustafá Kemal, líder dos «jovens turcos» e dirigente nacional, está esquecida pelos novos governantes, embora continue a ter muitas adeptos em todo o país. A reaproximação com a Grécia, sob a égido dos Estados Unidos (1953) encontra-se, neste princípio de década, minada pelo conflito no Chipre, colónia britânica onde a minoria turca (18%) teme a união com a Grécia, reclamada (sob a forma de guerrilha, desde 1955) pela maioria grega. Em 1959, a Turquia aceita a independência cipriota, com garantias quanto ao futuro da comunidade turca e à manutenção, na ilha, de duas bases militares britânicas. O acordo é considerado, pelos opositores do Governo, como uma capitulação e, em Maio de 1960, um «putsch» leva ao poder uma junta militar de inspiração kemalista. Três dos chefes democratas (entre os quais Menderes), acusados de corrupação, são enforcados (Setembro de 1961). Mas a tendência vencida permanece forte. A nova Constituição da Turquia acaba por ser adoptada por fraca maioria e a oposição «democrática», reagrupada em três novos partidos, acaba por vencer as eleições de Outubro de 1961. As Forças Armadas cedem parte do poder aos civis, impondo como condição a formação de um Governo de coligação presidido por um militar, o velho marechal kemalista Ismet Inanu.

Em 2 de Maio de 1960 o conselho de ministros da NATO reunia em Istambul por entre grandes manifestações populares de protesto contra o Governo. O «estado de sítio», em vigor há vários dias, não impedia os protestos da população, e, no próprio momento em que os ministros iniciavam a conferência, findava um periodo de 24 horas de reflexão, dado pelo Governo à oposição para que reconsiderasse o regresso do país à normalidade. As últimas manifestações foram consideradas como uma resposta negativa e o exército iniciou, nesse mesmo dia, a detenção de milhares de pessoas, tendo recebido ordem para dispersar a tiro qualquer concentração de mais de 5 pessoas. A situação manter-se-ia tensa nas semanas seguintes e, a 27 de Maio, o Governo caia devido a um golpe militar.

Amal Gursil, o homem forte do golpe de Maio

Istambul nos anos 60

TURQUIA: O GOLPE DE MAIO

LONDRES, 27 — Notícias da rádio captadas hoje nesta capital, informam que o Exértcito turco assumiu a direcção do país. As notícias de Ankara foram captadas pela BBC e indicam que o Exército colocou sob custódia os chefes do Estado e do Governo e diversos ministros, incluindo o presidente Celal Bayar, o presidente da Assembleia Nacional, Refik Koralttan e o ministro do Interior, Namik Gedik. As referidas notícias acrescentam que o golpe de Estado efectuado pelo Exército se realizou à meia-noite, sem derramamento de sangue.

À população foi comunicado que não devia abandonar as suas residências. A emissora turca acrescentou ainda que esta situação é temporária. Manter-se-à até se formar novo Governo. A Turquia continuará leal à NATO e à Organização do Tratado Central (CENTO).

Adnan Menderes, o chefe do Governo turco, encontrava-se em Eskishehir, capital da província da Anatólia, quando se deu o golpe de Estado. Menderes chegara ontem àquela cidade para iniciar uma visita à província e devia seguir hoje para Konya. O seu actual paradeiro é, porém, desconhecido.

A emisssora de Ankara anunciou que o general Cemal Gursel se tornou presidente da Comissão de Unidade Nacional, que assumiu a chefia da Nação.

ISTAMBUL, 28 — A Turquia voltou hoje ao trabalho, após as Forças Armadas, comandadas pelo general Cemal Gursel, se terem apoderado do poder na madrugada de ontem, num golpe de Estado sem derramamento de sengue.

O general Gyursel assumiu a administração do país «para estabelecer o mais breve possível uma ordem clara e democrática», depois de mais de um mês de motins esporádicos contra o Governo, situação que levou à imposição da lei marcial.

Gursel dissolveu a Assembleia Nacional, colocou todos os ministros do Gabinete, incluindo o primeiro-ministro Adnan Menderes e o presidente Celal Bayar, sob custódia protectora do Exército, formou uma comissão de professores universitários para redigir uma Constituição para novas eleições e cancelou decisões tomadas pelos antigos comandantes da lei marcial.

Todos os oficiais presos anteriormente estão a ser postos em liberdade. A Comissão de Unidade Nacional anunciou, às primeiras horas de hoje, que todos os jornalistas presos durante o regime de Menderes foram postos em liberdade durante a madrugada e que tinham sido cancelados todos os procedimentos judiciais contra representantes da Imprensa.

ANKARA, 29 — O novo gabinete turco reuniu-se pela primeira vez esta manhã, protegido por tropas que guardavam também a estação emissora oficial. Presidiu o chefe do Governo e ministro da Defesa, general Cemal Gursel, que chefiou o golpe de estado militar de sexta-feira.

Gursel anunciou, durante a noite, que o seu gabinete governará a Turquia até às eleições para a constituição de um novo Governo. O general anunciou que Menderes continuará, provavelmente, sob custódia até às eleições.

Uma nova Constituição está a ser elaborada por peritos legais e o general pensa que o trabalho estará terminado em seis semanas. A nova Constituição deve prever um Parlamento de duas Câmaras e um tribunal constitucional para evitar futuros abusos.

Durante o golpe de Estado morreu um tenente e ficou ferido um certo número de pessoas. Efectuaram-se 200 prisões — informou.

O general acrescentou que os embaixadores norte-americano, britânico, italiano e grego lhe haviam assegurado que os seus Governos reconheceriam em breve a sua administração.

ANKARA, 30 — Os Estados Unidos e a Inglaterra reconheceram o novo Governo turco — segundo notas remetidas pelas embaixadas dos dois países a propósito do movimento levado a cabo pela Comissão de União Nacional. A Pérsia e o Sudão tomaram igual atitude.

O general Gursel anunciou a cerca de mil pessoas que «estava a tentar fazer que os dias negros não regressem. Obrigado pelo vosso apoio».

A multidão saudou os ministros que chegavam para participar numa reunião do gabinete. Uma das entidades mais distinguidas foi o general Sitki Ulay, comandante da Escola de Guerra desta cidade e um dos dirigentes da revolução. Algumas pessoas arrancaram-lhe os galões como lembrança, e Ulay compareceu sorridente na reunião, mas com o «dolman» quase desprovido de insígnias.

Convidado a pronunciar-se sobre as notícias de que o antigo ministro do Interior, Namik Gedik, cometera suicídio no cativeiro, um funcionário do Governo turco declarou: «Parece ser verdadeiro»

Consta que Gedik se atirou da janela do terceiro andar do hospital da Escola de Guerra, onde tem estado internado desde que foi preso na sexta-feira.

Segundo notícias não oficiais de Istambul, o ex-presidente Bayar, o antigo primeiro-ministro Menderes e outros antigos componentes do Governo vão ser transferidos para a base militar de Yassi, onde ficarão sob custódia.

Ontem as Forças Armadas detiveram 19 pessoas em Istambul e colocaram-nas sob custódia. Um informador oficial das Forças Armadas declarou estar persuadido de que não se verificará qualquer inciativa contra o novo regime, e acrescentou: «Tal acto não passaria de um suicídio».

Não houve, realmente, qualquer tentativa significativa para derrubar , pela força, o novo regime, que, apesar disso, não chegou a consolidar a sua posição. O problema cipriota iria agravar-se, condicionando a política iturca ao longo de toda a década de 60, e permitindo que a «mão castrense» interviesse com excessiva frequência na condução do país. Já nos anos 70, a consequência foi uma nova, e brutal, ingerência militar, cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir.

ALEMÃO: FALTA A 'VERDADE TOTAL'

Por um lado, surgem notícias, reveladas por algumas agências noticiosas, dando como encerradas as conversações entre o Belenenses e o Botafogo alegando que o futebolista Alemão (26 anos) fora contratado pelo Belenenses por 48 mil contos, no Brasil, diz-se que assim não sucede porque existe uma diferença de 24 mil contos entre a verba pedido pelo Botafogo e a oferecida pelo clube liderado por Rosa Freire por cá, os dirigentes da colectividade de Belém são lacónicos quanto ao «negócio» com Alemão e consta que apenas se encontra «firme» a contratação de outro brasileiro (Guina) actualmente radicado em Múrcia e que pertencera ao Vasco da Gama.

O melhor será não adiantarmos mais pormenores porquanto nestas questões nem sempre os dirigentes revelam a «verdade total», talvez seguindo a norma de que o «segredo é a alma do negócio».

Totobola e Totoloto em causa

Dirigentes do futebol discordam da distribuição

As associações regionais de futebol decidiram criar um grupo de trabalho para estudar as implicações financeiras da nova lei de distribuição de receitas do Totobola.

A criação da comissão obedece a uma proposta da Associação de Futebol do Porto, aprovada por unanimidade na reunião realizada sábado de manhã num hotel de Lisboa, entre as associações regionais e a direcção da Federação Portuguesa de Futebol.

José Azevedo, director da Associação de Futebol do Porto, afirmou que a comissão foi mandatada para elaborar uma proposta de redistribuição de verbas do Totobola e Totoloto, que contemple os interesses dos clubes, documento que será depois apresentado ao Primeiro-Ministro, Cavaco Silva.

O grupo de trabalho será formado por elementos das associações regionais do Porto, Viseu, Lisboa, Guarda, Faro e Funchal, e da direcção da Federação Portuguesa de Futebol. No entender das associações, a lei recentemente aprovada pelo Governo reduz substancialmente as verbas do Totobola e Totoloto afectas ao futebol, comprometendo os planos já traçados para 1987, nomeadamente no campo do fomento do futebol juvenil e dos melhoramentos em infra-estruturas.

A nova lei reserva apenas uma percentagem dos lucros do Totobola ao futebol, o que representa uma redução de cerca de 50 por cento das receitas afectas ao «desporto-rei».

"Patrícios me lixaram!"

Casagrande e Juary: **«meus patrícios me lixaram!»** *— desabafava o técnico Marinho Peres no termo do belíssimo espectáculo das Antas. Eles (foram) realmente os violadores das malhas vimaranenses*

Págs. 16 e 17

O Desporto

Futebol: contas federativas aprovadas pelas Associações

O relatório e contas da Federação Portuguesa de Futebol referente à época de 1985/86 e o respectivo parecer do Conselho de Justiça foram aprovados por maioria pela assembleia geral extraordinária das associações regionais.

Uma das associações mais críticas foi a de Setúbal, que por intermédio do seu tesoureiro, Rui Valdez, pôs em causa alguns aspectos dos documentos, defendendo uma auditoria às contas federativas, pois «as contas são a imagem de uma instituição».

A auditoria foi também defendida por Pinto Gomes, delegado de Coimbra, para «acabar com as dúvidas suscitadas pelas contas anteriores».

Para Pinto Gomes, a «direcção federativa deveria ser a primeira interessada numa auditoria, para não nos enojarmos mais».

Respondendo ao delegado da associação conimbricense, o presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Silva Resende, disse não recear qualquer auditoria, mas afirmou que a «direcção não está disposta a penitenciar-se» só para Pinto Gomes «exibir o troféu nas ruas de Coimbra».

Nacional de futebol

Campeão jogou no Norte

Neves de Sousa

Bem se poderá dizer que esta foi a jornada-chama que fez conter em silêncio as turmas lisboetas e, nas Antas, no palco soberano, duas grandes formações, repletas de rapazes notáveis, rubricando um espectáculo que permanecerá inesquecível (bem no topo do cartaz) até que outro «show» de estrelas venha deslizar no horizontes.

Mas, façamos uma rápida reciclagem da rodada: dezena e meia de remates vitoriosos, nove blocos sem pontaria calibrada, nenhum símbolo visitado a sentir o cutelo do desaire pleno e, no entanto, muitas frustrações em várias lojas.

Tudo começou neste sábado de sol lindo: na Póvoa de Varzim, a equipa de Henrique Calisto batendo o pé ao poderoso Benfica, a dupla de «centrais» lisboetas a não se entender minimamente no período final do teste e, no entanto, a paritária divisão de pontos a confirmar a águia como flecha do campeonato. Tal como significa belo estender de rede por parte das gentes poveiras. Ao mesmo tempo, no Bessa, a mediocridade andou à solta vestindo camisola xadrez, enquanto farenses muito cautelosos lograram retirar para o seu castelo com os sonhos a renovarem-se.

Hoje, foi o resto do calendário. Na Madeira, um Elvas surpreendentemente cabisbaixo, encaixando goleada do Marítimo. No Restelo, o depauperado (e esgotado) Belenenses a não conseguir desfeitear salgueiristas de rija têmpera. Em Alvalade, novamente o trivial: afundamento da confusa nau sportinguista e bom petisco viajando para Vila do Conde.

Portimonense fez o que se esperava: a lei do dono da casa proclamada no areópago da verdade. Braga sacudindo a juba e Chaves lamentando-se do grave acidente de Celestino. Depois, meus amigos, o louco e siderante duelo nas Antas, com dois exércitos plenos de vigor, a sensação vimaranense renovando (se isso fora necessário) uma candidatura ao ouro que se avista no centro do mapa da mina.

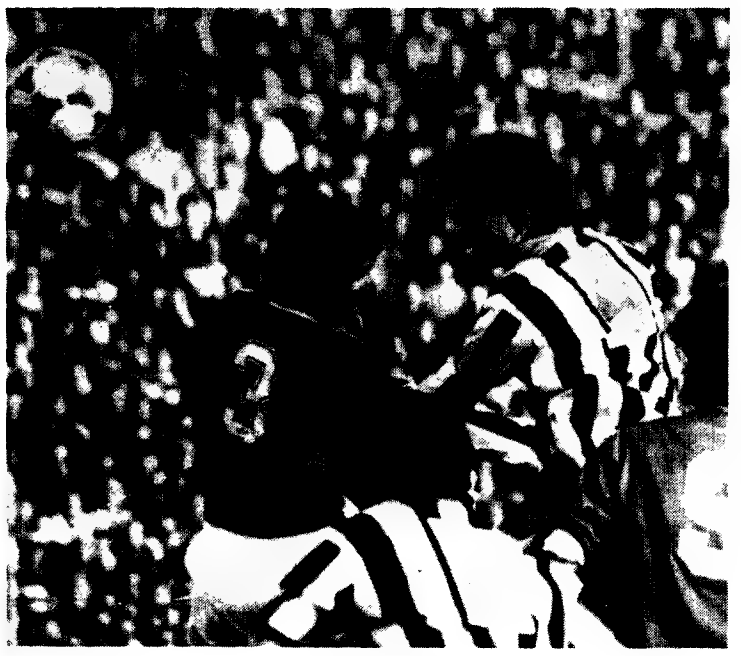
Um luxo: este diálogo entre «dragões» e a perfeita simbiose Zaire-Brasil-Portugal que Marinho Peres dirige como um maestro do Carnegie Hall. Por muito tempo, uns 45 minutos da segunda fatia da melancia vão morar na nossa retina. Enquanto (claro) de espírito rendido, se dividem as ovações pelas duas «esquadras»: o campeonato ferve. E, no Norte, neste fim-de-semana, jogou o campeão. Resta adivinhar que camisola veste.

O curioso é que, nesta rodada, Lisboa ficou a fazer cruzes na boca: nenhum dos membros do triunvirato real cheirou a baliza contrária. Mais: que dois terços dos tentos foram assinados por estrangeiros. E que, por este andar, o melhor que temos a fazer é naturalizar zairenses, juntar-lhes uma mão-cheia de brasileiros, dar-lhes camisolas federativas e colocar-lhes escudos no olhar. No fim de contas, parece que é para isso que viaja o futebol português, infelizmente pobre (digamos mesmo: paupérrimo) em matéria de dirigentes mas rico (opulento, até) quando se volta a colocar o olhar naquele fascinante segundo período do «show» das Antas: afinal, a linguagem do futebol é universal.

O Sporting mostrou ontem o holandês Houtman e o brasileiro Marlon, ambos credenciados como artistas da alta bitola técnica, só que nem um nem outro exibiram arte e engenho que atestasse o rótulo.

Para já, o melhor será aguardar futuros «ensaios» e o próximo tem Marvila como palco

Lúcio: mãos como tenazes



Golpe de cabeça de Quim: Águas ficou na sua algibeira

Varzim, 0-Benfica, 0

Só petisca quem arrisca

Desculpem a franqueza, meus caros amigos: na Póvoa de Varzim, a registar-se um vencedor, só poderia envergar a camisola da rija rapaziada que Henrique Calixto comanda e é de antes quebrar que torcer. Explico: face ao indiscritível descalabro da dupla de «centrais» lisboetas, no período complementar, os varzinistas dispuseram de algumas oportunidades que apenas foram colmatadas por Silvino e chegou-se ao inesperado de quase se jogar às moedas com o parceiro do lado até que surgisse o mais tímido ataque rubro.

De facto, Mortimore pode atirar para os ares uma grande verdade: vai à frente do campeonato, o resto é cantiga. Porém, que pobreza exibicional vai alternando com um ou outro lampejo de classe! O técnico britânico, que nunca foi de arriscar mais que uma moeda de tostão, passa a vida a mandar defender o nulo da entrada e à espera que um toque de arte de qualquer das suas vedetas tenha a sorte de conseguir um golito. Isso poderá sempre resolver os sucessivos problemas?

«Team» económico? Talvez. O certo é que não satisfaz os seus apaniguados, de há longas épocas habituados a verem bonito futebol, na turma menina dos seus olhos, agora a alternar coisas brilhantes com actuações inexpressivas metidas em colete de forças, espartilhadas e sem o mínimo de imaginativa. Aquela de (sistematicamente) atirar a bola pelo ar, à espera que Rui Águas tenha cinco metros de altura, ou que esteja em campo um Manniche que continua sentado no banco, de facto não lembra nem ao gato!

Pensou-se, antes da função escutar a primeira apitadela do juiz Miranda Dias, que a embaixada da águia ia atirar-se ao parceiro como gato a bofe, que talvez a defensiva poveira não conseguisse segurar o vendaval. Afinal, que se viu? Um Benfica perfeitamente apático, afinal ainda não reencontrado com a real categoria da maior parte dos seus artistas, com um meio-campo que tão depressa parece de segunda apanha e dá o «bafo» como logo a seguir faz recordar a falta que lhe faz o professor Carlos Manuel, meio dono do poder local. Depois, no meio de um complicado e atormentador marasmo, aparece Diamantino: simplesmente, talvez farto de ver a carruagem emperrada, também o moço da Moita deu agora em andar a passo, somente preocupadso em cobrar «livres», marcar pontapés de canto e fazer arremessos laterais. Assim, meus caros, não se pode ir longe.

●

À contínua falência do centro do seu reduto, o Benfica capricha em também desenvolver um estilo táctico que só deve ser entendido pelos egípcios que decifram hieroglifos. Os laterais, quando viajam, não encontram apoio dos parceiros Dito actua displicentemente, parece senhor do mundo e afinal é tão mortal como qualquer de nós, embora seja um jogador de alto nível técnico e mereça aplausos de cada vez que desce à terra. Por seu lado, Edmundo não deve ainda ter entendido que tarefa lhe foi entregue: às quinhentas, o ex-setubalense e o antigo bracarense andavam ao par a tentar chutar as nuvens, coisa incrível e nunca vista!

Enfim, pode o «team» comandante do campeonato alegar isso mesmo, que é o dono das rédeas da festa: mas, não se livra de andar sendo acusado de não aparentar estrutura capaz de suportar (fora de casa, saliente-se bem) confronto com qualquer dos outros dialogantes pelo trono.

●

Claro: a divisão de pontos tanto pode significar sucesso varzinista como boa recolha encarnada. Depende do lado que quisermos colocar o coração. Só o que não se pode esquecer é que a boa malta poveira tem um «onze» de se lhe tirar o chapéu, ainda que Joaquim Soares e Vitoriano, José Maria e Rui Barros, Paulo Pires e Lúcio, mais os convidados Brito e Lufemba estejam uns degrauzinhos acima do resto da craveira. Mas, se também considerarmos que Quim, secou completamente Rui Águas, que Miranda muitas vezes perdeu e ganhou para Veloso, que os raides de Paulo Pires pelos flancos valeram boa ovação, que tanto Lito como Vata ou Reinaldo estão perfeitamente enquadrados no esquema geral, encontra-se a autêntica diferença entre um grupo de artistas e um elenco sólido no cartaz. Isto é: Benfica com belos executantes, mas a meter água por vários rombos na nau; Varzim coeso e forte, realmente aquilo que se convencionou denominar de **equipa.**

●

Não foi espectáculo para entrar no ciclo das memoráveis recordações do fiel adepto do futebol. Chegou mesmo a entendiar, a fazer a plateia bocejar. Todavia, não se pode esconder uma outra verdade: batendo-se galhardamente, com muito brio e total consciência profissional, não se pode censurar quem quer que tenha estado de emblema ao peito, sobre o palco. O que os varzinistas não têm culpa é do seu treinador ser (muito legitimamente) ambicioso: e, do lado de lá, ter estado o fleumático técnico da Albion que só petisca quando um golpe de génio dos seus comandados resolve virar em fruto saboroso aquilo que pode parecer um enigma. Mas, é evidente, cada um sabe as linhas com que cose: e não se discutem os feitios, os íntimos das pessoas. O respeitinho mútuo é muito bonito: e, bem vistas as contas, só ao lavar dos cestos se conhece o resultado da vindima.

Neves de Sousa

Rui Águas sobre a relva: uma vez mais Quim era dominador

Com boa arbitragem de Miranda Dias (Coimbra) que esteve acompanhado por Oliveira Arcanjo e Silva Almeida, alinharam:

Varzim: Lúcio; Brito; Vitoriano, Quim e Lito; José Maria, Rui Barros, Miranda (Vata, 72), Soares I e Paulo Pires (Reinaldo, 82); Lufemba.

Benfica: Silvino; Dito; Veloso, Edmundo e Álvaro; Shéu; Diamantino, Nunes, Tueba (Rui Pedro, 74) e Vando (Chiquinho, 76); Rui Águas.

Cartão amarelo: Álvaro, Lúcio, José Maria e Lufemba.

Porto, 2-Guimarães, 2

ESPLENDO

Não se conta qualquer novidade: a mo
verso e reverso. No período de abertura,
exército de «livres», uma surda mas apa
contrárias, nervos à flor da pele, as duas
e arame farpado na ponta das botas. Do
com asas nos pés os portistas, serenos
escreveram-se três quartos de hora d
futebol, tão belo e ofuscante que bem
projectado nas escolas para que os no
como é maravilhoso e cativante o mais
conjunto que se pratica nos cine- canto

Receavam-se os dois potentados? Pudera: não é impunemente que tanto portistas como vimaranenses aparecem como donos do mais esbelto futebol jogado por estas bandas, que são as únicas turmas representantes da nossa gente nas andanças uefeiras, que possuem dois técnicos da água mais fina e um lote de executantes que pouco paralelo encontram dentro da fronteira rubro-verde.

Assim, compreende-se perfeitamente (e, tacitamente, aceita-se sem reticências) que Marinho Peres se tenha preocupado em segurar os dois atiradores de primeira dos «dragões»: Nené atento a Gomes e Nascimento totalmente desinibido e parecendo que nem ligava à categoria de Casagrande, a tomar conta da «estrela» vinda dos Brasis para estreia entre os portistas.

A partir daí, solto Ademir (impressionante exibição, aí para vinte impecáveis valores!), com Paulinho nas suas grandes horas, Roldão a carrilar perigo, Miguel e Costeado sem a mais leve falha, Jesus prontamente a recuperar de uma hesitação inicial, Carvalho e Adão a darem baile na asa canhota, apareceu o tento do serpenteante Cascavel, a siderar a moldura azul-branca e a provocar o delírio em mais de dez mil vimaranenses que ficaram loucos de alegria e logo percebendo que podiam confiar nas suas hostes. Por aquele andar, Marinho Peres, se pedisse o castelo, recebia em casa, lá no meio do sertão, pedra a pedra, embrulhadas em seda, as muralhas da terra do Fundador.

Si
Ant
artis
Emb
à cat
esbo
eme
feio
guns
Mas
diga
port
quil
men
Lim
cass
sinh
V
subs
com
quei
(pro

Casa

Paulinho versus Eduardo Luís: mo

OOROSO FASCÍNIO SOBRE A RELVA

Neves de Sousa

Casagrande e Juary: camisolas fora dos calções. Marinho Peres: camisa fora das calças.

N'Dinga: belo corte à progressão de André

e: a moeda, nas Antas, teve mesmo rtura, uma hecatombe de faltas, um nas aparente perseguição às canelas s duas esquadras de dentes cerrados tas. Depois, na volta do balneário, erenos e calmos os vimaranenses, nora do mais saboroso e límpido e bem merecia que o filme fosse os nossos meninos aprendessem, mais bonito e apaixonante jogo de cantos do Globo.

Simplesmente, o «onze» das Antas é adulto e constelado de artistas muito tarimbados. Embora as faltas fossem óbice à cativação do público, cedo se esboçu a réplica, depressa emergiu da neblina do jogo feio a pureza da parte de alguns senhores deste circo. Mas, aqui é necessário que se diga uma coisa firme: a defesa portista não está à altura daquilo que é exigível, especialmente porque a chamada de Lima Pereira foi um quase fracasso e destelhou imenso a casinha.

Valeu, na emergência, a substituição ao intervalo. E, como Fernando Gomes se queixou da coxa esquerda (prognóstico ainda reservado, segundo nos disse o dr. Domingos Gomes) vieram as trocas que iriam fazer galopar um emperrado Porto de abertura. Juary (seta verrinosa) e Semedo (dono de boa técnica) logo que despontaram do túnel pareciam dois bólides: e o empate chegaria para dar expressão real e indesmentível ao que se passava na esgrima de cristas.

Casagrande mais alto que Costeado

Porém, quando se poderia imaginar que o edifício de Guimarães ficara seriamente abalado, veio outra vez o fabuloso Paulinho Cascavel a vingar-se do antigo patrão. E, não contentes, com isso, os minhotos a darem cartas em tudo o que era possível de escoar da também óptima exibição portista. Por isso, de olho arregalado, dando por magnificamente empregue o seu dinheirinho, a arquibancada ficou delirante. Dois galos disputavam o poleiro: mas eram raça pura, afinada, de valia perfeitamente igual, ainda que sobressaísse o colectivismo vimaranense tal como o sublime domínio da esferazinha por parte de Frasco e Futre, sendo também justo que se saliente Casagrande pelo muito que promete logo que sair de período de travagem na carreira. Melhor: mal se adapte ao tom corrente da formação de Artur Jorge e, com tabelinhas (Gomes) ou no aproveitamento de raides (Futre, Frasco, Juary, Madjer) ponha a cabeça em água aos donos de outro emblema.

Já quando Guimarães parecia empunhar o estandarte, chegou novo golo brasileiro, a equiparar o «placard». No final do festim, bem nos dizia Marinho Peres:

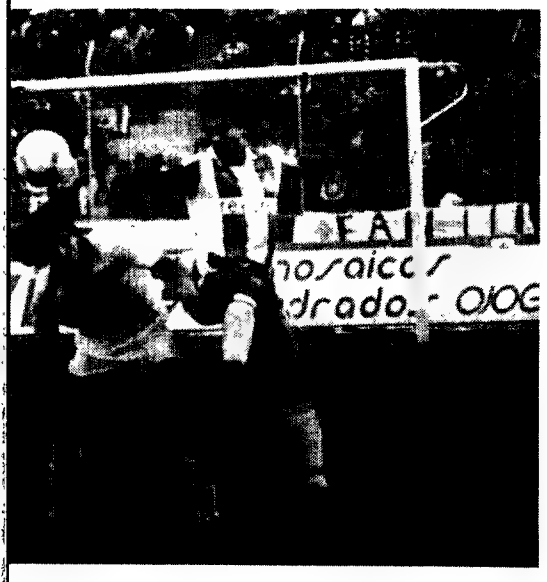
— Meus compatriotas me lixaram...

Uma embaixada francesa filmava Paulo Futre: o «menino de ouro» vai aparecer no mundial «Onze». Sossegavam as mais inquietas consciências: não havia controlo «antidoping». Era um maralhal de gente a exultar: não será tão cedo que outras duas bandeiras estão no terreiro da luta a maravilhar o cliente mais exigente. Porque, acreditem, foi uma belezinha o futebol jogado no golpe final à melancia. O Vitória como um marmóreo bloco, como granito inquebrável, impossível de corroer. Iguamente o Porto de sabor extrafino, de levar aos lábios e ficar inebriado pelo perfume exalado. Coisa só vista, contada não se acreditaria se não soubesse, de ciência certa, como é rquíssima a dupla galeria de «astros» que estavam em directo confronto por pontos e contos.

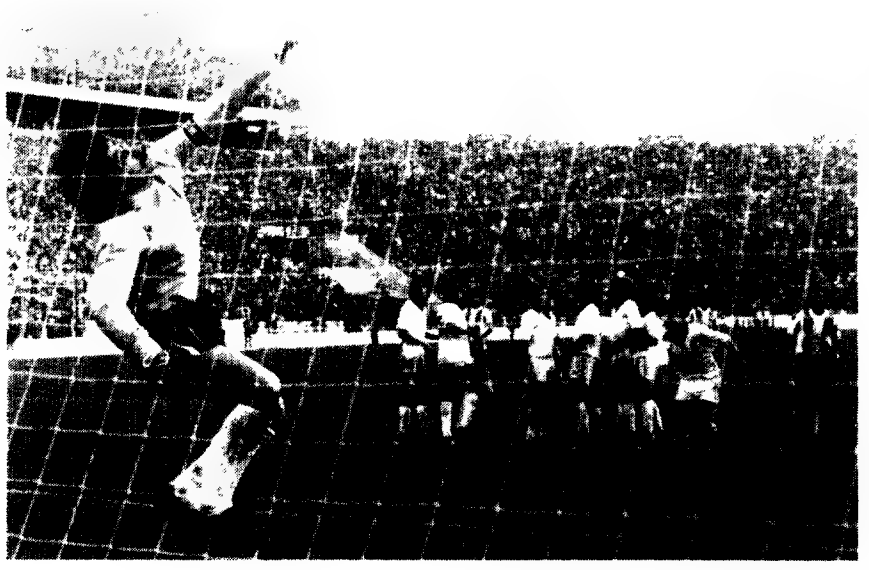
Logicamente que Ademir (já o dissemos) foi vedeta entre uma via láctea de estrelas. Contudo, é forçoso não dissociar da sua prodigiosa exibição o possante N'Dinga e a esperteza sagaz e produtiva de Cascavel, tanto como a habilidade e o engenho dos demais colegas da labuta pela vida. E, entre os «dragões», respeitar em corpo inteiro a determinação de coresponderem à audácia e ousadia vimaranense com o seu melhor apuro.

Quando, como ontem, acontece fascínio, a rendição é total, calcam-se imediatamente os ressentimentos de tal fatia de abertura que nada prometia de bom. Afinal, tal como dizem os bons ciganos, não se devem aplaudir as gracinhas dos meninos de berço porque podem eles não desenvolver o bestunto e ficarem fechados na concha da palermice. É sempre melhor deixar correr o marfim, esperar pela queda das folhas do calendário. Ontem, apenas se perderam três quartos de hora: depois, foi só (e apenas) um esplendor que morou sobre a relva

Nené e Gomes: «onde é que te dói, dragão?»



s: momentâneo êxito portista



Livre «azul-branco» ao fechar do «show»: voo de Jesus

Com magnífica arbitragem de Rosa Santos (Beja) que foi ajudado por Marcelino Baptista e José Manuel, jogaram:

F.C. Porto: Zé Beto; João Pinto, Celso, Lima Pereira (Semedo 2.ª parte) e Eduardo Luís; Frasco, André, Quim e Futre; Gomes (Juary, 2.ª parte) e Casagrande.

Guimarães; Jesus; Nené; Costeado, Miguel e Adão; N'Dinga, Nascimento, Ademir e Carvalho; Paulinho Cascavel (N'Kama, 80) e Roldão.

Golos: Paulinho Cascavel (22 e 55), Juary (48) e Casagrande (68). Cartão amarelo para Frasco e Ademir.

Nacional de futebol: Lisboa ficou a zero

Um dia, quando se fizer a história deste campeonato, os vindouros podem recordar que a 17.ª ronda do campeonato de futebol da mais alta instância lusitana teve os seguintes desfechos: FC Porto - V. Guimarães, 2-2; Sp. Braga - Chaves, 2-1; Sporting - Rio Ave, 0-0; Belenenses - Salgueiros, 0-0 Portimonense - Académica, 2-0; Marítimo - «O Elvas», 5-1; Boavista - Sp. Farense, 0-0 e Varzim — Benfica, 0-0.

Atiradores ao golo

Paulinho Cascavel (Vitória de Guimarães, está a dois golos de Gomes (FC Porto), após a 17.ª jornada do torneio maior.

Numa jornada que rendeu 15 golos, Cascavel foi o autor dos dois golos do Vitória de Guimarães (nas Antas). O brasileiro ao serviço dos vimaranenses, o seu compatriota Eldon e o inglês Colin Hill (do Marítimo) foram os jogadores que bisaram nesta jornada. Dos 15 tentos marcados, 10 pertenceram a futebolistas estrangeiros.

A tabela dos melhores marcadores é agora a seguinte: 1.º, Gomes, FC Porto, 17 golos; 2.º, P. Cascavel, V. Guimarães, 15; 3.º, Meade, Sporting, 11: 4.ºs, M. Fernandes, Sporting e Rui Águas, Benfica, 10; 6.º, Jorge Andrade, Farense, 9; 7.ºs, Jorge Silva, Chaves, Chico Faria, Rio Ave e Mapuata, Belenenses, 7.º, 10.ºs, Jaime Graça, Rio Ave, Chiquinho, Benfica, Saucedo, Braga, Lufemba, Varzim e Colin Hill, Marítimo, 6.

DIVISÃO 2

Desfecho dos jogos da 15.ª jornada do campeonato Nacional de futebol da 2.ª Divisão na **ZONA NORTE** — Sp. Espinho-Tirsense, 7-1; P. Ferreira-Leixões, 0-0; Desp. Aves-Trofense, 5-1; Gil Vicente-Vizela, 2-0; Lourosa-Fafe, 1-0; Bragança-Famalicão, 2-1; Penafiel-Felgueiras, 2-1; Lixa-Freamunde, 2-1.

CLASSIFICAÇÕES

	J	V	E	D	G	P
1.º Gil Vicente	**15**	**8**	**4**	**3**	**15-10**	**20**
2.º Penafiel	15	6	7	2	18-13	19
3.º Leixões	15	6	6	3	17-15	18
4.º Fafe	15	6	6	3	20-12	18
5.º Espinho	15	7	3	5	26-14	17
6.º Vizela	15	4	8	3	14-11	16
7.º Famalicão	15	6	4	5	15-13	16
8.º Aves	15	5	4	6	16-15	14
9.º P. Ferreira	15	5	4	6	21-22	14
10.º Trofense	15	5	4	6	20-25	14
11.º Tirsense	15	4	5	6	18-22	13
12.º Bragança	15	5	3	7	14-30	13
13.º Lixa	15	4	5	6	14-17	13
14.º Lourosa	14	4	5	5	11-13	12
15.º Felgueiras	15	2	8	5	15-15	12
16.º Freamunde ...	14	3	2	9	10-18	8

Próxima jornada: (25 de Janeiro): Penafiel-Lixa; Bragança-Felgueiras; Lourosa-Famalicão; Gil Vicente-Fafe; Aves-Vizela; P. Ferreira-Trofense; Espinho-Leixões; Tirsense-Freamunde.

ZONA CENTRO — Ac. Viseu-Águeda, 2-0; U. Leiria-Estarreja, 1-1; Covilhã-Est. Portalegre, 2-1; Torreense-Feirense, 1-1; Almeirim-Peniche, 1-0; Mirense-Guarda, 5-2; Beira Mar-Marinhense, 2-0; U. Coimbra-Mangualde, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º COVILHÃ	**15**	**10**	**5**	**0**	**21- 6**	**25**
2.º Feirense	15	8	4	3	22-13	20
3.º Beira-Mar	15	8	2	5	28-16	18
4.º Marinhense	15	7	3	5	18-18	17
5.º Peniche	15	6	4	5	17-17	16
6.º Águeda	15	6	4	5	23-17	16
7.º U. Coimbra ..	15	6	4	5	21-17	16
8.º U. Leiria	15	5	5	5	17-19	15
9.º Mirense	15	7	1	7	22-24	15
10.º Estarreja	15	5	4	6	21-16	14
11.º Torreense	15	3	8	4	14-13	14
12.º Mangualde ...	15	5	3	7	17-24	13
13.º Almeirim	15	5	2	8	8-23	12
14.º Ac. Viseu	15	5	2	8	14-17	12
15.º E. Portal.	15	4	3	8	19-23	11
16.º Guarda	15	2	2	11	13-32	6

Próxima jornada: (25 de Janeiro): Beira-Mar-U. Coimbra; Mirense-Marinhense; U. Almeirim-Guarda; Torreense-Peniche; Covilhã-Feirense; U. Coimbra-Est. Portalegre; U. Leiria-Estarreja; Águeda-Mangualde.

ZONA SUL — Oriental-Nacional, 0-0; Lusitânia-Olhanense, 2-2; Montijo-Estoril, 0-1; Barreirense-E. Amadora, 1-1; C. Piedade-Samora Correia, 2-1; Atlético-V. Setúbal, 1-0; Esp. Lagos-União, 2-2; S. Cacém-Sacavenense, 0-0.

1.º V.Setúbal 15	**9**	**4**	**2**	**24-**	**9**	**22**
2.º E. Amadora .. 15	8	4	3	15-10		20
3.º Sacaven. 15	5	8	2	11-	9	18
4.º Estoril 15	6	6	3	12-	9	18
5.º Atlético 15	5	7	3	21-16		17
6.º Montijo 15	6	5	4	21-18		17
7.º Olhanense 15	4	9	2	22-20		17
8.º U. Madeira ... 15	6	4	5	21-17		16
9.º Esp. Lagos ... 15	5	6	4	17-13		16
10.º Nacional 15	4	5	6	22-18		13
11.º Lusitânea 15	4	5	6	37-25		13
12.º Oriental 15	4	5	6	12-16		13
13.º Barreirense ... 15	3	6	6	21-24		12
14.º C. Piedade 15	3	5	7	22-47		11
15.º U. S. Cacém . 15	3	4	8	13-30		10
16.º S.Correia 15	1	5	9	9-19		7

Próxima jornada (25 de Janeiro): E. Lagos-U. S. Cacém; Atlético-U. Madeira; C. Piedade-V. Setúbal; Barreirense-S. Correia; Montijo-E. Amadora; Lusitânia-Estoril; Oriental-Olhanense; Nacional-Sacavenense

Divisão 3

Resultados da décima quinta jornada do campeonato nacional da 3.ª Divisão na **Série A**: Delães-Vianense, 0-0; P. Barca-M. Cavaleiros, 2-0; Vieira-Vinhais, 2-0; Merelinense-Esposende, 2-1; Amares-Santa Maria, 2-1; Limianos-Valpaços, 5-1; Moreirense-A. Valdevez, 2-0; Neves-Joane, 0-1. Líderes: **Esposende** e **Vianense**, 20 pontos.

Série B: Amarante-Ermesinde, 1-1; Pedrouços-Paredes, 1-0; Valonguense-Lousada, 2-1; Paivense-U. Lamas, 3-2; Cesarense-S. Martinho, 1-2; Oliveira do Douro-Vila Real, 0-2; Ovarense-Leça, 2-0; Marco-Infesta, 2-0. Líder: **Marco**, 25 pontos.

Série C: Marialvas-Anadia, 0-0; Gouveia-Mealhada, 1-1; Naval-Oliveirinha, 3-0; Tondela-Oliveira do Hospital, 1-0; Tabuense-Santacombadense, 1-1; Oliveirense-Belmonte, 2-0; Luso-Seia, 1-0; Oliveira do Bairro-Viseu e Benfica, 1-0. Líder: **Oliveira do Bairro**, 26 pontos.

Série D: Caldas-Mirandense, 2-0; Eléctrico-Alcobaça, 4-1; Alcains-Paroquial de Fátima, 2-1; Bombarralense-U. Santarém, 0-2; Ferrel-Guiense, 2-1; Portalegrense-Benfica C. Branco, 3-0; Nazarenos-Marrazes, 2-2; Lousanense-Usseira, 1-1. Líder: **U. Santarém**, 22 pontos.

Série E: Sintrense-Olivais e Moscavide, 1-3; Santa Clara-Fronteirense, 2-0; Vilafranquense-Campomaiorense, 1-0; Santa Iria-Odivelas, 1-1; Cartaxo-Quimigal, 3-1; Cacém-Vialonga, 2-2; Pescadores-Praiense (não se disputou por falta de transporte do Praiense); Lisboa e Olivais-Vitória de L isboa, 3-0. Líder: **Vitória de Lisboa**, 20 pontos.

Série F: Vasco da Gama-Louletano, 1-0; Lusitano de Évora-Quarteirense, 1-0; Piense-Reguengos de Monsaraz, 1-2; Sesimbra-Amora, 1-0; Seixal-Torralta, 1-0; Silves-Moura, 3-0; Alvorense-Juventude de Évora, 1-0; Campinense-Imortal, 0-2. Líderes: **Louletano** e **Silves**, 21 pontos.

Juniores

Resultados dos encontros da 15.ª jornada da primeira fase do campeonato nacional de futebol de juniores, disputados no fim-de-semana:

Zona Norte: Série A: Vianense - Vila Pouca, 7-2; Merelinense- Famalicão, 1-1; Mirandela - Gil Vicente, 0-4; Braga - Dumiense, 2-1 e Ponte da Barca - Guimarães, 1-1.

Líder: Vianense e Braga, 23 pontos. Merelinense, 22.

Série B: Boavista - Avintes, 4-0; Eirense - Vila Real, 0-1, Paços Ferreira - Varzim, 3-3 e Porto - Leixões, 4-1.

Líder: FC Porto, 27 pontos. Boavista, 20 e Leixões, 19.

Zona Centro: Série C: U. Coimbra - Beira Mar, 3-0; Guarda - Anadia, 2-1; Repesenses - Seia, 5-1; Ol. Hospital - Acd. Viseu, 3-2 e Covilhã - Agueda, 1-0.

Líder: U. Coimbra 25 pontos. Beira Mar 21, e Covilhã, 20.

Série D: Marinhense - U. Santarém, 2-2; Nazarenos - Académica, 1-0; Marrazes - Est. Portalegre, 0-5; Caldas - U. Leiria, 2-2 e Alferrarede - Naval, 1-5.

Líder: Académica, 22 pontos. U. Leiria, 21. Nazarenos, 20.

Zona Sul: Série E: Montijo - Sporting, 1-0; Ol. Moscavide - Estoril, 1-0; Est. Amadora - Benfica, 2-3; Belenenses - Atlético, 2-2 e Cartaxo - Oriental, 2-4.

Líder: Benfica, 28 pontos. Sporting, 24. Belenenses, 20.

Série F: Moura - Vit. Setúbal, 1-6; Torralta — Montemor, 7-0; Quimigal - Farense, 4-1; Olhanense - Barreirense, 0-0; e Seixal - Silves, 4-0.

Líder: Torralta, 27 pontos. Barreirense, 26. Setúbal, 22.

Lima: o jovem produto das escolas verde-brancas fez umas coisitas mas acabou por cair no tom geral pardacento que envolveu um Sporting sem o mínimo fulgor.

Totobola
O "treze"

FC Porto-V. Guimarães ...	X
Varzim-Benfica	X
Boavista-Farense	X
Marítimo-Elvas	1
Sp. Braga-Desp. Chaves .	1
Sporting-Rio Ave	X
Belenenses-Salgueiros ..	X
Portimonense-Académica .	1
Gil Vicente-Vizela	1
Bragança-Famalicão	1
Torreense-Feirense	X
Barreirense-E. Amadora..	X
Atlético-Vt. Setúbal	1

TOTOLOTO

1, 14, 23, 27, 28 e 34 + 15

Totobola
A NOSSA APOSTA

CONCURSO N.º 3/87

18 de Janeiro de 1987

Cartaxo-Benfica	2
Oriental-Sporting	1
Naval-Boavista	2
Infesta-Portimonense	2
Silves-Penafiel	X
Torralta-Vizela	X
Esp. Lagos-Atlético	X
Anadia-Torreense	2
A. Cacém-Covilhã	2
Bétis-Espanhol	2
Ossassuna-Valhadolid ...	X
R. Sociedade-R. Madrid .	2
Santander-Sevilha	X

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica 17	**12**	**4**	**1**	**32-17**		**28**
2.º V. Guimarães 17	11	5	1	32-12		27
3.º FC Porto 17	10	6	1	43-15		26
4.º Sporting 17	9	3	5	29-16		21
5.º Chaves 17	8	3	6	22-24		19
6.º Varzim 17	7	5	5	13-12		19
7.º Belenenses 17	8	3	6	25-16		19
8.º Portimonense 17	5	5	7	15-26		15
9.º Salgueiros 17	4	6	7	14-25		14
10.º Académica 17	4	6	7	13-21		14
11.º Rio Ave 17	3	7	7	19-25		13
12.º Marítimo 17	4	5	8	15-24		13
13.º Boavista 17	3	7	7	18-21		13
14.º Sp. Braga 17	5	2	10	15-20		12
15.º «O Elvas» 17	2	6	9	11-28		10
16.º Sp. Farense 17	2	5	10	17-31		9

Próxima jornada (25 de Janeiro): «O Elvas»-Sp. Farense (1-1); Benfica-Marítimo (2-2); V. Guimarães-Varzim (1-1); Chaves-Porto (0-3); Rio Ave-Sp. Braga (1-2); Salgueiros-Sporting (0-1); Académica-Belenenses (0-3) e Portimonense-Boavista (3-2).

Confusão em vários tons

Se excluirmos o espectáculo das Antas, jogou-se muito malzinho, benza-se Deus. Alvalade foi uma tremenda decepção para os «leões», não se percebendo quem é que poderá ainda estar no ponto de mira de Manuel José para uma eventual transferência ou para bode expiatório de actuação sem direito a qualquer aplauso. No Restelo, foi outra banalidade pegada: «azuis» a permitirem que salgueiristas se unissem a vila-condenses para viajarem até aos seus burgos com pontinhos na algibeira. Por seu lado, no Bessa, foi o mesmo percalço para boavisteiros que nem sequer souberam aproveitar a «chicotada psicológica» e continuam a esbanjar proventos, desta feita para a algibeira de farenses que querem ressurgir da penumbra.

Hóquei em patins

Porto destacado na "viragem"

A 13.ª jornada do Campeonato Nacional de Hóquei em Patins apenas averbou a surpresa em Paço de Arcos, onde a Oliveirense não conseguiu ir além do «nulo» perante a turma local, consentindo que o Benfica se aproximasse mais da segunda posição. O líder da competição (FC Porto) não teve qualquer dificuldade em derrotar a equipa de Barcelos, aumentando a diferença que o separa do mais próximo competidor, para 4 pontos. Tudo indica que os comandados de Cristiano se preparam para bisar a conquista do título já que a concorrência não lhe oferece grandes dificuldades. Resultados da jornada: Benfica - Ferpinta, 4-2; Parede - Valongo, 5-3; Sesimbra - Sanjoanense, 5-1; Paço d'Arcos - Oliveirense, 5-5; Famalicense - Sporting, 2-4; Sporting de Tomar - Juventude de Viana, 6-2; Óquei de Barcelos — FC Porto, 4-7.

Classificação

	J	V	E	D	P
FC Porto	13	12	0	1	37
Oliveirense .	13	9	2	2	33
Benfica	13	9	1	3	32
Ferpinta	13	6	2	5	27
Sporting	13	6	2	5	27
OC Barcelos	13	7	0	6	27
Juv. Viana ..	13	6	1	6	26
P. de Arcos	13	4	4	5	25
Parede	13	6	0	7	25
Sp. Tomar ..	13	5	1	7	24
Sesimbra	13	5	0	8	23
Sanjoanense	13	4	1	8	22
Valongo	13	3	0	10	19
amalicense ..	13	2	0	11	17

Basquetebol

"Dragões": mais uma centena

A 12.ª jornada do «nacional» de basquetebol foi caracterizada por mais um triunfo dos «dragões» (e novamente com a marca a subir a centena), a Ovarense a conseguir um excelente triunfo em Ílhavo frente à turma local (Illiabum) subindo deste modo à 5.ª posição, o Barreirense a averbar nova derrota em «casa» ainda que por marca tangencial, o Sangalhos a ser derrotado (após prolongamento) no seu recinto pelo Beira-Mar, e, finalmente, o Ginásio Figueirense a não conseguir qualquer triunfo somando por derrotas os encontros (12) efectuados.

Vejamos os resultados da ronda e a classificação actual:

Illiabum — Ovarense, 64-67; Ginásio Figueirense — Benfica, 57-79; Sanjoanense — FC Porto, 101-106; Barreirense — Imortal, 71-72; Sporting — Queluz, 82-72 e Sangalhos — Beira Mar, 87-88.

	J	V	D	P
FC PORTO	12	11	1	23
Benfica	12	10	2	22
Sporting	12	9	3	21
Illiabum	12	8	4	20
Ovarense	12	7	5	19
Beira Mar	12	7	5	19
Queluz	12	6	6	18
Imortal	12	5	7	17
Sangalhos	12	4	8	16
Sanjoanense	12	3	9	15
Barreirense	12	2	10	14
Ginásio	12	0	12	12

Andebol: torneio do Luxemburgo

Portugal: uma vitória e duas derrotas

Depois de triunfar, no encontro inaugural sobre a selecção do Luxemburgo (24-17), a turma nacional portuguesa acabou por baquear nos confrontos seguintes perante a Holanda (13-19) e Israel (15-24), terminando na terceira posição do torneio internacional realizado no Luxemburgo.

Portugal perante a Holanda alinhou (marcou): Santa Bárbara; Luís Lacerca (5, 3 de sete metros), Rui Aguiar (1), Luzia (3), Luís Lopes, Luís Graça, Pires, «cap.» (2), Mário Gentil (1), Rui Moreira, Rui Ferreira, Alexandre Barbosa (1) e Rui Val Ferreira.

Frente a Israel foi assim: Santa Bárbara; Luís Lacerda (1, de sete metros), Rui Aguiar (3), Luzia (3, 1 de sete metros), Luís Lopes, Luís Graça (1), Pires, «cap.» (1), Mário Gentil (1), Rui Moreira, Rui Ferreira (1), Alexandre Barbosa (1) e Rui Val Ferreira (1).

Classificação final:

	J	V	E	D	P
Israel	3	2	1	–	7
Holanda	3	2	–	1	4
Portugal	3	1	–	2	2
Luxemburgo	3	–	1	2	1

Taça de Honra

Realizou-se a primeira jornada da Taça de Honra da AAL com o Benfica a triunfar sobre o Sporting pelo tangencial 21-20 enquanto o Belenenses derrotava o Boa Hora, por 27-21, pelo que azuis e benfiquistas jogarão a final, ficando as posições secundárias a serem discutidas por sportinguistas e o Boa Hora. A segunda ronda terá lugar no próximo sábado no Pavilhão Carlos Lopes com início às 18.30 horas.

A comédia continua

ROSA MOTA CONTESTA FEDERAÇÃO E PROMETE ENTRAR EM CENA

Rosa Mota disse, em Amarane, que «não têm fundamento as acusações do presidente da Federação Portuguesa de Atletismo vindas a lume na Imprensa».

Rosa Mota, que participou em Amarante num grande prémio de atletismo, organizado pelas três juntas de freguesia da cidade, adiantou **«que o presidente da federação não tem razão e sabe-o».**

A atleta, que estava acompanhada pelo seu técnico, o professor José Pedrosa, fez questão de não alimentar mais polémica em volta das declarações do presidente da FPA mas, acrescentou, **«que os órgãos de comunicação vão ser brevemente esclarecidos sobre esses assuntos em conferência de Imprensa»** e para a qual, frisou **«serão convidados os dirigentes da federação».**

Aurora Cunha: 3.º lugar em Nuremberga

Aurora Cunha, tricampeã mundial de estraa, classificou-se em 3.º lugar no Crosse Internacional de Nuremberga, na Alemanha Federal.

A vitória na prova pertenceu à suíça Cornelia Burki que gastou o tempo de 25,12 minutos para os seis quilómetros do percurso e em 2.º lugar ficou a alemã-federal Sabine Kmetch com 25,19 segundos. Aurora gastou mais 50 seg. do que a vencedora.

Fernanda Ribeiro, do FC Porto, foi a 2.ª júnior nesta prova, classificando-se em sétimo lugar na geral com 26,40 minutos.

Na prova de juniores, ganha pelo alemão-federal Thomas Hill, João Lopes, do FC Porto, foi nono com 29,45 minutos.

João Campos no País Basco

João Campos foi o 10.º classificado no Crosse Internacional Juan Muguerza, disputado em Elgoibar (País Basco) prova ganha pelo queniano Paul Kipkoech.

João Campos foi o único atleta português a participar na corrida, tendo antes a organização anunciado José Regalo e Manuel Matias como os representantes portugueses que iriam influir no confronto África-Europa.

O atleta português, no entanto, fez uma boa prova, pois chegou ao local da corrida duas horas antes do seu início, directamente do aeroporto de Bilbau, pois devido ao nevoeiro em Lisboa e à impossibilidade dos aviões descolarem, chegou atrasado ao País Basco.

Cidálio e Rita vencem em Almeirim

Cidálio Caetano e Rita Borralho venceram os 20 quilómetros de Almeirim em atletismo, prova organizada pela Câmara Municipal e pelos Bombeiros Voluntários de Almeirim.

Cidálio Caetano venceu a corrida masculina com 1 hora e dois minutos, seguido de António Riscado, do Inatel e Luís Raposo, do Grupo Desportivo de Viana (Évora).

Rita Borralho foi a primeira atleta feminina a cortar a meta, com 1 hora e 10 minutos para os 20 km.

A prova de estrada, integrada no Troféu Spiridon, teve a participação de 604 atletas.

Marcha atlética nas Galinheiras

José Urbano, do Olivais Sul, e Anabela Aires, do Centro Português de Marcha Atlética, venceram as provas de marcha atlética organizadas pelo CA das Galinheiras e disputadas no Lumiar.

José Urbano percorreu os 5000 metros em 21 minutos, 17 segundos, seguido por Carlos Paiva, Benfica, 24.55, e José Dias, Olivais Sul, 25.12.

Anabela Aires marchou os 3000 metros do percurso em 15 minutos, 28 segundos, seguida por Isilda Gonçalves, do União do Montijo, 15.44, e de Fátima Batuca, CPMA, 16.08.

Vencedores noutros escalões: **Infantis** (1000 metros): Pedro Reforço, Belenenses, 5.06 e Carla Silva, Olivais Sul, 5.12; **Juvenis** (5000): Rosendo Pereira, Leões Apelaçonenses, 25.45; (3000): Ana Cláudia, Belenenses, 15.57; **Veteranos** (5000): Vítor Barata, Olivais Sul, 34.52; (3000): Rosa Mendes, CA Galinheiras, 23.12.

Por equipas, considerando todos os escalões, venceu o Olivais Sul, com 113 pontos, seguido pelo Centro de Atletismo das Galinheiras, 89, e pelo Belenenses, 79.

Crosse internacional júnior

Manuel Pereira, da selecção de Aveiro, com um 8.º lugar, foi o melhor atleta português na segunda edição do crosse internacional júnior disputado no hipódromo do Estádio Nacional, Lisboa.

A vitória individual pertenceu ao inglês Simon Muggalestone que gastou o tempo de 20,40 minutos para os 7000 metros do percurso, cortando a meta com uma vantagem de 28 segundos sobre o seu compatriota Darren Mead.

Colectivamente, a Inglaterra ganhou com 10 pontos, a selecção de Marrocos foi segunda com 13, a Espanha somou 41 pontos, Lisboa foi quarta com 46 pontos e o Porto somou 55 pontos.

Em juniores femininos ganhou Rosário Pia, Lisboa, com 13,10 minutos, seguida de Carla Machado, Porto, com 13,17 minutos e de Gabriela Ribeiro, Porto, com 13,32 minutos.

Nesta categoria ganhou a selecção do Porto.

Râguebi: Benfica não abdica

Ao vencer o Dramático de Cascais, o Benfica mostrou que ainda não abdicou do título que ostenta preparando-se para discutir, com o clube da Costa do Sol, o triunfo na presente temporada, mantendo desse modo a posse do lugar cimeiro no râguebi português.

Nesta 11.ª jornada para além do vitória averbada em Cascais pelo «team» da Luz por 6-4 registaram-se os seguintes desfechos: Académica, 22 - Belenenses, 12; Agronomia, 31 - Direito, 18; Ténico, 31 - Lousã, 6 e Campomaiorense, 0 - CDUL, 20.

Próxima jornada (dia 24): Académica - Agronomia; CDUL - Técnico; Belenenses -Lousã; Direito - Cascais; Benfica - Campomaiorense.

Eis a classificação actual:

	J	V	E	D	P
Cascais	11	9	1	1	30
Benfica	11	8	1	2	28
Belenenses .	11	8	0	3	27
Agronomia .	11	7	0	4	25
Académica .	11	6	2	3	25
CDUL	11	6	1	4	24
Direito	11	2	1	8	16
Lousã	10	2	0	8	14
Técnico	10	2	0	8	14
Campomaior.	11	1	0	10	12

Microscópio

Tiro ao voo

O atirador Joviano Gonçalves, do CATAC, venceu a prova de abertura organizada pelo Clube Algarvio de Tiro com Armas de Caça, em homenagem ao seu dirigente Francisco Daniel e realizada no campo de tiro em Faro.

A prova Francisco Daniel, disputada a uma «poulle» de 6 pássaros, na distância de 26 metros, juntou 45 atiradores de diversos pontos do País.

Joviano Gonçalves alcançou o triunfo com uma prestação de 15 em 15, seguindo-se, na classificação geral, obtida pelo sistema de eliminatórias, Américo Sousa (14/15), Fernando Santos (12/13), José Vogado (10/11) e Luís Isidoro (10/11) todos do CATAC.

Ténis: torneio da Venezuela Nuno Marques perde na final

O tenista português Nuno Marques foi derrotado na final do torneio internacional de juniores da Venezuela, Taça Reebock, pelo peruano Alejandro Aramburu, em três «sets», 6-4, 4-6, 5-7.

Perante numeroso público a final desenrolou-se no Centro Italo-Venezuelano de Caracas e o júnior português conseguiu impor-se no primeiro «set» mas quebrou nos seguintes, apesar do equilíbrio ter dominado a partida.

Nas meias-finais, sábado, Nuno Marques, que na passada semana vencera o torneio internacional Casablanca no México, afastara o campeão júnior venezuelano, Nicolas Pereira, com 6-2, 7-6.

Navratilova muda de treinador

Martina Navratilova, número um do «ranking» mundial, anunciou que deixou de treinar sob a orientação de Mike Estep que a acompanhou nos últimos três anos e meio.

Navratilova, 30 anos, contratou a antiga campeã de Wimbledon Virginia Wade e Randy Crawford.

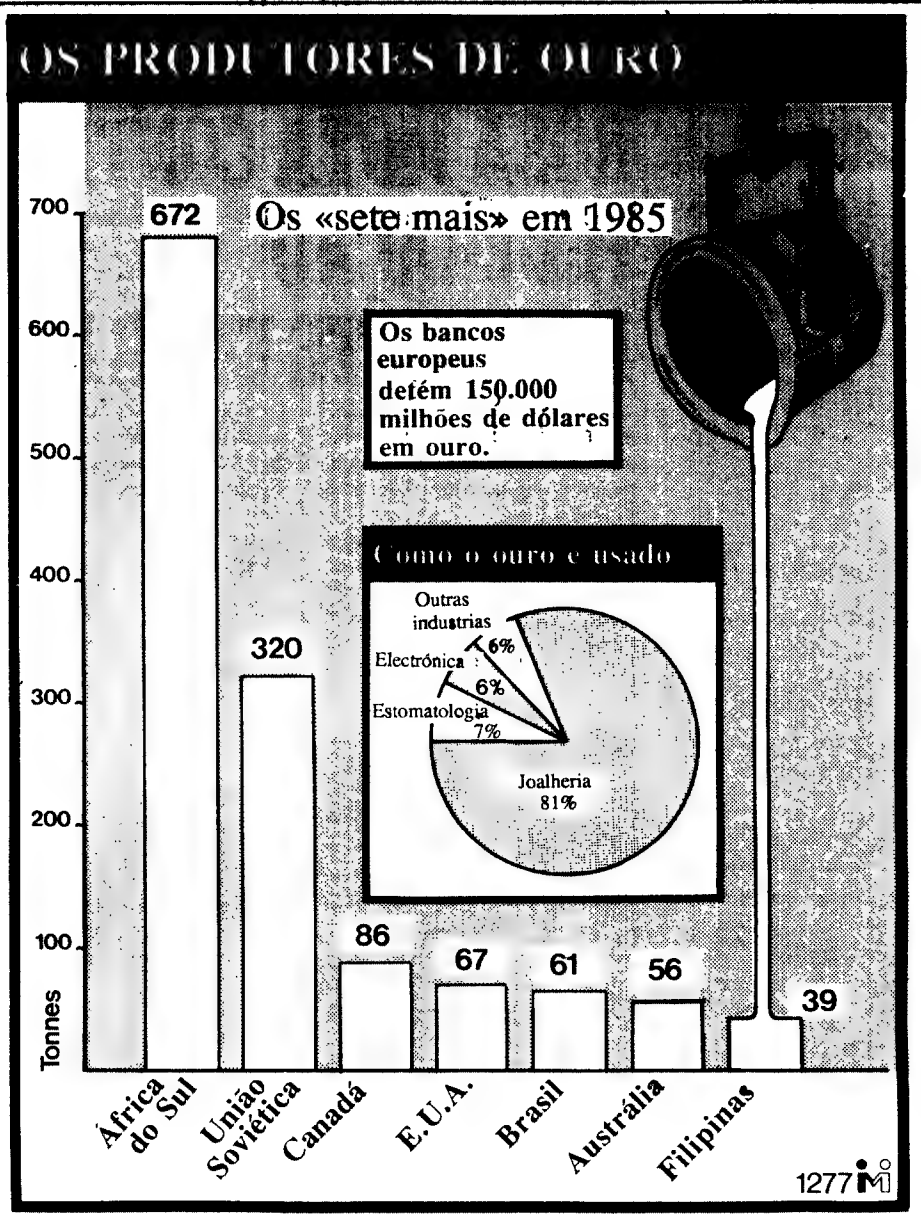
Ciclocrosse

Jorge Matos venceu o campeonato distrital de Faro de ciclocrosse, com 45 minutos e 56 segundos para os 24 quilómetros do percurso, divididos em duas «mãos».

A prova, organizada pela Associação de Ciclismo de Faro, teve a participação de dez ciclistas, mas apenas dois concluíram, tendo os restantes oito desistido ao longo do trajecto.

Jorge Matos, individual, fez a média de 31,349 km/hora. Na segunda posição ficou Amaro Antunes, também individual, com 49,04 minutos.

No campeonato regional de ciclocrosse de juniores, também organizado pela Associação de Faro e que teve a participação de 24 corredores do Algarve e da Associação de Setúbal, venceu José Francisco, do Arche de Portimão, que fez os 24 quilómetros (com duas «mãos») em 44,37 minutos, à média de 36,010 km/hora. O 2.º classificado foi Fernando Carriço, do Centro Ciclista do Redondo, com 45,04 minutos, seguido de Luis Pedro, do mesmo clube, com 48,10 minutos.



A Europa Ocidental possui mais ouro do que a soma daquele que os Estados Unidos guardam em Fort Knox e com todas as reservas do Japão. Hoje em dia vale 150 000 milhões de dólares. Surge agora a ideia de que a Europa possa vender parte desse ouro para custear o desenvolvimento de África.

OURO EUROPEU PARA O AUXÍLIO A ÁFRICA?

Vivian Craddock Williams

De todos bens excessivos que se têm vindo a acumular na Europa Ocidental desde 1977, o ouro é, de longe, o mais valioso, constituindo uma verdadeira «montanha» oculta nos cofres de Bancos Centrais, dos países da CEE.

A maior parte foi adquirida antes de os Estados Unidos alterarem a convertibilidade do metal, abandonando o preço de 35 dólares a onça. Para a maioria dos países europeus, o ouro era então relativamente barato, e os Bancos Centrais consideravam-no um componente vital das suas reservas.

Desde então o seu valor tem aumentado, atingindo o elevado preço de 405 dólares a onça. Hoje, o valor do ouro existente nas reservas oficiais dos Bancos Centrais da Comunidade Europeia ronda os 150 000 milhões de dólares.

A montanha de ouro da Europa Ocidental é a maior do mundo. É substancialmente maior que todo ouro dos Estados Unidos, mantido em Fort Knox, somado às reservas oficiais do Japão. E isto exclui o ouro existente na na Suíça, que não é membro da Comunidade Europeia.

Foi sugerido agora que a Europa poderá vender parte desse ouro para custear o desenvolvimento de África.

A ideia tem antecedentes. Entre 1976 e 1980, o Fundo Monetário Internacional (FMI) vendeu parte das suas reservas de ouro, à razão de 1000 milhões por ano, para instituir um Fundo de Crédito que poderia conceder empréstimo para ajudar países em vias de desenvolvimento, com dificuldades na balança de pagamentos. O FMI teve êxito, e não piorou as suas estruturas de capitais por ter recorrido a recursos tão pouco convencionais.

A ideia é viável também para a Europa, onde a maior parte do ouro armazenado é completamente improdutivo. Uma pequena porção é usada anualmente para liquidar dívidas internacionais e o resto não rende juros, não pode ser emprestado sem ser antes convertido em moeda corrente e implica custos de armazenagem consideráveis, pois tem que ser guardado com cuidados especiais.

O seu uso em transacções é limitado, porque se uma grande quantidade for convertida em moeda — isto é, vendida de uma só vez — o seu valor desceria vertiginosamente.

Argumenta-se que se quantidades relativamente pequenas fossem vendidas a intervalos regulares para financiar o desenvolvimento africano, o preço de mercado estabilizaria, a tendência actual de subida seria contida e os Bancos Centrais não se privariam das vantagens, que entretanto obtiveram, quando o preço do metal subia em flecha.

Paralelamente os elevados lucros da África do Sul, resultantes de um preço mais elevado do ouro numa altura em que as sanções deviam estar em força, seriam limitados e outra grande potência mundial, a União Soviética, seria forçada a trocar os lucros da venda de armamentos por outros tipos de divisas.

Neste momento, muitos governos europeus estão a tentar aumentar o seu auxílio à África, já que auxiliar os africanos se tornou popular depois da iniciativa de Bob Geldof, «Band Aid» e «Sport Aid» passando a render votos, o que é um estimulo importante para quem se encontra no poder e ali se quer manter.

O problema reside em que tod e qualquer auxílio tem de ser concedido sem os governos aumentarem visivelmente as suas despesas, que agora são vistas como a principal causa da inflação e como um poderoso obstáculo ao investimento do sector privado. Se financiassem o auxílio ao desenvolvimento, vendendo ouro, não haveria alterações no nível dos empréstimos do sector público nem nos impostos.

A venda de menos de 0,7 por cento das reservas de ouro da Comunidade Europeia produziria 1000 milhões de dólares para o desenvolvimento, quer pelo método de amortização de dívidas quer pela criação de programs de auxílio, que permitissem aos países pobres a satisfação das suas necessidades vitais.

O. P. Richards, director de um banco comercial inglês, defende a ideia do auxílio, através do ouro, junto do comité de desenvolvimento na reunião do Parlamento Europeu em Londres.

É um dos mais acérrimos defensores da venda de ouro, tendo sugerido, perante o Parlamento Europeu, que esta se efectuasse mediante a sua prévia conversa em ECUS/ouro.

ECU: unidade de conta europeia; vale praticamente um dólar americano dado que os cidadãos europeus dão mostras de um apetite desmedido por moedas de ouro, normalmente vendidas a cerca do dobro do seu valor real.

Assim, a venda de 1000 milhões de dólares de ouro em barra poderia render cerca de 2000 milhões se devidamente convertida em ECUS ouro. Alguns países cunharam moedas de ouro para satisfazer o «apetite» do público desde que os Krugerrands foram banidos da Europa, como parte do programa de sanções contra o «apartheid».

Richards sugeriu que os doze países da Comunidade Europeia deviam vender o ouro a uma taxa correspondente às suas reservas de ouro ou às suas contribuições para a convenção de Lomé III, o acordo de auxílio entre a Comunidade e os países de África, Pacífico e Caraíbas, ACP, ou em proporção com o seu PNB (Produto Nacional Bruto). Os rendimentos do ouro dariam corpo a um Fundo de Crédito Europeu para empréstimos a países do ACP, reembolsáveis a médio prazo, tal como os empréstimos do Fundo de Crédito do FMI.

Membros do Comié de Desenvolvimento do Parlamento Europeu têm um interesse geral em questões de desenvolvimento mas, na maioria dos casos, não têm um conhecimento particular de possíveis soluções.

IMPORTAÇÃO LIVRE DO MILHO

— defende o Conselho Consultivo

A importação livre de milho, com fixação semanal de direitos niveladores e factores correctivos, até Agosto deste ano, é defendida em parecer do Conselho Consultivo do Mercado de Cereais, ontem divulgado pela agência Lusa.

«Analisando a evolução do sistema de importações ao longo de 1986, e atendendo à previsível fixação de uma quota liberalizada da ordem das 900 mil toneladas» — afirma o conselho — «propõe-se a retoma do sistema de concursos públicos para importação de milho no período de Setembro a Novembro de 1987, por forma a salvaguardar o bom escoamento da produção nacional».

O Conselho, que se pronunciou a pedido da Comissão do Mercado de Cereais, organismo que superintende no sector, defende ainda a manutenção do sistema de concursos públicos de importação de trigo e cevada nos termos previstos no tratado de adesão e «tendo sempre em conta o bom escoamento da produção nacional».

O conselho reivindica ser ouvido antecipadamente quanto a preços dos cereais nacionais e exóticos, condições de acesso à intervenção e plano global de importações para 1987.

«É de todo o interesse que o funcionamento do mercado livre atinja um volume de transacções significativo» — lembra o conselho. «O actual esquema de preços provoca uma transferência significativa do consumo de cereais para os seus sucedâneos, acarretando elevados encargos para a balança de pagamentos e uma considerável redução das receitas do Instituto Nacional de Garantia Agrícola».

O documento alerta para o facto de «a manutenção do actual esquema de preços, sem alterações, forçar na segunda etapa do período transitório, a despender uma significativa contribuição líquida adicional para os cofres comunitários».

Assim, o parecer agora enviado à comissão recomenda que o Governo considere a introdução de um esquema de ajuda unitária por quilograma de cereal a ser percebida pela produção, «que evite os inconvenientes decorrentes da elevação dos preços de intervenção expressos em escudos até ao final da primeira etapa do período transitório e a brutal redução dos mesmos na segunda etapa e que a ajuda seja de valor suficiente para garantir um funcionamento significativo do mercado livre de cereais nacionais».

A fim de permitir um menor impacto no sector no final do período transitório, o conselho defende a criação de condições de gradual aproximação às práticas comunitárias de intervenção.

Quanto a características físicas dos cereais, tais como impurezas, humidade, peso específico, dimensão de lotes mínimos, etc., ela deverá, segundo aquele organismo consultivo, ser graduada entre os anos agrícolas de 87/88 e 91/92.

Quanto às características de natureza tecnológica, testes de maquinabilidade, índices de Zeleny e de Hagberg, teor de proteínas, etc., o conselho defende que a aproximação às condições da CEE só deverá ser feita a partir da campanha de 1991.

Realinhamento no Sistema Monetário Europeu

MARCO REVALORIZADO EM 3% MAS O FRANCO MANTÉM PARIDADE

Os ministros das Finanças da Comunidade Económica Europeia chegaram domingo à noite a acordo sobre um realinhamnto do Sistema Monetário Europeu (SME). Esse realinhamento passa por revalorizações em três por cento do marco alemão e do florim holandês e dois por cento do franco belgo-luxemburguês.

Todas as restantes divisas pertencentes ao SME (franco francês, lira italiana, coroa dinamarquesa e libra irlandesa) não sofreram qualquer movimento.

A decisão ocorreu depois de 13 horas de difíceis negociações e, de acordo com fontes próximas da reunião, deverá permitir restabelecer a tranquilidade no seio do SME, depois de duas semanas de intensa agitação motivada pela queda do dólar.

Segundo observadores, no entanto, a credibilidade do reajustamento não será total, tendo em atenção que técnicos consideravam que dele deveria resultar um diferencial entre o marco alemão e o franco francês, estimado entre 4 e 6 por cento.

Uma continuada queda do dólar, de acordo com os mesmos observadores, voltará a prazo a provocar os mesmos efeitos verificados nos últimos dias nos mercados de câmbios, isto é, uma revalorização do marco alemão, transformado numa moeda-refúgio, e numa depreciação do franco francês, vítima de movimentos especulativos.

Os ministros não conseguiram, apesar disso, chegar a acordo sobre um diferencial entre o marco alemão e o franco francês superior a 3 por cento, quer porque as autoridades alemãs recusaram uma revalorização superior da sua divisa — a qual, penalizando os seus portadores, seria politicamente sensível a 15 dias das eleições federais — quer porque as autoridades francesas recusaram uma desvalorização da sua moeda — a qual não teria justificação económica.

As principais dificuldades resultaram, nas últimas horas, em saber o que fazer com as outras divisas do SME, pertencentes à zona do marco, para além do florim holandês, ou seja, o franco belgo-luxemburguês e a coroa dinamarquesa. Em princípio deviam acompanhar parcialmente o movimento da divisa alemã.

EM)A França, argumentando com a responsabilidade exclusiva do marco na situação de tensão criada no seio do SME, procurou durante várias horas evitar algo mais do que revalorizações do marco alemão e do florim holandês.

a solução do compromisso consistiu numa revalorização em 2 por cento do franco belgo-luxemburguês e da estabilidade da coroa dinamarquesa, em vez da previsível revalorização em 1 por cento das duas divisas.

Positivo para Portugal

O escudo assumiu um papel relativamente marginal em todo este processo de realinhamento pois não pertence ao SME, aliás como a libra esterlina, o dracma grego e a peseta espanhola.

De acordo com fontes portuguesas, as consequências apenas podiam ser indirectas no caso do realinhamento produzir uma desvalorização superior a seis por cento do franco francês, ou se, sendo inferior, a peseta espanhola, decidisse seguir o movimento da moeda francesa.

Sempre, segundo as mesmas fontes, só nesses casos seria necessário reavaliar a paridade do escudo relativamente a outras divisas em ordem a manter a competitividade das exportações e do turismo portugueses.

Durante o encontro, assim como durante a reunião preparatória do comité monetário, no sábado, a delegação portuguesa, chefiada no domingo pelo ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, defendeu um realinhamento do SME baseado na revalorização do marco alemão, em vez de uma desvalorização do franco francês.

Comentando os resultados da reunião, Miguel Cadilhe considerou-os «positivos para o escudo e declarou que «os mercados dos países cujas moedas se revalorizam tornam-se mais penetráveis às exportações portuguesas».

Miguel Cadilhe afirmou, por outro lado, que «o escudo continua a fortalecer-se», e que, em 1988-89, se a inflação portuguesa «estiver encostada à média europeia, será possível encarar uma adesão ao sistema monetário europeu».

O Brasil não pode pagar a sua dívida externa

O Brasil não está em condições de pagar os encargos da sua dívida externa, durante o ano corrente, afirmou ontem o ministro das Finanças, Dilson Funaro.

A dívida externa brasileira atinge já a soberba verba de 105 mil milhões de dólares e o Tesouro do País pagou nos últimos cinco anos, aos credores internacionais, 55 mil milhões de dólares e refinanciou apenas 19 mil milhões.

Funaro, o principal arquitecto do Plano Cruzado, no seio do Governo, acrescentou que o Governo brasileiro vai procurar uma solução de compromisso com as agências internacionais de crédito e afastou a hipótese de declarar uma moratória na amortização da sua dívida externa.

Portugal e Espanha foram os principais mercados para os automóveis franceses

Portugal e Espanha foram, durante o ano passado, os mercados principais dos veículos automóveis franceses tendo absorvido 19 por cento das exportações do sector, segundo dados divulgados no sábado em Paris.

Um relatório citado pela agência EFE diz que o mercado automobilístico português absorveu mais 18 por cento de automóveis franceses do que em 1985, acusando «um notável aumento das vendas». A progressão da Renault em Portugal e Espanha foi idêntica à experimentada em França onde as vendas aumentaram 7,5 por cento.

Japoneses tentaram travar a contínua queda do dólar

O dólar norte-americano, cuja descida já provocou novo realinhamento do Sistema Monetário Europeu, continuou a cair na Bolsa de Tóquio, esta manhã, apesar da intervenção do banco central nipónico. A sessão matinal da Bolsa de Tóquio encerrou com o dólar cotado a 158,05 ienes, menos 0,30 ienes do que na sexta-feira passada.

Anteriormente, o banco central comprara dois mil milhões de dólares para aguentar a moeda norte-americana e travar, assim, a sua queda que tem sido constante nos últimos tempos face às moedas mais fortes suas concorrentes. Hoje o banco central nipónico voltou a adquirir grandes quantidades de dólares, desconhecendo-se por ora o quantitativo exacto.

Este esforço dos japoneses visa manter o dólar acima dos 158 ienes de modo a não tornar o iene demasiado forte relativamente dado que isso prejudicará as exportações japopnesas, principalmente para os Estados Unidos.

No Ministério da Agricultura

Para uns, horas extraordinárias para outros, quadro excedentário

Cerca de meia centena de funcionários da Secretaria Geral do Ministério da Agricultura (MAPA) estão em risco de se ver na situação de excedentários, enquanto, no mesmo serviço, se continuam a gastar milhares de contos mensalmente em horas extraordinárias.

Segundo fontes daquele departamento governamental, a recente reestruturação orgânica do ministério levou à extinção de numeros lugares em diferentes serviços, mas à excepção da Secretaria Geral, essa extinção só se tornará efectiva quando os lugares ficarem vagos. Ao contrário do que acontece com os outros serviços, a nova lei orgânica da Secretaria Geral estabelece um quadro de pessoal mais reduzido sem salvaguardar os postos de trabalho daqueles que ocupam os lugares extintos.

A reestruturação que conduziu a esta situação foi intensamente contestada no interior do MAPA e foi toda ela concebida à revelia dos serviços, por um um técnico da TAP, Manuel Domingues, que agora desempenha o cargo de Secretário Geral, inexistente até então. A lei orgânica da Secretaria Geral determina uma redução dos efectivos de 380 para 200, sabendo-se que dos que não integram o novo quadro meia centena virá provavelmente a ficar na situação de excedentários.

De acordo com os trabalhadores afectados pela supressão de lugares na Secretaria Geral, alguns com mais de 20 anos de serviço, o processo de selecção daqueles que integram o novo quadro foi pouco transparente» e baseou-se num «perfil pouco claro», feito para «servir certas pessoas».

Fontes oficiais do ministério observam porém que «foram seguidos todos os trâmites legais sujeitos a critérios como a competência, os conhecimentos, a capacidade, experiência e qualificação profissionais». As mesmas fontes oficiais reconhecem que não existem garantias de que todos os excedentários venham a ser absorvidos em outros sectores da administração pública, «porque podem surgir casos que não correspondam à especificidade do serviço» onde haja vagas.

Os execedentários que não sejam integrados noutros departamentos podem optar por receber 90% do seu vencimento, ficando na contingência de ser chamados a qualquer momento para outro serviço, uma vez que não perdem o vínculo á função pública, sublinharam as mesmas fontes, citadas pela agência Lusa.

Os funcionários que não foram integrados no novo quadro da Secretaria Geral continuam a trabalhar normalmente e os seus pedidos de audiência a Alvaro Barreto, bem como os requerimentos dirigidos ao ministro sobre a matéria, ainda não tiveram qualquer resposta. A sua situação definitiva só será conhecida depois de terminado o prazo de publicitação das vagas existentes nos serviços do ministério na àrea da grande Lisboa.

Tarefeiros não recebem há seis meses

Entretanto, fontes do ministério lembram que alguns funcionários superiores em serviço na Secretaria Geral ficaram sem lugar, enquanto que outros, destacados em diversos departamentos, mas afectos a certos responsáveis da heirarquia, foram agora integrados no novo quadro. Por outro lado, frisam, enquanto se afastam trabalhadores com o argumento de que existe excesso de pessoal, gastam-se enormes verbas em horas extraordinários e no pagamento centenas de funcionários reformados, que recebem simultaneamente como tarefeiros.

Uma outra situação denunciada pelos funcionários da Secretaria Geral refere-se à existência de tarefeiros - não os reformados - que não recebem os seus salários há mais de seis meses. Muitos deles trabalham no MAPA há mais de cinco anos, continuam ao serviço e não lhes pagam nem lhes dizem quando o farão. «Dizem que não há verba para os tarefeiros da Secretaria Geral, mas nunca falta dinheiro para pagar aos reformados amigos nem àqueles - sempre os mesmos - que fazem horas extraordinárias», afirmou ao «DL» um funcionário daquele serviço.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$85	51$85
ALEMANHA FED. (marco)	75$10	76$30
ÁUSTRIA (xelim)	10$65	10$85
BÉLGICA (franco)	3$410	3$661
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$50	107$00
(notas de 5 a 1000)	105$00	107$50
DINAMARCA (coroa)	19$80	20$20
ESPANHA (peseta)	1$064	1$184
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$25	146$75
(notas de 5 a 1000)	143$75	147$25
FINLÂNDIA (marka)	30$35	30$95
FRANÇA (franco)	22$60	23$30
HOLANDA (florim)	66$55	67$65
IRLANDA (libra)	203$80	207$80
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$865	$920
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	213$45	217$95
SUÉCIA (coroa)	21$25	21$75
SUÍÇA (franco)	89$90	90$40
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Um grupo de soldados iraquianos capturados pelo Irão, erguem os punhos, em pose para a foto. Porta-vozes militares iranianos disseram hoje que cerca de mil soldados foram mortos ou feridos domingo e sete aviões abatidos no terceiro dia da ofensiva Kerbala 5 no sul do Iraque. Com estas baixas eleva-se a 15 mil o total de soldados iraquianos mortos ou feridos desde quinta-feira.

O coronel Moammar Khadafy decidiu transferir o governo líbio para fora de Tripoli, a capital, revelou o jornal «Sunday Times» de Londres. Organismos de Estado como o Supremo Tribunal, a companhia petrolífera nacional, os bancos e o Congresso Geral Popular têm um prazo até ao final deste ano para sair de Tripoli, acrescentou o jornal britânico, citando um discurso de Khadafy proferido no dia 1 de Janeiro e que passou despercebido no Ocidente. «As instituições centrais serão transferidas para fora da cidade de Tripoli pela primeira vez desde há dois mil anos» indicou Khadafy no seu discurso difundido pela rádio líbia. Khadafy crê que a capital retirou pessoas e recursos ao resto do país.

O ex-ministro da Defesa das Filipinas, Juan Ponce Enrile, declarou-se hoje contra a Constituição proposta pela presidente Corazon Aquino, afirmando que o repúdio pelo documento privaria a chefe de Estado da sua «autoridade moral» para governar. Também apoiantes da Federação dos Sindicatos «Movimentos 1º de Maio» (esquerdista) manifestaram-se contra a proposta presidencial, conforme se pode ver na foto.

Vaga de frio assola a Europa

Dezenas de óbitos foram hoje registados em consequência do frio intenso que tem assolado o Norte e Centro da Europa nos últimos dias, enquanto em zonas da União Soviética se receia a carência de géneros alimentares. O mau tempo atinge também o nordeste dos Estados Unidos, onde um temporal causou pelo menos dez mortos.

Os jornais britânicos dizem que só na URSS já morreram 48 pessoas em virtude do aquecimento deficiente das casas, enquanto na Polónia morreram dois camponeses gelados nos campos.

Em França, morreu uma família de sete pessoas num incêndio causado por um excessivo funcionamento de um aparelho de aquecimento doméstico e em Inglaterra morreram de frio sete pessoas.

A vaga de frio que se estenda da Sibéria até ao Atlântico deverá continuar pelo menos mais duas semanas, anunciaram os serviços britânicos de Meteorologia.

Agricultura e gado sofrem com desastre de Chernobyl

A agricultura e a criação de animais foram as principais actividades da Europa vítimas do acidente na central nuclear soviética de Chernobyl, concluiu a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, reunida em Paris.

Os países do norte da Europa, mas também a Turquia, foram particularmente afectados devido aos ventos que sopraram na direcção Norte-Oeste.

No plano sanitário humano, excluindo a União Soviética, os efeitos a longo prazo estão avaliados em um milhar de potenciais cancros nos próximos 70 anos para o conjunto da população da Europa Ocidental. Na Escandinávia, o centro e o norte da Suécia foram «fortemente afectados» pela poluição radioactiva, declarou Ethel Rossler, encarregada das questões de ambiente pela Federação de Produtotes Agrícolas suecos.

De acordo com esta técnica, o custo do acidente para a agricultura sueca está estimado em cerca de 200 milhões de coroas.

Na Noruega, uma zona proibiba cobrindo 3 por cento do território tem de ser delimitada. Os carneiros aí criados foram declarados impróprios para o consumo.

Na Escócia, vários matadouros de gado tiveram de ser encerrados. Por último, na Turquia, a catástrofe de Chernobyl teve consequências desastrosas, principalmente sobre a produção de arroz e de avelãs.

Um índio sem tribo

O deputado brasileiro Mário Juruna regressará,a partir do dia 31 deste mês, à sua condição de índio, sem mandato parlamentar e sem tribo, pois não foi reeleito e também não deseja voltar às origens. Juruna foi substituido por outro cacique na chefia da sua tribo. No entanto, ele já se tinha habituado ao modo de vida da «civilização branca», com apartamento, carros, luxos, restauranttes, viagens de avião, e o regresso à tribo seria dificil.

Depois de perder o mandato de deputado e a chefia da tribo, Juruna decidiu recorrer à Fundação Nacional do Índio para pedir um emprego e poder sobreviver na cidade.

Juruna tem-se mostrado revoltado com os «homens brancos», especialmente com Leonel Brizola, que o lançou como candidato à Câmara dos Deputados, em 1982, e a quem responsabiliza por não ter sido reeleito em Novembro último.

Primeira visita ao Ocidente desde a lei marcial

JARUZELSKI ESTÁ DESDE HOJE EM ITÁLIA

O lider polaco, Wojcieh Jaruzelski, inicia hoje uma visita oficial à Itália, a sua primeira ao Ocidente desde 1981 e encarada como um passo importante para quebar o isolamento diplomático e comercial da Polónia. Jaruzelski terá todas as honras dispensadas habitualmente a um chefe de Estado, incluindo uma audiência com o Papa João Paulo II no Vaticano, amanhã.

Curiosamente, o diário governamental polaco comparava, sábado, João Paulo II com o Papa João XXIII, e apresentava-o como uma figura mediadora entre as duas grandes potências e a favor da paz.

Fontes em Varsóvia comentavam ontem que as conversações entre o Papa e Jaruzelski poderão permitir acordos sobre as futuras relações entre a Igreja católica e o Estado polaco, após quatro décadas de coexistência pouco pacífica.

Segundo as mesmas fontes, as conversações entre o lider polaco e João Paulo II poderão abrir caminho a um acordo para que o governo conceda à Igreja católica um estatuto legal na Polónia, pela primeira vez desde que os comunistas assumiram o poder em 1944.

A visita de Jaruzelski a Itália poderá ser assinalada por manifestações contra a ilegalização do movimento sindical «Solidariedade». Intelectuais e membros dos Partidos Radocal e da Democracia Proletária apelaram à realização de manifestacões e desfiles no centro de Roma como protesto contra a visita.

A Itália juntou-se a outros países ocidentais na aplicacão de sanções económicas à Polónia após a imposição da lei marcial em Dezembro de 1981.

Mas, três anos depois, o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Giulio Andreotti, tornou-se o primeiro ministro de um país da NATO a visitar Varsóvia e o primeiro-minsitro Bettino Craxi manteve conversações com Jaruzelski na capital polaca em Maio de 1985.

O lider polaco concordou à última hora em encontrar-se com representantes das três principais confederações sindicais italianas, que dizem que irão sublinhar a necessidade de maior liberdade política e sindical na Polónia.

Manifestações pela democracia

Autoridades chinesas viram-se contra intelectuais

A China declarou ontem que o socialismo é o único destino do país e que não há lugar para a «ocidentalização». O diário «Guangming», o jornal que exprime linhas oficiais de pensamewnto, referiu-se indirectamente a um professor universitário ligado aos recentes protestos estudantis num editorial sobre as manifestações pela democracia.

O diário afirmava que «um certo vice-presidente de uma Universidade» se encontra entre os que pretendem transpôr claramente o capitalismo ocidental para a China.

A referência visa Fang Lizhi, vice-presidente da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Hefei, onde teve inicio há um mês a agitação estudantil. Fang, que vive agora na Universidade de Pequim sob vigilância, foi expulso do Partido Comunista pelo papel desempenhado nos protestos pela democracia qua atingiram doze cidades do país.

Entretanto, circulam rumores de que estão planeadas medidas contra outros importantes intelectuais por terem apoiado as reivindicações estudantis.

24 HORAS

Retirada do Afeganistão

Um destacado lider da guerrilha afegã afirmou ontem que a União Soviética quer retirar as suas tropas do Afeganistão e está disposta a sacrificar o governo comunista de Cabul se for necessário. Gulbaddin Hekmatyar, chefe do grupo de guerrilha «Hezb-I-Islami» e um dos lideres rebeldes mais radicais, disse à agência Associated Press que as recentes declarações de Moscovo de querer retirar-se do Afeganistão são genuinas. Os soviéticos «compreenderam que não podem esmagar a resistência», afirmou, acrescentando: « eles estão a tentar resolver o problema por outras vias e meios».

Reivindicado incêndio

Um grupo pró-líbio reivindicou, num comunicado divulgado ontem, a responsabilidade por um incêndio que causou pelo menos 90 mortos num hotel em São João de Porto Rico, na véspera do ano novo. «Anunciamos que destruimos o hotel Dupont Plaza, em retaliação por ataques repetidos contra bases da resistência palestiniana e islâmica no sul do Líbano», indicou o comunicado das «Células de Comando Árabe».

Irlanda protesta

A Irlanda apresentou um protesto a Israel pela morte de um soldado irlandês da Força Interina das Nações Unidas no sul do Líbano (UNIFIL). O soldado, de 33 anos, foi morto por um tiro disparado por um tanque israelita contra um posto da UNIFIL. O ministro irlandês dos Negócios Estrangeiros disse que este foi «um ataque deliberado contra um posto das Nações Unidas e que tem sérias implicações».

Conversações Gonzalez-Arafat

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, cujo país estabeleceu, há um ano, relações diplomáticas com Israel, conferenciou em Tunes com o lider da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat. Gonzalez disse numa conferência de imprensa que reafirmou ao lider palestiniano o apoio da Espanha à realização de uma conferência internacional destinada a encontrar uma solução para o conflito israelo-árabe.

Acidente mata sete pessoas

Sete pessoas morreram e mais de cem ficaram feridas em consequência de um acidente ferroviário ocorrido a 30 quilómetros de Manágua, anunciou a rádio estatal da Nicarágua. A emissora indicou que o acidente verificou-se quando uma máquina, que puxava uma única carruagem, descarrilou a alta velocidade numa subida ingreme à entrada de um tunel.

Sikhs assassinam director prisional

Extremistas sikh assassinaram o principal administrador da prisão do Estado de Punjab, revelou a policia indiana. Trilok Katoch, um hindu que exercia as suas funções de inspector das prisões, foi o mais importante agente da polícia a ser assassinado na campanha lançada há quatro anos por extremistas sikh no Estado do Punjab.

Ataque a palácio presidendial

Activistas de milicias muçulmanas lançaram três granadas contra o palácio do presidente libanês, Amin Gemayel, ferindo um guarda e destruindo vidraças. Gemayel, que escapou ileso, encontrava-se no seu escritório, no primeiro andar do palácio, quando as granadas explodiram. Este incidente surgiu numa altura em que recrudescem os combates entre milícias cristãs e muçulmanas ao longo da «Linha Verde» que divide Beirute.

Distúrbios no Paquistão

A violação e assassínio de duas mulheres desencadeou novos incidentes em Karaschi, tendo a polícia efectuado disparos depois de não conseguir dispersar os manifestantes com gases lacrimogéneos. Segundo testemunhas oculares, pelo menos 15.000 pessoas foram para a rua por volta da meia-noite de domingo, incendiando carros e fazendo fogueiras para impedir a passagem dos bombeiros.

Moçambique

CHISSANO REMODELA

Após cinco dias de reunião, à porta fechada, do Comité Central da Frelimo, Joaquim Chissano anunciou uma vasta remodelação ministerial, que acompanha alterações introduzidas também ao nível do Secretariado do Comité Central. As duas surpresas são as nomerações de Pascoal Manuel Mocumbi, novo ministro dos Negócios Estrangeiros, e de Armando Emílio Guebuza, nomeado para chefiar o sector estratégico dos transportes. Dois outros dirigentes — Óscar Monteiro e Armando Panguene — deixam o Secretariado do C.C., não tendo sido nomeados para quaisquer novas funções.

Outra decisão de Chissano, agora tornada pública, dá maior dimensão à cultura, elevando a Secretaria de Estado a Ministério e colocando na sua direcção Luís Bernardo Honwana.

A nomeação de Guebuza para os transportes terá sido, no entanto, a que mais surpreendeu, já que se trata de um ponto nevrálgico do desenvolvimento moçambicano, até agora dirigido por um técnico qualificado, o eng. Alcântara Santos, que pereceu no desastre que vitimou Samora Machel. Trata-se, para além do mais, de um sector que, no âmbito da SADCC está a cargo de Moçambique. Contava-se que para o lugar fosse nomeado um técnico. Chissano optou, no entanto, por um político, indo buscar um «homem forte», o terceiro na hierarquia do Bureau Político da Frelimo

Menos surpreente ,apesar de tudo, foi a escolha de Mucumbi para os Negócios Estrangeiros. Embora se trate de um médico, que até agora exerceu as funções de ministro da Saúde, Mucumbi esteve no departamento exterior da Frelimo, durante a luta de libertação, e é tido como um elemento moderado, capaz de dar continuidade à diplomacia de Joaquim Chissano.

Sérgio Vieira, considerado um adepto da «linha dura» e um intransigente defensor da «pureza ideológica» do partido, deixou o cargo de ministro da Segurança, passando a desempenhar as funções de chefe da Escola Central da Frelimo em acumulação com as de vice-ministro da defesa. Ao lado de Jorge Rebelo, responsável pelo trabalho ideológico, Sérgio Vieira é agora um dos principais responsaveis pela formação e direcção de quadros.

Poder dividido

Para além destas mudanças, já operadas, anuncia-se para amanhã, dia 13, o início da segunda legislatura da Assembleia Popular, que irá eleger o seu novo presidente. Este cargo foi desde o início, e nos termos da Constituição moçambicana, exercido pelo Presidente da República, Samora Machel. Agora, Chissano deverá ceder a sua posição a Marcelino dos Santos, que ficará, assim, com o segundo lugar na hierarquia do Estado.

Esta nomeação, a par da de Guebuza para o trabalho, parecem indicar que Chissano pretendeu contemplar todas as «sensibilidades» .'tentes no interior do Bureau Político, distinguido os dois homens que estão imediatamente a baixo de si na hierarquia do partido.

Outra surpresa foi a saída de Óscar Monteiro — homem muito próximo de Samora Machel — até agora ministro da Presidência para a Administração Estatal, e de Armando Panguene, vice-ministro da Defesa, do Secretariado do Comité Central, não tendo de imediato sido nomeados para novas funções.

Composição do Governo

Nos termos da remodelação agora operada, o Governo moçambicano ficou assim constituído:

•**1º Ministro** — Mário da Graça Machungo

•**Ministro da Defesa** — Alberto Joaquim Chipande

Vice-ministros — Sebastião Mabote e Sérgio Vieira

Secretário de Estado da Logistica — Tomás Salomão

Secretário de Estado da Mobilização — Osvaldo Tazama

Secretários de Estado dos Antigos Combatentes — Joaquim Munhepe e Lázaro Mathe

•**Ministro dos Negócios Estrangeiros** — Pascoal Mucumbi

Vice-ministro — Daniel M'Banze

•**Ministro do Interior** — Manuel António

Vice-ministro — Hipólito Patrício

•**Ministro da Segurança** — Mariano de Araújo Matsinhe

Vice-ministro — Salésio Teodoro Nalyambipano

•**Ministro da Cooperação** — Jacinto Veloso

•**Ministro das Finanças** — Abdul Magid Osman

•**Ministro da Educação** — Graça Machel

Secretário de Estado da Educação Técnica — Joaquim Nunes de Carvalho

•**Ministro da Saúde** — Fernando Vaz

Vice-ministro — José Igrejas Campos

•**Ministro da Informação** — Teodato Hungwana

•**Ministro da Construção e Aguas** — Júlio Zamith Carrilho

•**Ministro do Comércio** — Manuel Aranda da Silva

Vice-ministros — Daniel Gabriel e Prakash Ratilal

•**Ministro dos Transportes e Comunicações** — Armando Emílio Guebuza

Vice-ministros — Rui Lousã (Transportes e Comunicações) e Isaías Muhate (Marinha Mercante)

Secretário de Estado da Aviação Civil — Angelo Chichava

•**Ministro da Agricultura** — João Ferreira

Vice-Ministro — Alexandre José Zandamela

Secretário de Estado da Agricultura e Recurso Hídricos — Rui Gonzalez

Secretário de Estado das Pescas — Joaquim Tenreiro de Almeida

•**Ministro da Industria e Energia** — António Branco

Secretário de Estado da Electricidade e Industrias Alimentares — Francisco Caravela

•**Ministro dos Recursos Minerais** — John Kachamila

•**Ministro da Justiça** — Ali Ossumane Dauto

•**Ministro da Presidência** — Feliciano Salomão Gundana

Na área económica, e com categoria equivalente a ministros, mantém-se Eneias Comiche, como **Governador do Banco de Moçambique**, e Joaquim de Carvalho, como presidente do **Banco Popular de Desenvolvimento**.

No **Secretariado do Comité Central**, Pascoal Mucumbi ocupa o sector das **Relações Exteriores** da Frelimo, tendo como adjunto José Luís Cabaço, Júlio Carrilho, a **Administração e Quadros**, Eduardo Arão (ex-governador de Tete), a **Organização**, Mário Machungo, a **Economia**, e Jorge Rebelo, o **Trabalho Ideológico**. Sérgio Vieira dirige a **Escola Central** do partido.

Governadores de província

Os Governadores provinciais. há a registar as exonerações de Feliciano Salomão Gundana da direcção da província da Zambézia, a mais rica e populosa de Moçambique mas também a mais afectada pelas acções da Renamo, e de Eduardo Arão, da província de tete. O primeiro passa a ter funções governativas e, o segundo, foi colocado na direcção do partido.

Província de Cabo Delgado — João Baptista Cosme

Província do Niassa — Júlio Almoço N'Tchola

Província de Tete — Cadmiel Feliane Mutemba

Província de Nampula — Gaspar Zimba

Província da Zambézia — António Fernando Materula

Província de Manica — Rafael Maguni

Província de Sofala — Francisco Masquil

Província de Inhambane — José Pascoal Zandamela

Província de Gaza — Francisco Pateguana

Província de Maputo — José Moiane

Presidente do Conselho Executivo da cidade de Maputo (com categoria de província) — Alberto Massavanhane

Comunicado final

No comunicado final da reunião do C.C. da Frelimo, lido por Chissano, destaca-se a necessidade de reforçar o papel dirigente do partido e a formação ideológica dos quadros, bem como a sua presença nos meios de Comunicação Social.

Não foram tornadas públicas as esperadas medidas de recuperação económica, embora o documento assinale que foram amplamente discutidas. Esopera-se a sua divulgação para depois da reunião da Assembleia Popular, marcada para amanhã.

Na área económica-financeira espera-se a desvalorização do metical, o aumento dos preços incluindo os bens de primeira necessidade, das rendas de casa, das consultas médicas (até agora praticamente gratuitas), dos transportes e a compressão das despesas públicas. É provável que surjam também os primeiros despedimentos, embora se espere que os salários, que não são alterados desde 1980, sofram um ligeiro aumento para acompanhar o ritmo da inflacção (30% em 1986) e da desvalorização da moeda.

Nada surgiu quanto às conclusões da comissão de inquérito ao desastre que vitimou Machel, embora antes da reunião do C.C. tenha sido anunciado que o assunto seria tratado. O comunicado diz apenas que o C.C. «topmou nota do ponto da situação do inquérito», «aprovou as acções realizadas» e «mandatou a comissão para prosseguir os seus trabalhos».

Outra medida foi o adiamento do Congresso da Frelimo, marcado para 1988, para 1989, em virtude da «necessidade de centrar todos os esforços no âmbito da defesa da Pátria e da implementação das medidas de reabilitação económica».

EXCLUSIVO

HUMPHREY BOGART (1)

Um jovem revoltado com a vida

Ellen Shelton

A história foi clemente para com Humphrey Bogart. Ao aproximar-se o trigésimo aniversário da sua morte, ocorrida a 14 de Janeiro de 1957, Bogie conta com mais admiradores do que nunca, e os seus filmes alcançam, actualmente, mais sucesso do que alcançaram durante a sua vida. Um ídolo do cinema é, geralmente, exclusivo de uma determinada época, pois o tempo costuma desvendar as suas fraquezas e defeitos; no entanto, a história foi generosa para Humphrey Bogart, pois ele foi algo mais que um ídolo. Bogie foi diferente.

Bogart não foi um actor excelente nem sequer um protótipo do galã da época; contudo, as suas feições imperfeitas aliadas a uma voz nasalada e a uma altura que em pouco ultrapassava o metro e setenta, contribuíram para um estilo de interpretação inimitável e tão cativante que é difícil prever quando desaparecerá definitivamente. Bogie não deu apenas vida a um tipo característico de 'duro do cinema', visto que as personagens por ele criadas representaam, sobretudo, uma forma específica de encarar a vida.

Sem fazer esforço e com uma grande economia de gestos, Humphrey Bogart foi capaz de — nos cerca de 78 filmes em que actuou — recriar em frente às câmaras o tipo de homem inteligente e sensível que enfrenta o mundo que não corresponde ao paraíso desejado, e é, por isso, obrigado a esconder, sob uma dura aparência, a sua índole nobre.

Revelando sempre uma certa despreocupação em relação ao seu aspecto físico, Bogart criou uma personagem universal, decidida a ocultar do mundo que habitamos um segredo vergonhoso: o de ser um homem completo, um idealista.

Bastantes pessoas são de opinião que a personagem criada pelo actor lhe assentava como uma luva. De facto, nunca foi fácil separar a popularíssima imagem de Bogart da do homem real de carne e osso. A linha que as divide foi propositadamente esbatida pelos argumentistas e realizadores dos filmes, bem assim como pelo próprio Bogie. Contudo, aqueles que tiveram o privilégio de o conhecer na intimidade afiançam que por trás daqueles olhos tristes e pensativos se encontrava, sem dúvida, um homem singular.

Uma infância cheia de conflitos

O realizador John Huston, que dirigiu Bogart em cinco filmes, foi um dos que viu o actor nos últimos meses de vida e comentou a ocorrência:

'Bogart demonstrava uma coragem única, puramente animal. Logo à primeira vista se recebia um choque devido ao seu aspecto desolador. No entanto, quando se constatava a serenidade com que Bogie enfrentava a sua doença, uma pessoa apercebia-se da sua randeza.'

Outro amigo íntimo do actor, o escritor e realizador Joseph L. Mankiewicz, que realizara **A Condessa Descalça** (1954) afirmou:

'O enorme valor patenteado por Bogart perante o seu final iminente, demonstrou que a perspectiva da morte não o fazia sentir tão mal assim.'

Os rasgos da personalidade do actor foram, provavelmente, fruto de uma infância normal mas cheia de conflitos. Humphrey aprendeua andar numa zona privilegiada de Nova Iorque, onde nascera no final do século passado, sendo o primogénito de três irmãos. A sua mãe, desenhadora de revistas, era uma mulher de talento com uma forte personalidade. O seu pai era um afamado cirurgião de Manhatan. Embora tendo nascido num lar onde não havia problemas financeiros, o pequeno Bogie teve de suportar constantemente as brigas frequentes dos seus mais, papel que, aliás, passados vários anos, nunca conseguiria interpretar; Bogie comentou em certa ocasião:

'As minhas origens estão, para mim, bastante difusas, talvez porque desde essa altura nunca mais as quis recordar.'

Uma cicatriz de guerra

Bogart foi um autêntico fracasso no que diz respeito a estudos, e aos 17 anos, para escapar mais uma vez às brigas dos seus pais, alistou-se na Marinha americana, tendo tomado parte em arriscadas missões de combate no Atlântico, durante a Primeira Grande Guerra. Durante esta altura sofreu um golpe que deixou uma cicatriz visível e permanente no lado direito do seu lábio superior, a qual foi, também, responsável pelo seu característico ciciar.

A explicação oficial foi dada anos mais tarde pela Warner — produtora para a qualBogart trabalhou durante 13 anos — segundo a qual, vários estilhaços tinham atingido o rosto do actor durante um confronto com a armada alemã. Outra versão, porém, atribui a ferida a uma violenta luta travada com um prisioneiro alemão.

Em 1920 Humphrey Bogart regressou a Nova Iorque, uma cidade que apenas reconheceu, pois durante a sua ausência se tinha transformado na cidade mundial mais viva e faminta de diversões. A geração de que Bogie fazia parte tinha-se apossado de Nova Iorque, e este jovem que regressava a casa para mais uma vez encontrar as brigas insuportáveis, não teve dúvidas em sair para a rua em busca de aventuras. O seu rosto preocupado, onde raras vezes se esboçava um sorriso, severo e por vezes triste, começou a deambular por bares e antros nocturnos da mais variada espécie, até que deparou com o teatro.

O jovem Bogart só parecia querer enterrar o seu passado familiar na noite nova-iorquina. Embora nessa altura não tivesse conseguido esquecer todos os seus grandes problemas, Bogart conseguiu, pelo menos, uma coisa: nunca se conseguiu averiguar o dia exacto em que nasceu, sendo referida como a mais provável, a data de 23 de Janeiro de 1899.

Amanhã: Uma pessoa amável, modesta e grata

Uma das raras fotografias de Bogart no início da sua carreira como actor de teatro

EMPO

	T. 7 h	Min.	Prec. Às 6 h.	
Bragança	0	0	0,0	Neve
V. Castelo	10	5	0,0	Chuva
Vila Real	3	3	0,0	Chuva
Porto	10	6	0,0	Chuva
P. Rainha	–	–	0,0	–
Coimbra	10	7	0,0	Chuva
C. Carvoeiro	14	8	0,0	Encoberto
C. Raso	–	–	0,0	–
Portalegre	6	5	0,0	Nevoeiro
Lisboa	15	9	0,0	Chuva
Évora	10	7	0,0	Chuva
Beja	10	6	0,0	Nevoeiro
Faro	16	13	0,0	Chuva
Sagres	16	14	0,0	Encoberto
P. Delgada	9	6	0,0	Muito nub
Funchal	17	16	0,0	Muito nub

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 15, Porto, 13, Faro 17, Ponta Delgada 16, Funchal 19.

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm

NE

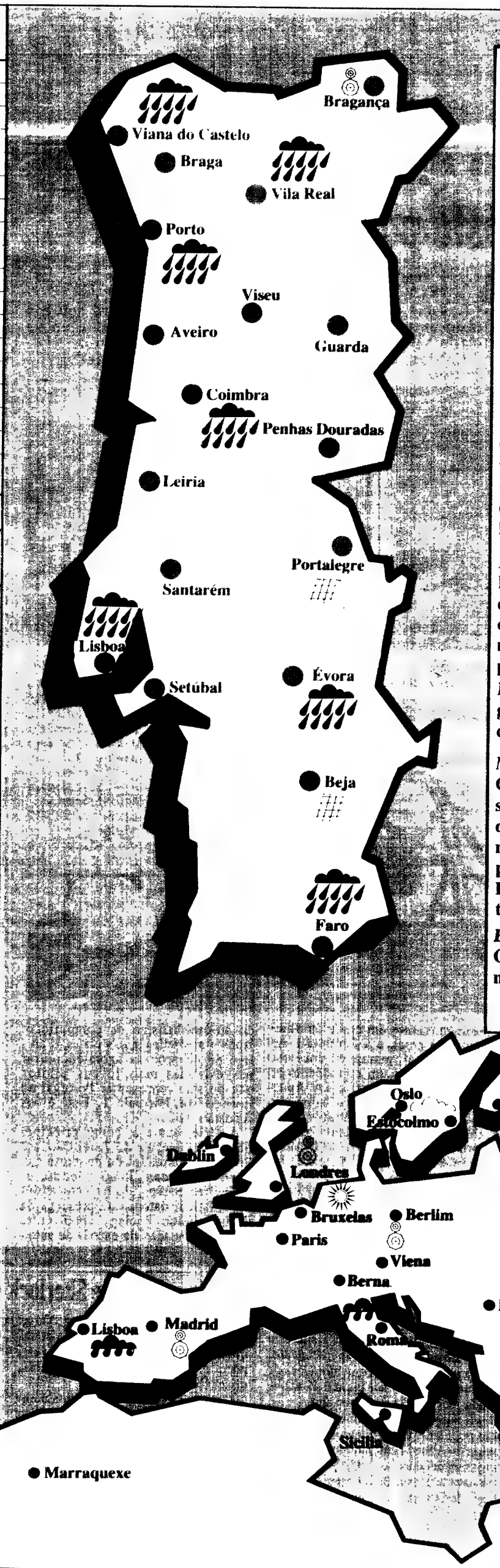
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	0	-2	Neve Forte
Londres	-9	-9	Neve
Paris	-13	-13	Granizo
Bruxelas	-13	-14	Limpo
Amesterd.	-11	-12	Pouco nub.
Genebra	-14	-14	Muito nub.
Roma	5	5	Chuva
Oslo	-16	-17	Pouco nub.
Copenhaga	-16	-16	Temp. Neve
Estocolmo	-23	-24	Pouco nub.
Berlim	-14	-17	Neve
Viena	-15	-15	Neve
Varsóvia	-18	-21	Neve
Atenas	12	12	Pouco nub.
Moscovo	-31	–	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	19	26	Limpo
Joanesburgo	14	25	Chuva
Los Angeles	6	23	Limpo
Montreal	-8	-1	Neve
Nova Deli	11	23	Nublado
Nova Iorque	2	6	Limpo
R. de Janeiro	22	38	Limpo
S. Francisco	7	12	Nublado
São Paulo	21	–	Nublado
Tóquio	0	10	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No continente:
Céu muito nublado, com abertas para a tarde. Vento moderado do sul, rodando para sudoeste a partir da manhã, soprando forte, por vezes muito forte e com rajadas. Chuva passando a aguaceiros que serão de neve na Serra da Estrela. Possibilidade de trovoadas.

Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar cavado passando a grosso ou alteroso. Ondulação oeste com 4 a 5 metros.**
Costa Sul: **Mar cavado passando a grosso ou alteroso. Ondulação sudoeste, com 2 metros.**

Nos Açores:
Períodos de céu muito nublado. Vento de sudoeste fresco com rajadas fortes. Aguaceiros e pequena descida da temperatura.
Estado do mar: **Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de cinco a seis metros.**

Na Madeira:
Céu muito nublado. Vento sudoeste moderado com rajadas fortes, rondando para noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

Estado do mar: **Mar cavado. Ondulação de noroeste de três metros.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento de oeste moderado, por vezes com rajadas fortes, rondando para noroeste. Aguaceiros por vezes fortes, em especial nas regiões do Norte. Queda de neve nas terras altas do norte e serra da Estrela. Descida da temperatura.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento sudoeste moderado. Períodos de chuva.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Canção de Sérgio Godinho dá nome ao novo álbum de Milton Nascimento

«A Barca dos Amantes», canção que Sérgio Godinho escreveu de parceria com Milton Nascimento e incluída no seu album «Coincidências», foi agora gravada pelo cantor brasileiro e escolhida para dar título ao seu novo LP, que brevemente será editado entre nós.

Esta é uma óptima notícia para a música portuguesa em geral e, em particular, para Sérgio Godinho, que fecchou 1986 de forma brilhante, com o seu novíssimo LP «Na Vida Real».

RTP já pode passar telediscos

A RTP e a União das Editoras de Vídeo e áudio (UNEVA) chegaram a acordo sobre o montante a pagar pela Televisão pela exibição de telediscos.

Tanto a RTP como a UNEVA se escusaram a revelar o montante que a Televisão vai começar a pagar de direitos de autor pela passagem dos telediscos.

Fonte da UNEVA apenas disse à agência Lusa que foram acordados «valores razoáveis» que se aproximam dos praticados na Bélgica, sendo inferiores aos da Áustria.

«Os critérios utilizados durante as negociações entre as duas partes foram idênticos aos seguidos noutros países, designadamente a dimensão da audiência e a capacidade de consumo per capita (poder de compra)», disse.

Disse ainda que a Televisão «teve sempre autorização da UNEVA para emitir os telediscos, uma vez que estavam em curso as negociações para a sua remuneração, não tendo até ao momento a RTP pago qualquer montante pela exibição de telediscos».

Programas de formação/ aprendizagem no AR.CO

Encontram-se abertas desde o passado dia 2, as inscrições para a frequência dos «ateliers» semestrais de formação/aprendizagem organizados pelo AR.CO nas oficinas de Desenho, Desenho Gráfico, Escultura, Fotografia, Ourivesaria, Pintura e História e Teoria da Arte.

Iniciando-se em 9 de Março, estas oficinas funcionam, como habitualmente, em horários diversificados, podendo, por isso, ser frequentadas isolada ou conjuntamente, de acordo com os objectivos e disponibilidade dos interessados.

Os sectores de formação/aprendizagem do AR.CO são orientados, respectivamente por Ana Leonor (Desenho), Vítor Simões (Desenho Gráfico), Graça Costa Cabral (Escultura), Manuel Silveira Ramos (Fotografia), Tereza Seabra (Ourivesaria), José Mouga (Pintura) e Rui Sanches (História e Teoria de Arte).

Todos os interessados poderão obter mais informações dirigindo-se à Secretaria do AR.CO (Rua de Santiago, 18, ao miradouro de Santa Luzia) ou através dos telefones 863355/872749.

Aos sábados na RTP-2

"A Aposta": o automobilismo visto por dentro

«A Aposta» é a designação de uma série televisiva sobre o mundo automobilístico que a RTP começou a exibir no passado sábado, no segundo canal, com argumento de Nicha Cabral. Sempre às 14 horas, serão ao todo sete episódios.

Viatura BMW, no Campeonato da Europa de Turismo 1985, no Autódromo do Estoril

Num momento em que o automobilismo em geral, e a Fórmula 1 em particular, se afirmaram no universo desportivo como um espectáculo de grande audiência, a série «A Aposta» propõe uma «viagem» ao mundo de Mário Araújo Cabral - mais conhecido por Nicha cabral -, o único português que até à data esteve presente no «circo» da elite dos monopostos.

Durante sete episódios, de 25 minutos cada, a transmitir semanalmente ao sábado, Nicha Cabral conduzirá o tele-espectador ao mundo do automobilismo de competição. Após a sua retirada das pistas, o antigo piloto procura agora encontrar nas camadas mais jovens pilotos que possam representar Portugal no mundo da Fórmula 1. Essa é «A Aposta».

A série, que tem como principal objectivo «servir de incentivo aos jovens aficcionados do desporto automóvel», focará, já no sábado, os primeiros passos do trajecto automobilístico, datados da presença da Brands Hatch Racing School entre nós, e a fundação da escola de automobilismo de competição Autodril-Ford. Nicha Cabral ensina, exemplifica e observa os novos talentos.

A importância dos kart's como primeira etapa - o exemplo do campeão brasileiro Ayrton Senna aos irmãos Castro Santos - e o troféu fórmula Ford (a primeira corrida e o primeiro vencedor, Pêquêpê) são o tema dominante do segundo programa.

O terceiro episódio abordará essencialmente o reaparecimento relâmpago de Nicha Cabral depois de uma ausência voluntária de 10 anos. António Rodrigues e António Peixinho são os convidados.

A questão da segurança não poderia deixar de estar presente. É o assunto fulcral do episódio número quatro: «A falta de segurança é uma constante em algumas rampas do Campeonato Nacional de Velocidade. O público indisciplinado e inconsciente invade o espaço reservado à competição. Atitudes que se repetem permanentemente também nos troços cronometrados dos relies».

Com base em materiais de arquivo recolhidos no Automóvel Clube de Portugal e na RTP, traça-se um itinerário evocativo dos principais momentos da história do automóvel no nosso País. Desde o primeiro Panhard et Levasseur adquirido em Paris pelo 4º conde de Avilez aos modernos protótipos da actualidade, esgota-se o percurso que faz escala também no Museu do Automóvel do Caramulo: é o quinto episódio.

O sexto programa irá focar a história do ralie: do ralie da TAP ao ralie do Vinho do Porto, sem deixar de falar na edição negra de 1986. Uma vez mais a questão de segurança é abordada.

Por fim, o sétimo e último episódio abordará a história dos Grandes-Prémios de Portugal, dos grandes nomes e dos momentos de glória. «A Aposta» está lançada. Vários jovens portugueses aceitaram-na e preparam-se para remover os obstáculos no seu caminho para a meta. E a meta é a do automobilismo de competição profissional.

«A Aposta» tem argumento e texto de Mário (Nicha) Cabral e realização e produção de Francisco Manso. Vitor Estevão assinou a direcção de fotografia, Waldemar Miranda foi o operador de som, Pedro Pinheiro o montador e Miguel Faria o consultor literário.

Celebrado o 100.º aniversário da criação de Sherlock Holmes

Admiradores de Sherlock Holmes reuniram-se num jantar para assinalar o 100.º aniversário do seu aparecimento, iniciando um ano de comemorações de homenagem ao personagem fictício que ainda recebe 40 cartas por ano.

«É surpreendente como ele ainda é tão popular», disse Suebrown, funcionária do Abbey National Savings Bank, cujas dependências estão situadas no número 221B da Baker Street, o endereço de Holmes caso ele tivesse existido.

Sue adiantou que recebem anualmente cartas dirigidas ao célebre detective da ficção policial desde que o banco mudou as suas instalações para o edifício da Baker Street na década de 30.

«Ainda recebemos cerca de 40 cartas por mês. Vêm de todo o mundo de fãs que exprimem a sua admiração por ele, põem questões e aguardam resposta», disse.

Consciente da fama e da lenda mundial de Sherlock Holmes e do seu companheiro dr. Watson, os correios entregam ao banco todas as cartas, a que Sue responde.

Holmes chegou ao conhecimento do público há 100 anos, quando o seu criador, sir Arthur Conan Doyle persuadiu os editores Ward, Lock and Co. a apresentá-lo no romance «Study of Scarlet».

O personagem, com o seu chapéu característico, a lente de aumentar e o raciocínio lógico inspirou, para além de quatro romances e 56 contos, 200 versões cinematográficas e televisivas e 40 peças teatrais.

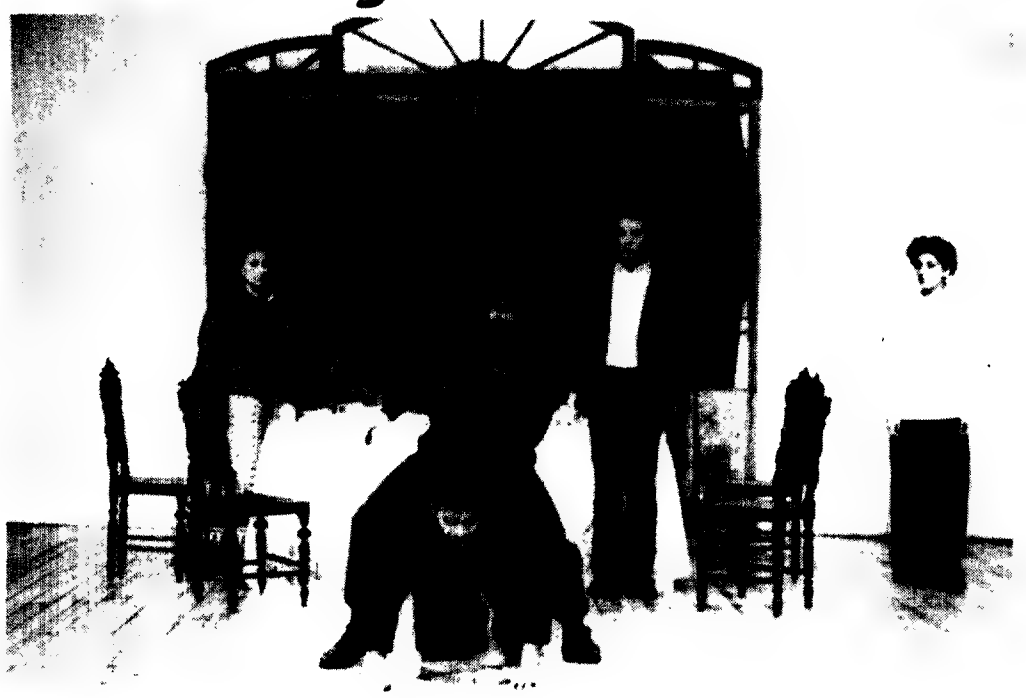
Holmes tem obtido através das gerações a admiração de milhões de pessoas em todo o mundo, e para assinalar o 100.º aniversário do seu aparecimento estão previstas comemorações ao longo de 1987.

Os «scherlockianos», nome dos dedicados fãs, reunem-se nos Estados Unidos, Japão, Austrália e Grã-Bretanha em jantares, em peregrinações à Suíça, e no lançamento da primeira pedra de um novo Museu Sherlock Holmes naquele país.

O Poder das Crianças

Carlos Porto

VÍTOR ou as Crianças no Poder, de Roger Vitrac. Tradução: Fernando Luso Soares. Dramaturgia: Abel Neves. Encenação: João Mota. Figurinos: Carlos Paulo. Interpretação: Cecília Sousa, Carlos Paulo, Carmen Marques, Manuela Couto, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Marques Arede, Isabel Medina e Jorge Loureiro. Estreia: Comuna, 7-1-1987.



Perante os cartazes expostos nas salas de teatro, algumas conclusões se podem tirar imediatamente: a primeira é a da permanência de certas estruturas; outra a de certas opções de repertório. Como há cerca de quinze anos, e apesar das vozes em contrário, os grupos do teatro independente continuam a dominar a nossa actividade teatral. Como então, mais ano menos ano, a Cornucópia e, a Comuna aí estão nas primeiras filas, embora agora acompanhados por outros grupos, como A Barraca, com um espectáculo em cena, e o Novo Grupo, a estrear em breve, estes dois mais recentes. Poderíamos acrescentar o TEC e a Casa da Comédia, além de outros. Por outro lado, o teatro comercial e o teatro Nacional, como então, mantêm a mesma actividade rotineira e mesmo, por vezes, medíocre, depois de sobressaltos que atingiram nas épocas passadas tanto o teatro do Estado como o bulevar e a revista, cujos ecos no entanto começam a perder-se.

No que se refere ao reportório, verifica-se uma coincidência curiosa na opção de textos de comédia já que os espectáculos em cena, incluindo o do Nacional, na sua maioria, fazem do riso um dos principais processos para comunicar as respectivas mensagens. Isto mesmo tendo em conta as enormes diferenças entre o riso negro do «Vítor...» O RISO SATÍRICO DE «A Mulher do Campo», o riso burlesco de «Os Polícias» entre outros. Um outro aspecto curioso do reportório tem ainda a ver com o regresso de títulos conhecidos: o Judeu no Nacional, o Vitrac da Comuna, o Tchekhov no Novo Grupo. Independentemente do interesse de cada um desses textos e da sua indispensabilidade no reportório de cada grupo, poderá pensar-se no que tal significa sob o ponto de vista de marginalização de outros textos cuja não inscrição na história do teatro em Portugal parece ser bastante grave, para já não falar do que significa em relação ao permanente menosprezo pelo autor português vivo, referência que, como é evidente, não se dirige a todos os grupos.

«Vítor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac, que vimos em 1970 («DL«/2-5-70), no Vasco Santana, na encenação de Luzia Maria Martins, espectáculo de grande importância na época embora muito contestado, como leitura do texto, por sectores jovens.

Trata-se de facto de um texto soberbo em que o autor põe em causa com uma sem-cerimónia arripiante alguns dos valores em que assenta a sociedade dita ocidentale cristã: a família, a religião, o patriotismo.

Ao contrário de alguns analistas, não me surpreende o insucesso desta peça quando da sua estreia em França, em 1928, já que há nela uma tal corrosidade, ainda hoje cortante, que, na sua maioria, as peças de Ionesco, se comparadas, parecem escritas para meninos de coro.

Modelo de meninos bemcomportados, ganhador de todos os prémios escolares, Victor acorda no dia do seu nono aniversário com um propósito: dizer a verdade. O poder da criança, a que se refere o título desta crónica, é precisamente esse: o de ocupar o mundo com a verdade que os adultos necessariamente recusam. A verdade leva à loucura e à morte porque, assim forte, cega os homens desta sociedade, desabituados dela.

É claro que é pobre o real que a revolta de Vítor desvenda sem pôr em causa as estruturas económicas em que esse real se baseia: as relações extramatrimoniais do pai de Vítor, ao mesmo tempo, com a criada e com a mulher de um casal amigo da casa; a loucura do marido enganado; a espantosa imbecilidade do general; a enfermidade, teatralmente surreal, de uma antiga amiga da mãe, mulher perfeita (bela, rica, amada) que se peida a cada momento, simbolizando a morte que se aproxima, como quer Henri Béhar (mas deixa de o fazer quando fica só com Vítor, pormenor em que talvez valha a pena reparar). É pela barriga que Vítor morre, depois de ter cumprido a sua missão de desvendar a verdade. É pela loucura que o marido enganado se enforca à janela. A verdade passou por ali: nada mais será como dantes.

Embora sem intervalo, o espectáculo da Comuna, de acordo com o texto, divide-se em duas partes relativamente distintas. Na primeira, Vítor e a sua amiga Ester, filha do outro casal, fazem a revolução: um riso imenso, pantagruélico sacode a sala. Virado do avesso, o bulevar transforma-se numa anedota impagável. No entanto, ao utilizar a arma terrível do riso, Vitrac exibe uma pontaria que virá a ser menos certeira quando quer transformar a farsa surrealista numa tragédia, embora também nesta existam saborosíssimos apontamentos. Perde-se sobretudo o ponto de vista das crianças, quase sempre fora de cena: texto e espectáculo normalizam-se, perdendo em parte a enorme carga de transgressão que lhes conferia a presença da verdade das crianças.

Esta leitura da Comuna é bastante diferente da leitura de Luzia Maria Martins. O ponto de partida do texto, o seu grande achado, consiste no facto de as crianças serem interpretadas por adultos. Ora, os intérpretes das crianças no espectáculo em cena (Carlos Paulo e Carmen Marques) estão mais próximos das personagens do que os intérpretes do TEL, respectivamente, Joaquim Rosa e Margarida Mauperrin (que obteve o Prémio Revelação com este trabalho). Este espectáculo tem como base maior o trabalho de Carlos Paulo assumindo o papel do encenador que decide transformar o espectáculo da vida. É um notável trabalho de composição e de assunção de uma personagem tão rica em matizes, tão diversificada em regimes, tão esplendidamente comunicativa. Carmen Marques é a sua sombra, ajuda-o a fazer explodir a verdade e as verdades, pertencem-lhe algumas das cenas mais cómics do espectáculo. Passa por ela, curiosamente, um tom que evoca Raquel Maria.

À tempestade provocada pelas crianças contrapõem-se as máscaras dos adultos: Amélia Videira, um trabalho muito rico na senhora que mantém a sua dignidade postiça de amante do marido da amiga enquanto esconde o lixo debaixo da alcatifa; Almeno Gonçalves, estupendo trabalho no marido enganado que faz da loucura a máscara em que finge esconder-se, certamente o melhor trabalho deste actor; Marques Arede, o general que Vítor monta como se fosse um asno que de facto é... provocando algumas das melhores gargalhadas da noite; Manuela Couto, excelente actriz do TAS, integrando-se na Comuna aparentemente sem dificuldades, fazendo da sua fragilidade uma arma, mas aguentando mal as cenas dramático-cómicas da segunda parte, talvez pela própria flutuação da personagem, o que poderemos dizer também, positiva e negativamente, de Alfredo Brissos, Ben, Jorge Loureiro. No papel incrível da visita, Isabel Medina faz contrastar a sua máscara com a sua situação, embora sem o peso da senhora inesquecível de Helena Félix; Cecília Sousa, na figura correcta da criada que pertence àquele teatro burguês que a peça levanta. A sua melhor cena, no final, quando diz «É um drama! É um drama!» foi prejudicada por uma má solução da encenação, um «escuro» que leva o público a pensar que o espectáculo terminara na cena anterior. Esta actriz tem tendência a atabalhoar as palavras, problema a que alguns actores da Comuna não escapam pela utilização de registos vocais demasiado altos e rápidos, que é talvez uma característica da direcção de João Mota que, a meu ver, deveria ser corrigida. Aliás, a primeira parte do espectáculo constitui um trabalho fabuloso do encenador, levantando com grande energia cénica o cómico das situações, das personagens e dos sinais.

A mesa posta, os reposteiros, os móveis, as paredes, os belos vestidos (tão belos que até acabam por estar eslocados) sinalizam o estatuto da família burguesa que o espectáculo faz explodir. Curiosamente, um dos primeiros espectáculos da Comuna chamava-se «Brincadeiras» e eram crianças (representadas por adultos) as suas principais personagens.

Com este espectáculo, a Comuna volta às crianças e às suas brincadeiras. Terríveis.

Este espectáculo, como o de Luzia Maria Martins, conta com um trunfo inestimável: o texto português de Fernando Luso Soares, um modelo de tradução para o teatro.

Novas séries na RTP

«The Key to Rebecca» e «Palace of Dreams» são duas séries cuja estreia está prevista para este mês na RTP-1.

A primeira, que se iniciará no próximo dia 17, tem quatro episódios e Cliff Robertson é o protagonista, sendo David Soul o intérprete de outra das personagens principais.

«The Key to Rebecca» tem a sua acção centrada no Cairo, durante a II Guerra Mundial. Alex Wolf é o espião de Rommel nas linhas inglesas, tem instruções e está decidido a matar todo aquele que se lhe oponha.

O major Vandam é o seu principal opositor e Sonia El Aram e Elene Fontana são o chamariz de cada um deles para atrair o respectivo inimigo.

Baseado numa novela de Ken Follett, o seu primeiro livro de espionagem, a série foi inteiramente gravada no Norte de África e promete muita acção, suspense e aventura...

Do elenco fazem ainda parte Season Hubley, Lina Raymond, Robert Culp, Anthony Quayle e David Hemmings, que também realizou a série.

«Place of Dreams», por sua vez, conta a história da vida de um jovem «aspirante» a escritor que se fixa em Sidney no ano de 1931, em plena «grande depressão», tomando assim contacto com a vida de uma cidade que enfrenta as convulsões políticas, sociais e económicas de um período de viragem.

São intérpretes Henri Szps, Michael O'Neill, Dreid Rubenstein, Linda Cropper e Susie Lindeman nos principais papéis. David Goldie, Denny Lawrence e Geoffrey Nottage foram os responsáveis pela realização da série.

Espada de Honra na RTP 2

A RTP adquiriu à Rede Bandeirante de Televisão, do Brasil, a série «Dona Santa», com 32 episódios.

Da autoria de Geraldo Vietri, «Dona Santa» reúne os actores Nair Belo, Amilton Monteiro, Daniela Santos, Setin Mello, Claudia de Alencar e Elias Gleizer.

Trata-se da história de uma mulher acomodada à situação de dona de casa que, com o falecimento do marido, se vê obrigada a assumir o sustento da família.

Dona Santa ocupa-se do táxi que fora do falecido marido e inicia a luta pela sobrevivência como motorista de praça. O seu espírito prático e irreverente consegue superar todos os problemas criados por um temperamento turbulento.

Ao longo da série teremos um retrato do quotidiano, repleto de humor e emoção, reflectindo-se em cada episódio a história vivida pelos passageiros do táxi de Dona Santa. O início ainda não está marcado.

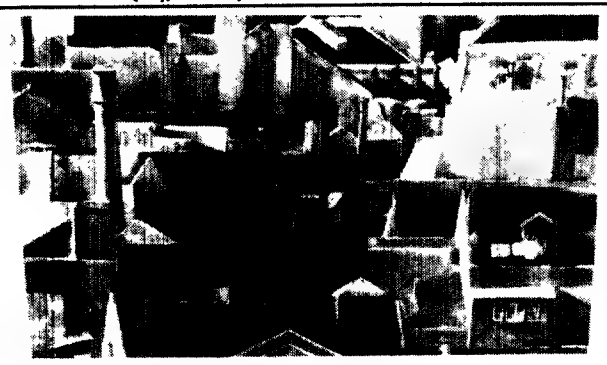
HOJE PODE VER

"JULIA", NO FORUM PICOAS

Bom cinema é quase uma constante da programação do Forum Picoas, inegavelmente. Mas a pompa, o luxo e as intenções delineadas quando foi inaugurado não parece estar a serem cumpridas, pelo menos no que concerne ao cinema. Do polo vivo de cultura cinematográfica, o Forum Picoas não tem nada. Limita-se a organizar ciclos como qualquer herdeiro das «sessões clássicas» dos anos 60, funciona como sala de reprise... Com as condições que o local oferece (tem uma das melhores projecções do país e uma reprodução sonora impecável, para além do espectacular conforto...) convenhamos que o mínimo que se pode dizer é que há um desaproveitamento dos recursos assaz espantoso, uma ausência de projecto cultural completa, tudo envolto num novo-riquismo que vai mal com a empresa pública que suporta os custos, ou seja, de todos nós que acabamos por pagar o eletante branco. Um dia há que discutir isto.

Hoje, contudo, não é isso que importa. Hoje convidamos o leitor a ir até ao Forum Picoas. Antes de tudo - e se o leitor nunca desceu no metro das Picoas com a curiosidade de ver o território do edifício das telecomunicações situado próximo - porque o Forum, em si, merece uma visita. Depois, se precisa de um pretexto, porque ali se exibe, hoje, um filme que vale a pena ver: «Júlia» de Fred Zinnemann, protagonizado por Jane Fonda. Baseado num livro memoralista de Lilian Hellman, «Júlia» é uma história de amizade e amor entre duas mulheres, inscrita na História da resistência anti-nazi, quando Hitler anexava a Áustria e preparava a guerra na Europa, quando os camisas castanhas faziam autos de fé. As sessões são às 19 e 22 horas.

Jane Fonda e Jason Robards em «Julia», hoje no Forum Picoas



Um trabalho de Paulo Ossião, na colectiva da Galeria do Casino do Estoril

EXPOSIÇÕES

• Desde sábado, na Pousada do Castelo de Palmela, patente uma exposição de Pintura de Ana Branca. Até 10 de Fevereiro.

• No Atelier 15 - R. Freitas Gazul, 24-D - a exposição «Retítulos» de Abílio José Santos, Alberto Pimenta, Ana Hatherley, E. M. de Melo e Castro e Fernando Aguiar. No próximo dia 17, pelas 17 horas, será feito o lançamento do livro «Memórias de Hibakusha» e outros poemas de Antero de Alda apresentado por E. M. de Melo e Castro. A exposição está patente de segunda a sexta das 28 às 22 , sábados das 15 às 19.

• Na FIL continua patente a «Exposição Retrospectiva do Turismo Português», comemorativa do jubileu do turismo em Portugal, com o apoio da Companhia de Seguros Império. Esta exposição pretende recordar o Congresso Internacional de Turismo, realizado em Lisboa em 12 de Maio de 1911, reunião que é considerada primórdio da actual Organização Mundial de Turismo.

• Na galeria de arte do Casino Estoril, uma colectiva de Pintura até 28 de Janeiro, todos os dias das 15 às 24 horas.

• **Na Galeria Holly - Largo da Trindade, 17 - uma colectiva com obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro e Joaqum Rodrigo. Litografias e Serigrafias de Vieira da Silva, Arpad Szenes, Sonia Delaunay, Alexander Calder, Magnelli e Henry Michaux,** entre outros. Até 31 do corrente, de terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas-feiras das 15 às 19,30.

• **No Palácio Anjos, em Algés, a exposição «Homenagem a Cesário», por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras.**

• **Na Galeria Altamira - R. Filipe Folque, 48-A - uma exposição de Pintura de João Oom. Vai estar patente até 4 de Fevereiro, das 10 às 19 (de segunda a sexta) e das 10 às 13 aos sábados.**

• **No Alibi Bar, na Rua Francisco José Mota em Setúbal, uma exposição de Fotografia de José Morujão. Até 16 do corrente.**

TEATROS

• O TELA - Teatro Experimental de Leiria, estreia amanhã dia 13, a peça «Daqui para Ali e de Lá para Cá», adaptação de textos de Gil Vicvente com encenação de José Gil e Carlos Fragateiro

• **N´A Barraca - R. Alexandre Herculano, 70, de terça a sábado às 21,30, sábados e domingos às 16, a peça de Mrozeck «Os Polícias», encenação de Helder Costa, com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.**

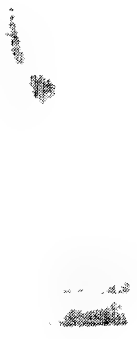
• **Na Comuna, «Victor ou as Crianças no Poder, de Roger Vitrac. Encenação de João Mota, com Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília Sousa, entre outros.**

• **No Nacional D. Maria II, «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) com encenação de Carlos Avilez e interpretação de Rui de Carvalho, Igor Sampaio, Fernanda Borsatti, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, António Anjos e José João Duarte.**

• **Teatro da Trindade : a Cornucópia tem em cena «A Mulher do Campo» de William Wycherley. Encenação de Luís Miguel Cintra, com Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria.**

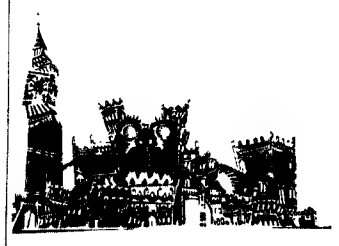
• **O Grupo de Teatro de Carnide tem em cena «Missa Leiga» de Francisco Assis. Aos sábados e domingos às 21,30.**

• **No Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Cruzeiro do Estoril, o teatro Experimental de Cascais apresenta «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez e interpretação de João Paulo, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves e Luiz Riso, entre outros.**



Pintura de Ana Branca, patente na Pousada do Castelo de Palmela

CONFERÊNCIAS



Atelier da Primavera, a partir de amanhã na Gulbenkian

• Tem amanhã início na Gulbenkian, às 18,30, no Auditório 3, um ciclo de três conferências denominado «Antes da Celebração e Transformação Social», a proferir por John Fox, director do Welfare State International. Sempre no mesmo lolal e horário , as conferências versarão os seguintes temas : amanhã, dia 13, «Mito e Cultura Popular - Perspectiva Histórica», no dia 15, «Um Modelo de Teatro Celebrativo nos Anos 80» e no dia 16, a terminar, «Anos 2000 - Proposta para uma Nova Cultura Popular».
Este ciclo de conferências integra-se no «Atelier da Primavera», uma iniciativa da Fundação Gulbenkian e colaboração do British Council, que é «um curso flexível, imaginado para responder às necesidades dos participantes, exigindo considerável energia, tanto dos participantes como dos orientadores. Os participantes deverão aparecer mental e fisicamente preparados para satisfazer uma grande exigência, porém altamente compensadora. Orientado por seis elementos do «Welfare State» o Atelier da Primavera foi concebido para artistas, gente de Teatro, gestores, trabalhadores, animadores culturais, enfim, pesoas ágeis, artistas mutifacetados, músicos, construtores de artefactos, bonecos, cultores do bambu como matéria primordial, pintores, escultores, amantes da vida sã e do bem-estar.»

CINEMAS

• Na Cinemateca Portuguesa - R. Barata Salgueiro, 39 - o Ciclo «Centenário de Raoul Walsh» com o filme «The Bovery» com Wallace Beery e George Raft (às 18,30) e «The Roaring Twentties» com James Cagney e Humphrey Bogart (às 21,30).
Amanhã, às 21,30, outro filme de Raoul Walsh - «The Drive by Night» com George Raft, Humphrey Bogart e Ann Sheridan.

• No Forum Picoas, prossegue o ciclo «Três Grandes Actrizes -Marilyn Monroe, Jane Fonda e Vanessa Redgrave» com o filme «Julia» de Fred Zinnemann, interpretado pior Vanessa Redgrave, e Jane Fonda. Sessões às 19 e 22 horas.

• No Instituto Franco-Português - Av. Luís Bivar, 91, exibe-se amanhã, dia 13, às 21 horas, o filme «Indian Song» de Marguerite Duras, com Delphine Seyrig, Michael Lonsdale e Mathieu Carrière Uma história de amor comovente, lírica e patética na sociedade colonial de Calcutá. A paixão posta a nu com um rigor tão plástico como literário.

Recordar Humphrey Bogart, esta noite na Cinemateca

MÚSICA

• N´O Berro - R. da Esperança, 158 - música ao vivo a partir das 23. Segundas e sextas, música portuguesa com Jorge Lomba e Rui Padinha; terças e auartas, música variada com Fernando Castro e Nascimento; quintas e sábados, música portuguesa e brasileira com Daniel e Rui Padinha; domingos, música brasileira com Nelinho.

• Palpita-Me Pub - R. das Janelas Verdes, 102 - todas as segundas e quintas, Rui Siqueira.

• Le Nautique - Hotel Meridien - todos os dias, «Jam Session» com o quarteto «Take Four» que apresenta todas sextas um novo artista convidado. Segundas, quartas, sextas e sábados à tarde, dueto de piano e flauta com António Jorge Marques e António Manuel Neves da Silva.

• N´O Cenóbio - R. das Janelas Verdes, 16 - de segunda a quinta Manuel Alberto ao orgão; sextas, Mingo; sábados, Mila Ferreira e Rui Moura.

• Joke Club - Av. Frei Miguel Contreiras, 18-C - segundas, terças, quartas e sábados, Luís Ezequiel (flauta e viola); quintas, Nucha e Marité (ex-Kutchi); sextas, música sul-americana com Mindo.

• Inda a Noite é Uma Criança - Praça das Flores, 6 - música a partir das 22,30. Segundas. música popular portuguesa com Jorge Mendes e Alfredo Azinheira; domingos, música portuguesa com Jorge Lomba.

• Hit Pub - R. Antero de Figueiredo, 6-F - todas as segundas, Carlos Bastos; às quintas, música dos anos 60 com Sérgio.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 3
TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
RAN – OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16,30, 19, 21.30 e 24.00 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
LOUCURA SEXUAL
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitolio
— T. 372358
FOME DE SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso
SEXO À TARDE
(Int. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
REI DAVID
(Int. 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
OS AMIGOS DE ALEX
(m.12 anos)
14. 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761
DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

GRANDE HONRA
(m. 12 anos)
15.30 h

City Cine
— T. 549999
EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ENCONTRO
(m. 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
ALLIENS — O REENCONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
PRISÃO DE MULHERES
(int men 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
OS CARRASCOS NUNCA MORREM!
(m. 12 anos)
14.30, 17. 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
UM HOMEM E UMA MULHER VINTE ANOS DEPOIS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
À VOLTA DA MEIA-NOITE (m. 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109
HIGHLANDER — DUELO IMORTAL (m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR (m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
JULIA
(n/ac. a m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859
ALIENS — O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Imperio
OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162
ALLIENS – O REENCONTRO FINAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Nimas
— T. 574362
LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
OS DESTRUIDORES IMPLACÁVEIS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
O DEBOCHE TOTAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
MOMENTO DA VERDADE 2
(m. 16 anos)
14 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
EMMANUELLE 4
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378
BETTY BLUE – 27.° 2 DE MANHÃ
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
QUERELLE — UM PACTO COM O DIABO
(m. 16 anos)
23.45 h

À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
O ESTADO DE GUERRA
24 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
(m. 16 anos)
23.30 h

Quinta
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
007 – OPERAÇÃO TENTÁCULO
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
PRISÃO DE MULHERES
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
A ESPADA DOS VALENTES
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144
Sala 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
HOWARD O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
RATO BASÍLIO
(falado em português)
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(m. 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
OFICIAL E CAVALHEIRO
(m. 6 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon
T. 368480
AS AVENTURAS DE JACK BURTON
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro — «Kalidor - a lenda talismã», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Invasão U.S.A.», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

AMADORA — Babilónia — «Lembras-te da última Noite», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (m. 6 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores «Um vagabundo na alta roda», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «A Missão», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS — Cine St.° António — «Banana Joe», às 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — «Howard e o destino do mundo», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Jackals, o Mensageiro da vingança», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Conan e os bárbaros», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

Sala 2 — «Betty Blue — 37.° 2 da Manhã), às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A rapariga do vestido cor-de-rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «As Aventuras de Jack Burton nas garras do mandarim», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Aliens — O reencontro final», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Um vagabundo na alta roda», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «Duelo imortal», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Silverado», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Assalto ao Parque», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Missão», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «FX – Efeitos mortais», às 16.15 e 21.45 h (m. 18 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Extraterrestre», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Nova Iorque fora de horas», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Aventura alucinante», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Nova Iorque fora de horas», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

ALFAMA-ESCOLAS GERAIS - ANUNCIADA - Rua do Vigário 72-74 Tel. 866360; **ALTO SÃO JOÃO - NOVA LUZ** - Rua D. Domingos Jardo 28A Tel. 843439; **ALVALADE - ALENTEJO** - Av. da Igreja 28B Tel. 892682; **AV. REPÚBLICA - CARDOTE - Av. Visconde Valmor 28 ABC Tel. 772291; BAIXA-COLISEU - CENTRO FARMACÊUTICO** - Rua Portas St. Antão 88 Tel. 321211; **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS - LARANJEIRAS** - Rua Filipe da Mata 160-162 Tel. 721035; **CEMITÉRIO INGLESES - URBANO FREITAS** - Rua Silva Carvalho 1-5 Tel. 662838; **CHILE - ANJOS - PEREIRA PINTO** - Av. Almirante Reis 121B Tel. 545751; **LUMIAR - NICOLAU - C. Carriche Lt. 4 Loja esq. Tel. 7588727; OLIVAIS SUL - MARTA** - Rua Cidade Nampula-Ed. Paris Lt. 354 Tel. 333696; **PICHELEIRA - MARLUZ** - Cc. Picheleira 140 BC Tel. 880703; Rua Prof. Mira Fernandes Maf; **SANTO AMARO-CALVÁRIO - LISBONENSE** - Rua Leão D'Oliveira 2-B Tel. 637020; **BRANDOA-AMADORA - BRITO** - Rua do Colégio lote 32-B Tel. 993351; **CARNAXIDE - AMARAL** - Pct. António Boto 11-A Tel. 4104556; **ODIVELAS - JOLENI** - Rua dr. Alexandre Braga 3B Tel. 9810812; **PONTINHA - LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão 3A Tel. 993912.

REFORÇO

AJUDA - MOURA - TV. Memória 55 Tel. 630944; **ALCÂNTARA - VIEIRA ROSA** - Rua Prior Crato 72 Tel. 660187; **AREEIRO - VERA CRUZ** - Pc. Afrânio Peixoto 2B Tel. 884941; **BENFICA-ESTAÇÃO-URUGUAI - SANTA CRUZ** - Av. Gomes Pereira 34B Tel. 704828; CAIS SODRÉ - ULTRAMARINA - Rua S. Paulo 99-101 Tel. 321771; CAMPO GRANDE - NOVA IORQUE - Av. Estados Unidos América 140B Tel. 760658; **CAMPOLIDE - OLIVEIRA** - Rua de Campolide 54-A Tel. 684424; **CORTES-RATO - CASTRO SUC.** - Rua S. Bento 199A Tel. 660513; **ENCARNAÇÃO - ASCENSO** - Pc. do Norte 11A Tel. 311216; **GRAÇA - MONTE** - Rua Senhora do Monte 30 AB Tel. 867842; **MARVILA - FREITAS** - Rua Vale Formoso Baixo 23A Tel. 381136; **SÃO SEBASTIÃO - NOVAIS** - Av. Luis Bivar 11-13 Tel. 544324; **BURACA-AMADORA - VAZ MARTINS** - Rua António Ferro 6A Tel. 970660; **OLIVAL BASTO - NOVA** - Rua Açores 11A Tel. 9810305; **PRIOR VELHO - MATOS** - Tv. Prioras Tel. 2519939.

Linha de Sintra:

AMADORA, Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 4938149) Perm. **JARDIM** — Av. Conde Oeiras, 120-Reboleira (Telef. 4938424) Até às 22 h. **DAMAIA, Lemos** — R. da Goa, 21-A (Telef. 97121) Até às 22 h. **QUELUZ, Vasconcelos** — Est. Henr. Pousão (Telef. 4372649) Até às 22h. **CAMARATE, Mendonça** — **L. 25 de Abril, 135-C (Telef. 2573158) Até às 19 h. ALGUEIRÃO, Rodrigues Rato** — R. Morés, 1 (Telef. 9212038) Perm. **MEM MARTINS, Silva Duarte** — R. Elias Garcia, 167 (Telef. 9248120) Perm. **MERCÊS, Claro Russo** — **R. Abade Faria, 2.-A (Telef. 9215275) Até às 22 horas. RIO DE MOURO, Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Telef. 9260194) Até às 22 h. **SINTRA, Teresa Garcia** — **L. D. Afonso, 3-A (Telef. 9232747) Perm. COLARES, Abreja** — (Telef. 9290088)

Outras farmácias:

Moscavide, Pedro Gomes, — B.º 25 de Abril, lote 13 (Telef. 2519670) Até às 22 h. **SACAVÉM, Cortes** — Av. M.ª Luísa Braamcamp, 2-A (Telef. 2519420) Perm. **LOURES, Saraiva** Av. República, 86 (Telef. 9830027) Até às 22 h.

Linha de Cascais:

ALGÉS Miraflores — R. dr. António Granjo, 2-B (Tel. 4101161) Perm. **LINDA-A-VELHA, Melo Almeida** — R. D. Diogo Couto, Lote 182 (Telf. 419697) Até às 22 h. **TIRES, Guimarães** — L. Duartes, lote A-r/c (Telef. 2441616) Até às 22 horas. **ALCABIDECHE, Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 — (Telef. 2690363) Até às 22 horas. **PORTO SALVO, Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Rebelo (Telef. 2421015) Até às 22 horas. **CARCAVELOS, Central** — R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037) Perm. **S. DOMINGOS DE RANA, Godinho Silveira** — R. A. Albuquerque, Lote B — Lj./2 (Telef. 2470361) Até ás 22 h. **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Estrada Nacional (Telef. 2850635) Até às 22 horas. **OEIRAS, Mourão Vaz** — Av. Moçambique, 18-C (Telef. 2437196) Perm. **NOVA OEIRAS , Leal** — Quinta da Palmeira, Lote 24 (Telef. 2478737). Perm. **PAREDE, Grincho** — Av. República, 87-A (Telef. 2471204) Perm. **SASSOEIROS, Amaral** — Quinta das Encostas (Telef. 2461312) Até às 22 horas. **BIRRE, Imani** — Lote 7-B-Hera (Telef. 2852121) **MODORMA, Madeira** — Rua A (Telef. 2476326) Até às 22 horas. **AMOREIRA, Abrantes** — Viv.ª Maria Carlos Anjos (Telef. 2682313) Até às 22 horas. **ESTORIL, Marques dos Santos — R. Ferreira, J-A, 15 (Telef. 260116) Até às 22 h. CASCAIS, Marginal** — Av. Marginal (Telef. 280078) Perm.

Outra Banda: ALMADA, Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 2750076) Perm. **COVA DA PIEDADE, Atlântico** — Av. Rainha D. Leonor, 2764466) Perm. **MONTE DA CAPARICA, Nova** — R. Trab. Rurais, 82 (Telef. 2954436) Até às 19 h. **COSTA DA CAPARICA, Chai** — Av. General Humberto Delgado (Telef.2403218) Até às 19 h. **FEIJÓ, Tovar Chaves** — R. dr Ant.º Elvas, 104-D (Telef. 2296119) Até ás 22 h. **SESIMBRA, Leão — Av. Liberdade, 13 (Telef. 2233471) Até às 19 h. LAVRADIO, J. Consolado — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Telef. 2043126) Até às 19 h. BARREIRO, Pimenta** — **R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 12 (Telef. 2073443) Perm. BAIXA DA BANHEIRA, Cardoso** — Av. Liberdade, 59 (Telef. 2041044) Até ás 19 h. **CORROIOS, Abreu Cardoso** — B.º Cid. Setúal, 1-B (Telef. 2291192) Até às 19 h. **AMORA, matos Lopes — R. 1.º de Maio, lote 401 (Telef. 2216365) Até ás 22 h. MONTIJO, Moderna** — R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 2310156) Até ás 22 h. **MOITA, Silva Rocha** — P. República, 16 (Telef. 2390029) Até ás 19 h. **ALHOS VEDROS, Gusmão** — R. Cândido Reis, 30 (Telef. 2040020) Até às 19 h. **ALCOCHETE, Gameiro** — **L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 2340100) Até às 19 h. SETÚBAL, Costa** — R. Mesericórdia 48 (Telef. 22760) Perm. **Moreira Martins** — P. Olga Sarmento, 14 (Telef. 26051) Perm. **Brasil** — P. Brasil, 15 (Telef. 24788) Até às 22 h.

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«VICTOR — OU AS CRIANÇAS NO PODER», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota. Intérpretes: Amélia Videira, Alfredo Gonçalves, Almeno Brisos, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília de Sousa, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA», de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Centro de Arte Moderna — Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM», de Garcia Lorca. Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«SAPATEADO», de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Teatro de «O Século»

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MEMÓRIAS DE UM CORPO», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalheiro. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«O JOGO DO AMOR E DO ACASO», de Marivaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Intérpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Óscar Branco, Rosa Quiroga e Teresa Nunes.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«A VIDA É UM SONHO», de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

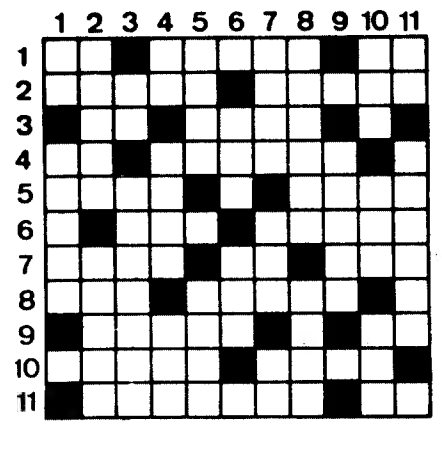
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 930



HORIZONTAIS:

1 Sufixo que designa estado. Mais cedo. Pronome pessoal.
2 Enxugai. Universal.
3 Despido. Cá.
4 Ruim. O mesmo que aluato.
5 Ulmeiro. Baú.
6 Armaria. Empregais.
7 Espanco. Miriare. Bondosa.
8 Primeira das três palavras que formam o nome de umafreguesia do concelho de Anadia. Retruque (pop).
9 BORLA DE BARRETE. Porco.
10 Consomem. Canto de muitas vozes reunidas.
11 Carimbaras. Mulo.

VERTICAIS:

1 Ósmio (s.q). Defunto.
2 Relativo aos rins. Naipe das cartas de jogar.
3 Cobre (s.q). Cordoalha de navio.
4 Em partes iguais. Gorgulho tropical. Doçura.
5 Ninho. Leito.
6 Pronome relativo. Desgraça.
7 Fêmea do cavalo. Embarcação grande (inv). Centiare.
8 Bandos (pop). Irmãos do pai.
9 Da Arábia.
10 Conjunção. Remo para trás. Semelhança.
11 Artigo definido (ant). Que se consorciou.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 929**

HORIZONTAIS:

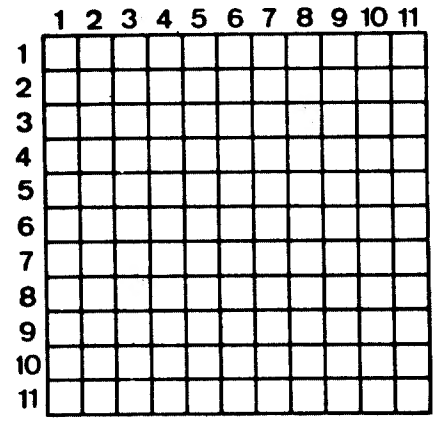
1 CÃO. QUE.
2 Ou. Bau. Armo.
3 LADRA. Rol.
4 Mauri. Cravo.
5 Altas. Ro. És.
6 Pedais.
7 Maré. Ada. Só.
8 Ore. Atira.
9 Rema. Atacar.
10 Dá. Cãs. Vi.
11 Estalar. NÃO.

VERTICAIS:

1 Coima. MORDE.
2 Au. Al. Áreas.
3 Lutarem.
4 Bara. Ata.
5 Cádis.
6 Ur. Pataca.
7 Acreditar.
8 Úa. Rodaras.
9 Erra. AC.
10 Móveis. Avá.
11 Colosso. Rio.

PROVÉRBIO: Cão que ladra não morde.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 759



HORIZONTAIS:

1 Permanece. Pesquisar.
2 Limpe com água. Feiticeiro.
3 Gemera. Colocarás.
4 Pêlos de certos animais. Pronome pessoal.
5 Ouro (s.q). Ronha (no cavalo). Li.
6 Passada.
7 Amanhã (ant). Escarnecem.
8 Pronome relativo. Vazios.
9 Cantão da Suíça. Rio de Portugal. Sufixo que designa abundância.
10 Vagueias. Rede de arrastar.
11 Sacerdote muçulmano. Limpar metais.

VERTICAIS:

1 Inundar. Aquele que.
2 Desaba. Curral.
3 Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros. Atraiçoara.
4 Falsos. O mais. Preposição latina que designa movimento.
5 Guarneceis de asas. Agarrei.
6 Radiano (unidade de ângulo). Quarto.
7 Padecer. Época.
8 Afia. Satélite de Júpiter. Clima.
9 Falha. Cose de novo.
10 Nome de letra. Pessoa importuna (fig).
11 Lugar espaçoso. Ecoar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 758**

HORIZONTAIS:

1 Cádis. Carta.
2 Rirão. Arais.
3 Or. Gr. Re. SS.
4 Só. Ondas. Na.
5 TSF. Aio. Mar.
6 Aaro. Pera.
7 Sigo. Arua.
8 Oásicos.
9 És. Aos. Br.
10 Lenda. Laçai.
11 Areou. Arara.

VERTICAIS:

1 Crosta. Sela.
2 Airosas. Ser.
3 Dr. Frio. Ne.
4 Iago. Ogando.
5 Sorna. Os. Au.
6 Dio. Ia.
7 Carão. Acolá.
8 Ares. Prosar.
9 Ra. Meus. Cá.
10 Tisnara. Bar.
11 Assara. Cria.

Rádio

ANTENA UM

16.00: Pequeno jornal — Rocklândia; **18.00:** Regressos — João Coelho; **19.00:** Informação e música; **20.00:** No estúdio e no estádio (Informação desportiva — 2.ª edição); **20.15:** Música portuguesa; **20.30:** Diálogo; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do jornal da meia-noite. Noticiário de hora a hora.

PROGRAMA 2

15.25: Música do século XX; **16.10:** Missa dos Timbales, de Haydn; **17.00:** Integrais — as obras de piano e orquestra, de Rachamanioff — concerto no.º 2 em dó menor, op. 18; **17.32:** Sonatas — sonata n.º 1 em sol menor BWV 1001, de Bach — sonata em ol menor op. 1 n.º 10. de Tartini — sonata em lá maior, de César Franck; **18.40:** A orquestra filarmónica de Berlim dirigida por Herbert Von Karajan — o cisne de Tuonela op. 22 n.º 3 — sinfonia n.º 1 em mi menor op. 39, de Sibelius; **19.30:** Terra viva, planeta azul; **20.00:** Canções — o báritono Dietrich Fischer Dieskau — o pianista Gunther Weissenborn, interpreta: 7 canções de Reger; **20.40:** Divertimento n.º 17 em ré maior K. 334, de Mozart; **21.30:** Os anos 80 — nesta emissão, ouviremos gravações inéditas de alguns grupos da moderna música britânica; **22.30:** O canto e os seus intérpretes: Barítono Simon Estes; **23.30:** Grandes concertos para instrumentos de sopro — concerto em fá maior, de Vivaldi — concerto para saxofone, de Pierre Max Dubois; **00.00:** A voz da cidade; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283,290 e 397m)

17.00: Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê: **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

17.00: Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da m úsica; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00** Morrison hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média
(canal 1)
Rede Nacional de OM/FM

15.00: Terceira vaga; **18.00:** Bola brnca (3.ª ed.); **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim de tarde; **20.00:** Programa da lar; **20.30:** Cidade nova; **21.00:** Luzes da ribalta; **23.00:** Bola branca (4.ª ed.); **23.30:** Suplemento especial; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«O Inverno Mágico de Roland» e «Fui Visitar a Minha Tia a Marrocos»
18.55 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas
1º Episódio: - Helena, Luis e Pompeu viajam para Lisboa vindos do Algarve. Luís sugere que se faça uma festa para a chegada de João que não vêem há quase dois anos. O camião de Mário circula pela estrada. Margarida vai ao Museu e anuncia ao guarda que prepara uma visita mas, pouco depois, surge Francisco que se mostra ofendido por ela não ter aparecido para almoçar. Julieta fica emocionada com a notícia da vinda do menino João que já é doutor, mas Helena mostra-se indiferente.Oscar pede a Rosa que o ajude a escolher uma prenda de anos para Mina, mas a irmã diz-lhe que a filha só gosta de dinheiro. Filipe e Simão ao saberem que Mário sofreu um acidente dirigem-se para o local. Entretanto Anabela que ignora os últimos acontecimentos, espera Mário, pois fazem anos de casados.

20.50 - Sim, Sr. 1º Ministro
6º Episódio: - Jim Hacker tem o seu primeiro conflito político com o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O Primeiro Ministro acha que deve agir para evitar que uma ilha que faz parte da Commonwealth caia nas mãos dos marxistas - mas Sir Humphrey andava há algum tempo a conspirar com os Negócios Estrangeiros sobre o caso, sem lhe dar conhecimento.

21.20 - Deixem Passar a Música
«Adelaide Ferreira»

22.30 - Pedras Brancas
Último episódio: - «Angústia duma Matança»

23.05 - 24 Horas
23.35 - Remate

A seguir à série «Sim, sr. 1º ministro», quando forem 21,20, também no canal 1, Adelaide Ferreira: «Deixem Passar a Música»

Hoje no 1º canal, às 20,05, tem início a telenovela portuguesa «Palavras Cruzadas»

RTP2

15.02 - Agora, Escolha
16.30 - Notícias
16.35 - O Incrível Mr. Pye
17.30 - Trinta Minutos Com...
Entrevista c/José Rebelo
18.00 - Vidas em Perigo
«O Lobo Marinho e a Lontra»

18.30 - Estádio
19.30 - Artistas Portugueses
«Júlio Resende»

20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
65º Episódio
20.30 - Uma Família às Direitas
40º Episódio
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Espada de Honra
2º Episódio

22.30 - 2ª Volta
23.00 - Benson
8º Episódio
23.25 - E de Ler

AMANHÃ

RTP1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
1915 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas
20.45 - Primeira Página
21.40 - Dempsey c Makepeace
22.30 - 24 Horas
23.00 - Remate

RTP2

15.15 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Contdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - CinemaDois
23.20 - E de Ler

AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."

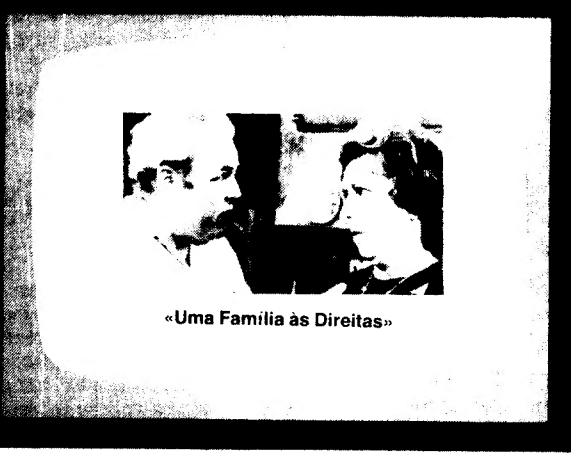
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Sim, sr. 1.º Ministro

RTP2 Uma Família às Direitas

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



«Uma Família às Direitas»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUIZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 - 2 - 3 Publicidade: 36 87 40
Serviços da noite (depois das 21): Portaria 32 11 54 Redacção: 32 02 71 - 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A «maré vermelha» que assola a costa andaluza, em Espanha, não está a fazer-se sentir no Algarve, segundo informou a delegaçãp local da Secretaria de Estado das Pescas. Até agora não apareceu berbigão, ou qualquer outra espécie de marisco bivalde, morta. Mesmo assim, foi lançada hoje uma operação de pesquisa ao longo de toda a costa. O caso de poluição agora verificado na costa de Huelva resultou do lançamento de resíduos tóxicos para o oceano, provavelmente dióxido de titânio, por cargueiros que passavam ao largo de Espanha.

Há cinco ou seis totalistas

Totoloto a dividir na área de Lisboa

• *Totobola para dois apostadores*

O «bolo» do Totoloto desta semana volta a ser repartido por vários totalistas, o que vinha acontecendo desde meados de Dezembro e foi interrompido no passado concurso, em que apenas um apostador acertara nos seis números. No escrutínio do último sábado (números 1, 14, 23, 27, 28 e 31, mais o «15» como suplementar), cinco apostadores, pelo menos, acertaram na «chave», três deles identificados. No Totobola, dois anónimos acertaram nos treze resultados.

O escrutínio revelou-nos, até ao fim da manhã, dois pormenores curiosos (no momento em que ainda se admitia o aparecimento de mais um totalista): o de todos os apostadores com seis resultados certos residirem na periferia de Lisboa — o que até ao momento jamais acontecera —, por um lado; e, por outro, o facto de entre os totalistas e os que acertaram em cinco dos seis números (1, 14, 23, 27, 28 e 34) mais no «suplementar» (15), a diferença ser apenas de verbas. Foi, com efeito, também, a primeira vez que o seu número em nada, ou muito pouco, diferiu. Previa-se, ao fim da manhã, que aos (já) seis apurados com cinco resultados mais o «15», correspondesse o mesmo em relação ao primeiro prémio: os 5 já encontrados mais um (segundo os palpites).

Caso fossem cinco os totalistas, a cada um caberiam 12 mil contos. Na hipótese de surgir o tal sexto totalista, então o primeiro prémio seria de 10 800 contos para cada um deles. Em relação ao segundo prémio, previa-se que a cada saíssem 2157 contos, ao passo que os apostadores que acertaram em cinco resultados (falharam, além de um dos seis da «chave», também o suplementar), receberão 63 700 escudos (entre 575 e 610 apostadores). Os 4.º e 5.º prémios são da ordem dos 1524$00 (para um número entre 35 120 e 37 400) e dos 122$00 (entre 600 222 e 706 000).

Quanto ao Totobola mantinham-se, ao fim da manhã, dois apostadores com «treze» resultados certos, cabendo a cada um 10 992 221 escudos. Com doze resultados certos haviam sido escrutinadas 62 apostas, recebendo cada uma 354 587 escudos, e com 11 na «mouche» foram apuradas 897 apostas, a que corresponde o prémio de 24 508 escudos.

Os totalistas do Totoloto são José Nunes Cândido, de Queluz; Manuel Amílcar Ramalhal, de Lisboa; Armindo Pereira Coelho, de Casas Novas; uma anónima de Sintra e um anónimo da Malveira. Anónimos também são os dois totalistas do Totobola: um de Braga e outro da Covilhã.

Bragança, cidade branca

Maior nevão dos últimos anos

Os bragantinos foram surpreendidos, esta manhã, a caminho dos seus empregos, pelo maior nevão dos últimos anos. Os telhados do casario ficaram esta manhã cobertos por espessa camada de neve, tal como as estradas da região.

Algumas localidades dos arredores de Bragança ficaram, por esse motivo, incomunicáveis, dada a impossibilidade de circulação automóvel.

Amanhã no "DL"

A Lei da Rádio garante o pluralismo

«A Lei da Rádio é uma lei justa, democrática, que garante o pluralismo na radiodifusão e coloca todos no mesmo pé de igualdade», escreve Manuel Tito de Morais, presidente do PS, num artigo que publicaremos na nossa edição de amanhã. «O Estado português é um Estado laico. Tem o dever de não privilegiar qualquer confissão religiosa, respeitando-as todas no exercício das suas funções espirituais», afirma ainda Tito de Morais.

DECARAS

SARAH FERGUSON, duquesa de York, casada desde Julho passado com o príncipe André «pode estar grávida», informa hoje o jornal britânico «Daily Express». O rumor da possível gravidez da princesa Sarah Ferguson não foi confirmado nem desmentido pelo Palácio de Buckingham. Um porta-voz da rainha Isabel II limitou-se a afirmar que não havia nada a comentar. O «Daily Express» sustenta que a princesa interrompeu as suas férias na residência real de Sandrighan, no condado de Norfolk, e viajou para Londres para visitar o seu médico ginecologista, Anthony Kenny, que por sua vez se negou a fazer qualquer comentário, considerando que tal não seria ético.

COUTO DOS SANTOS, secretário de Estado da Juventude, disse ontem em Évora que não pode ser o Estado a empregar os jovens porque não está vocacionado para essa acção. Aquele membro do Governo falava para cerca de um milhar de jovens do distrito, durante um encontro-debate em que fez o balanço do programa OTJ/86. Couto dos Santos é da opinião de que se não existirem novas empresas não haverá novos empregos e se o Estado tivesse a vocação de empregador seria um mau gestor.

MARGARET THATCHER, em resposta às questões colocadas por crianças num programa da BBC, defendeu as armas nucleares, descreveu a música rock como «um pouco barulhenta» e disse que gostava de ver mais mulheres na política. Os jovens telespectadores britânicos fizeram as perguntas à senhora Thatcher por telefone para o programa televisivo da BBC «Spersotre». Interrogada por uma rapariga sobre onde esperaria encontrar-se quando eclodisse uma guerra nucler, a primeira-ministro britânica retorquiu: «Em Londres». Margaret Thatcher afirmou ainda que «o importante é possuir armas nucleares para impedir uma guerra de qualquer tipo». Na sua opinião, «As armas nucleares são a melhor política».

FLÁVIO GALVÃO, o actor brasileiro que fez o papel de «diabo» na telenovela «Corpo a Corpo», garantiu já a sua presença na Carnaval da Mealhada. O actor, contratado no Brasil para reidaquele carnaval, torna-se assim o primeiro brasileiro anunciado para mais um carnaval luso, nos últimos anos recheado de presenças do género.

MARIA LÚCIA LEPECKI, professora da Faculdade de Letras de Lisboa, é um dos membros da Comissão Proponente do «2º Encontro para a Investigação e Ensino do Português», previsto para o final do primeiro trimestre deste ano. Dez anos passados sobre a realização do 1º Encontro, um ano após a integração na CEE e mais recentemente o despacho ministerial que preconiza a indispensabilidade de aproveitamento positivo na disciplina de Português para a aprovação do ano, levou um grupo de docentes e investigadores a entenderem repetir a experiência num novo Encontro.

MIGUEL TORGA deu o nome a um prémio literário atribuído pela cidade de Coimbra que distinguiu, na edição de 1986, o livro de contos «Sementes de Só, Raízes de Mim», entregue no Salão Nobre da Câmara de Coimbra. O galardão, disputado por 60 concorrentes, contemplou uma contista estreante, Madalena Teles Marques Caixeiro, que recebeu 300 contos e viu a sua obra editada.

Poluição do Guadiana obriga a recorrer a furos artesianos

As consequências do acidente ecológico recentemente verificado perto da cidade espanhola de Mérida estão agora a fazer-se sentir na parte portuguesa do rio Guadiana, segundo acusações formuladas pelo presidente da Câmara de Mértola.

De acordo com o autarca, o rio está gravemente afectado, o que é notório dada a coloração das águas, agora acastanhadas, junto daquela vila. Essa coloração não é habitual e por isso já foram encomendadas análises.

Esta situação obrigou a Câmara de Mértola a alterar as fontes de abastecimento da água à população, habitualmente a partir do rio Guadiana, e que agora passou exclusivamente a ser feito a partir de furos artesianos.

O problema é que esses furos artesianos não dão garantias de qualidade, porque a água não é de primeira, e por outro lado a quantidade também não permite grandes planos.

Face a esta emergência, a Câmara de Mértola informou já a Secretaria de Estado do Ambiente de que os espanhóis têm de abrir urgentemente as comportas das barragens situadas na zona fronteiriça para que seja possível a renovação das águas e a recuperação do rio.

«A jusante, Mértola arca agora com os despejos, estando a fauna piscícola seriamente ameaçada e a população correndo o risco de graves epidemias, já que a rede pública de abastecimento de água é em parte alimentada pelo Guadiana», explica o presidente do município.

Segundo o autarca, as medidas dos espanhóis para fazerem face ao desastre ocorido em Mérida, resumiram-se a abrir as comportas na necessária medida que permitisse a limpeza do rio a montante, e «empurraram para o território português toda a podridão».

Assim, entre Alcoutim e a Foz do Gaudiana são já visíveis os prejuizos causados pelo desastre de Mérida e os pescadores da zona referem que têm enncontrado centenas de peixes mortos no estuário do rio.

«Do rio azul resta a memória», segundo o presidente da Câmara de Mértola», comentando este desastre para a parte portuguesa do Guadiana.